



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2017**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Clovis Campos de Oliveira

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.9 - Nonº levantamento | **JUNHO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Nonº levantamento, Brasília, p. 1-161 junho 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctâo do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Taja, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iraildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberta Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira , Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valem Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaca, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); Cézar Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Ateam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapac); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- **8**



2. Introdução ----- **10**



3. Estimativa de área plantada ----- **12**



4. Estimativa de produtividade ----- **17**



5. Estimativa de produção ----- **22**



6. Crédito rural ----- **27**



7. Análise climática - Inmet ----- **36**



8. Monitoramento agrícola ----- **40**



9. Análise das culturas	43
9.1. Culturas de verão -----	43
9.1.1. Algodão -----	43
9.1.2. Amendoim -----	53
9.1.2.1 Amendoim primeira safra-----	53
9.1.2.2. Amendoim segunda safra-----	55
9.1.2.2. Amendoim total-----	57
9.1.3. Arroz-----	58
9.1.4. Feijão -----	65
9.1.4.1 Feijão primeira safra-----	65
9.1.4.2 Feijão segunda safra-----	73
9.1.4.3 Feijão terceira safra-----	82
9.1.4.4 Feijão total-----	86
9.1.5. Girassol - -----	91
9.1.6. Mamona -----	94
9.1.7. Milho -----	97
9.1.7.1 Milho primeira safra-----	97
9.1.7.1 Milho segunda safra-----	101
9.1.7.1 Milho total -----	105
9.1.8. Soja -----	108
9.1.9. Sorgo -----	117
9.2. Culturas de inverno -----	123
9.2.1. Aveia-----	123
9.2.2. Canola -----	125
9.2.3. Centeio -----	126
9.2.4. Cevada -----	127
9.2.5. Trigo -----	128
9.2.6. Triticale -----	133
11. Receita bruta -----	135
11. Balanço de oferta e demanda -----	143
12. Calendários de plantio e colheita -----	145







1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17 a estimativa é de 234,33 milhões de toneladas. Crescimento de 25,6% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 47,72 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,49 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 3,7% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: cultura em floração/frutificação e em boas condições. A produção deve atingir 2,24 milhões de toneladas de caroço e 1,49 milhão de toneladas de pluma.

Amendoim primeira safra: colheita concluída, com produção de 439,3 mil toneladas, crescimento de 13% em relação à safra anterior.

Arroz: colheita em fase final e condições climáticas favoráveis ao longo de todo o ciclo resultaram em 12 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: colheita concluída e produção de 1,39 milhão de toneladas, sendo 857,4 mil toneladas de feijão comum cores, 318,2 mil toneladas de feijão comum preto e 210,9 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: o acréscimo de área nessa safra e as boas expectativas de produtividades resultam numa safra de 1,31 milhão de toneladas. A produção deverá ser de 639,4 mil toneladas de feijão comum cores, 208,6 mil toneladas de feijão comum preto e 460,1 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão terceira safra: plantio finalizando, com expectativa de plantio de 566,8 mil hectares e produção de 696,6 mil toneladas.

Milho primeira safra: colheita em conclusão, com produção estimada de 30,31 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: colheita iniciada em alguns estados, com estimativa de produção total de 63,52 milhões de toneladas, cultivadas em 11,8 milhões de hectares.

Soja: com a colheita finalizada nos principais estados produtores, a produção está estimada em 113,92 milhões de toneladas.

Trigo: a estimativa é de redução na área plantada, estimada em 1,93 milhão de hectares em razão do preço do produto e aos estoques de ótima qualidade da safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório, construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas,

abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Neste levantamento, a informação de área a ser plantada é divulgada com intervalos (limite inferior e superior), visto que as informações ainda são incipientes e retratam a primeira estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística

para estimar as produtividades das culturas na safra 2016/17. Portanto, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações mais detalhadas de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.



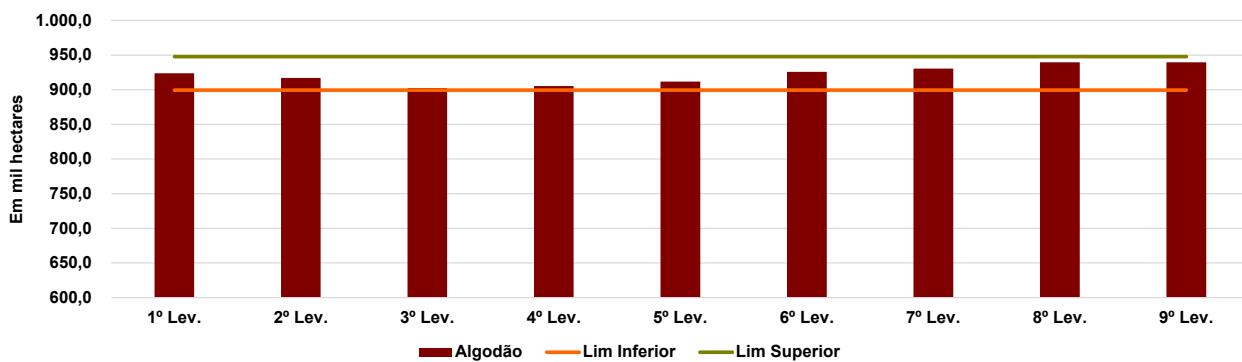


3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

A safra brasileira de grãos está estimada em 60,49 milhões de hectares neste nono levantamento, com pesquisa realizada pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. Esse levantamento traz a consolidação da área plantada das culturas de primeira e segunda safras, sobretudo o milho segunda safra, além do avanço do plantio de feijão terceira safra. As culturas de inverno estão em processo de semeadura, mas permanece o quadro de redução de área, sobretudo o trigo, maior área cultivada entre essas culturas. O aumento de área plantada em relação à última safra é de aproximadamente 2,15 milhões de hectares.

Nessa safra o algodão tem sido cultivado em quatro das cinco regiões do país, porém, em face das condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação, permanece concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão e Minas Gerais. Esses estados correspondem a 98% da área total. Agora em abril a semeadura foi finalizada em todos os estados produtores do país e, dentro desse contexto, há pouca variação em relação ao levantamento anterior. Sendo assim, o Brasil tem uma área de algodão estimada em 938,8 mil hectares.

Gráfico 1 – Estimativa de área plantada de algodão

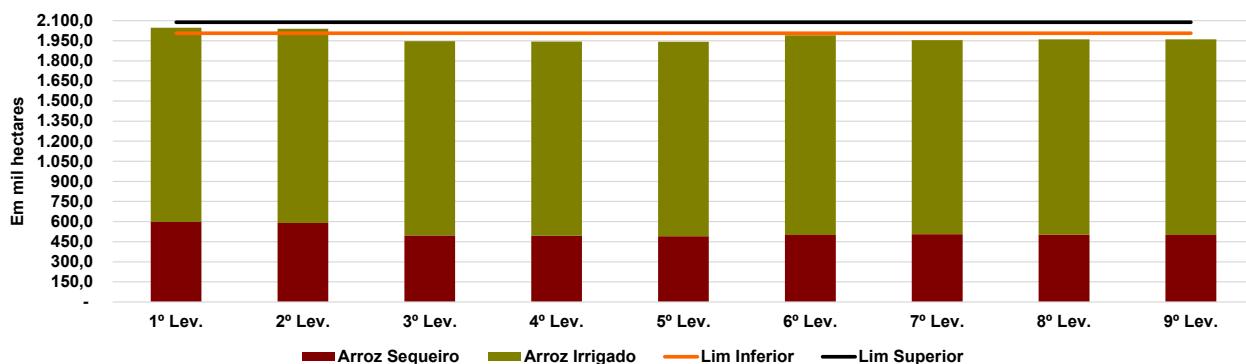


Fonte: Conab.

Em relação ao arroz há tendência de redução da área plantada de sequeiro em quase todos os estados produtores. Por competir com a área de soja e milho primeira safra, uma vez que são cultivadas no mesmo período, na maior parte das vezes essa cultura perde lugar para esses cultivos devido a sua menor rentabilidade. Maranhão e Mato Grosso, estados com as maiores áreas plantadas de sequeiro, são exemplos

dessa retração. A área plantada de arroz sofreu modificação ao longo dos levantamentos, principalmente pela incerteza do produtor em cultivar milho ou soja nas áreas de arroz de sequeiro. Já as áreas cultivadas sob irrigação, a tendência é de manutenção e/ou incremento do seu cultivo. A estimativa é de cultivo de 1,98 milhão de hectares com arroz.

Gráfico 2 – Estimativa de área plantada de arroz

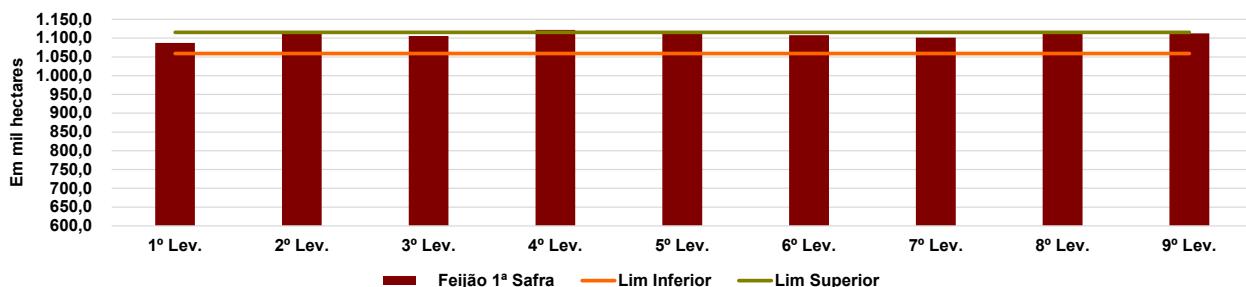


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Piauí, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território nacional. A área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumentou nos principais estados produto-

res, influenciado pelos preços de mercado e ao clima favorável. Tanto o feijão comum cores quanto o caupi apresentam ganho de área. O feijão comum preto deve ter redução de área, cedendo área para o feijão comum cores.

Gráfico 3 – Estimativa de área plantada de feijão primeira safra



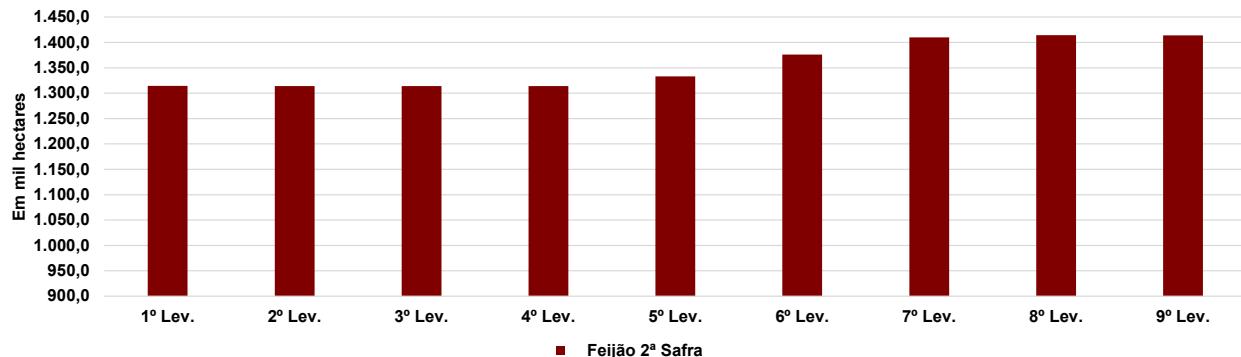
Fonte: Conab.



O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não concorrer com a soja, e também porque a colheita é realizada em época com menor intensidade de chuvas, o que favorece a qualidade do grão colhido. A boa expectativa para o feijão segunda safra se confirma neste levantamento,

permanecendo a estimativa de 1,4 milhão de hectares, em face das condições climáticas propícias ao plantio e desenvolvimento. Diante disso, a perspectiva é de aumento na área semeada dos três tipos de feijão, o comum cores, caupi e comum preto.

Gráfico 4 – Estimativa de área plantada de feijão segunda safra

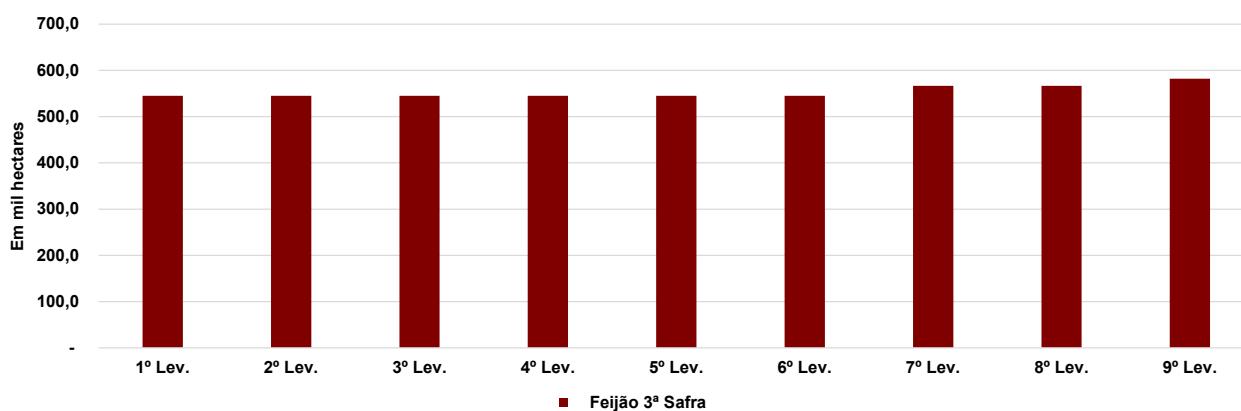


Fonte: Conab.

O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação no Centro-Sul e coincide com o período chuvoso na Região Norte/Nordeste. Essa cultura tem grande variação de área cultiva entre as diferentes safras porque depende muito do comportamento da primeira e segunda safras. Apesar de responder por cerca de 20% da área total de feijão, duas variáveis influenciam o tamanho da área a ser plantada. A primeira são as condições de mercado, que podem incentivar o incremente ou não da área. A segunda é a pressão de pra-

gas, principalmente a mosca branca, que pode levar os produtores a inibir o cultivo, em face do aumento dos custos de produção para o seu controle. Boas expectativas de plantio, condições climáticas favoráveis e menor pressão de pragas em relação à safra anterior levam a estimativa de aumento de área para a terceira safra.

Gráfico 5 – Estimativa de área plantada de feijão terceira safra



Fonte: Conab.

O milho cultivado na primeira safra sempre concorre com o cultivo da soja, o que tem resultado em quedas recorrentes de área cultivada. No entanto, nessa safra, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. No Matopiba

houve aumento da área plantada na Bahia e no Maranhão. Piauí e Tocantins perderam área para a soja, uma vez que na safra passada as condições não foram adequadas para o cultivo da oleaginosa.

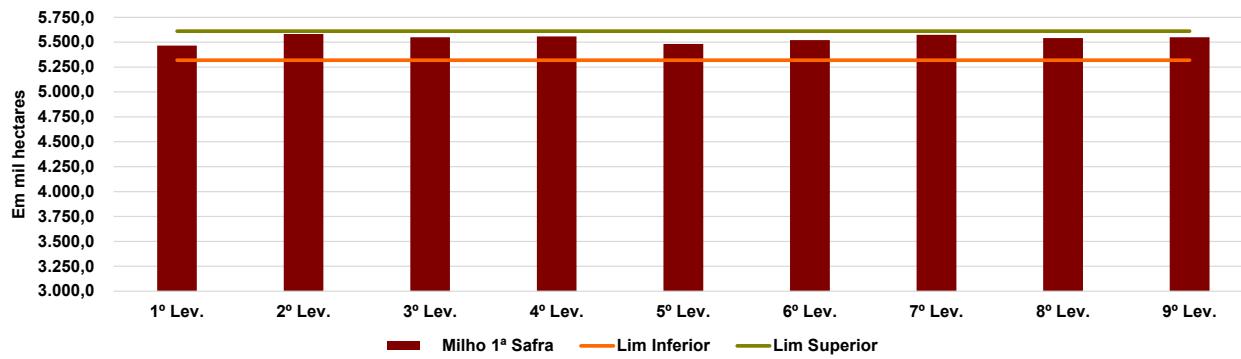
O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas nas diferentes regiões do país. Esse calendário



diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tarde. Porém

a área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos.

Gráfico 6 – Estimativa de área plantada de milho primeira safra

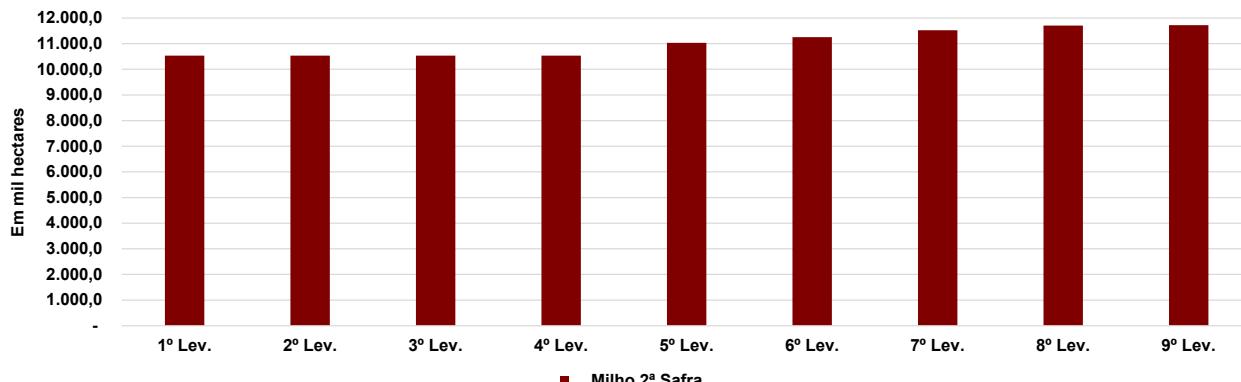


Fonte: Conab.

Para a segunda safra de milho a estimativa é de aumento na área semeada. A destinação de área para o cultivo deve ultrapassar os 11,8 milhões de hectares, aumento de 11,9%, mas sem grande alteração em relação ao levantamento anterior. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de janeiro, após a colheita da soja. Nessa safra o

plantio de soja ocorreu na época recomendada, seguindo de uma colheita rápida, o que favoreceu a semeadura do milho segunda safra. Os bons regimes pluviométricos, coincidindo com dias de tempo aberto, impulsionaram o avanço do plantio de milho segunda safra e deve ocupar cerca de 35% da área plantada com soja.

Gráfico 7 – Estimativa de área plantada de milho segunda safra



Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agronômico e de pacotes tecnológicos acessíveis, são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente em quase todos os estados produtores.

A soja tem sido a principal cultura cultivada no país e, pela sua rentabilidade, tem ocupado lugar de outras culturas, mas, principalmente, tem seu avanço sobre áreas de pastagens, que têm sido reconvertidas para o cultivo de grãos. Apesar das incertezas no início do cultivo, quanto ao trimestre chuvoso para a semeadura da cultura, houve precipitações favoráveis e o avanço foi superior aos anos anteriores. A soja praticamente já teve a sua colheita totalizada, cedendo área para o cultivo de algodão segunda safra, milho segunda safra e feijão.



Gráfico 8 – Estimativa de área plantada de soja

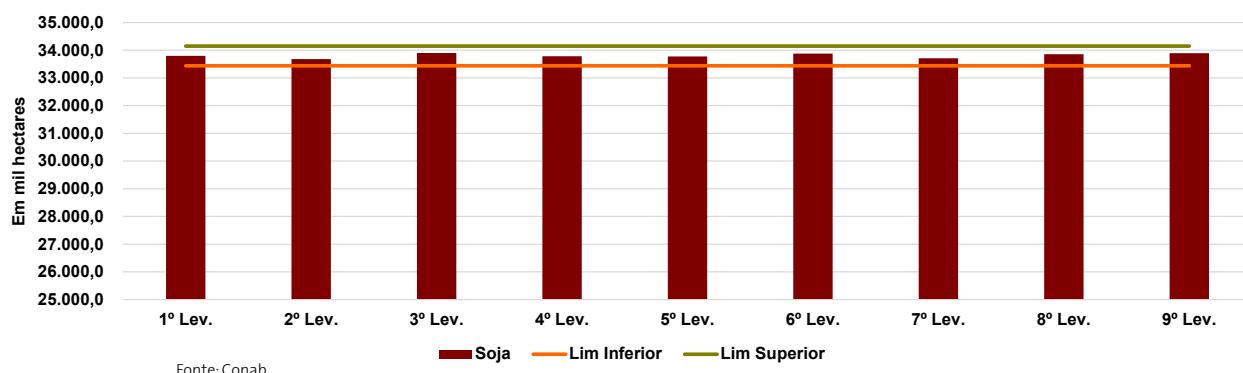


Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)		
ALGODÃO	955,2	939,7	938,8	(1,7)	(16,4)
AMENDOIM TOTAL	119,6	126,0	127,2	6,4	7,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	117,5	118,7	7,6	8,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	8,5	8,5	(8,6)	(0,8)
ARROZ	2.008,0	1.961,4	1.975,3	(1,6)	(32,7)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	500,9	515,4	(15,2)	(92,3)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.460,5	1.459,9	4,3	59,6
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.093,8	3.069,0	8,2	231,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.112,7	1.110,0	13,4	131,4
CARIOSCA	409,9	480,1	477,5	16,5	67,6
PRETO	180,5	174,2	174,2	(3,5)	(6,3)
CAUPI	388,2	458,4	458,3	18,1	70,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.414,4	1.390,2	6,0	79,0
CARIOSCA	404,6	426,9	429,7	6,2	25,1
PRETO	118,0	130,5	130,1	10,3	12,1
CAUPI	788,6	857,0	830,4	5,3	41,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	566,7	568,8	3,9	21,1
CARIOSCA	467,8	491,2	483,6	3,4	15,8
PRETO	9,6	0,2	11,0	14,6	1,4
CAUPI	70,3	75,3	74,2	5,5	3,9
GIRASSOL	51,5	62,9	62,3	21,0	10,8
MAMONA	31,8	30,5	29,3	(7,9)	(2,5)
MILHO TOTAL	15.922,5	17.244,4	17.346,5	8,9	1.424,0
MILHO 1ª SAFRA	5.356,6	5.541,0	5.521,8	3,1	165,2
MILHO 2ª SAFRA	10.565,9	11.703,4	11.824,7	11,9	1.258,8
SOJA	33.251,9	33.856,0	33.889,9	1,9	638,0
SORGO	579,0	611,7	632,1	9,2	53,1
SUBTOTAL	55.757,0	57.926,4	58.070,4	4,1	2.313,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)		
AVEIA	291,5	299,4	301,5	3,4	10,0
CANOLA	47,5	46,1	48,0	1,1	0,5
CENTEIO	2,5	2,6	3,0	20,0	0,5
CEVADA	95,6	112,0	112,2	17,4	16,6
TRIGO	2.118,4	1.953,5	1.931,1	(8,8)	(187,3)
TRITICALE	23,5	22,2	21,4	(8,9)	(2,1)
SUBTOTAL	2.579,0	2.435,8	2.417,2	(6,3)	(161,8)
BRASIL	58.336,0	60.362,2	60.487,6	3,7	2.151,6

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

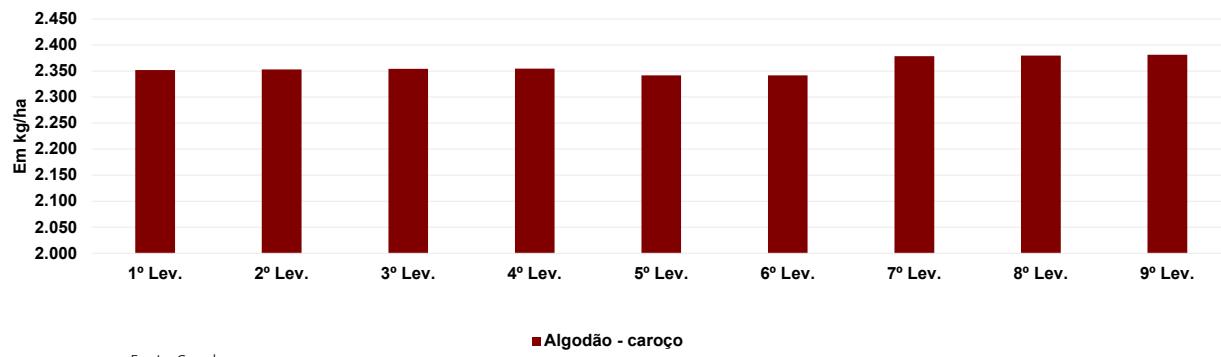




4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

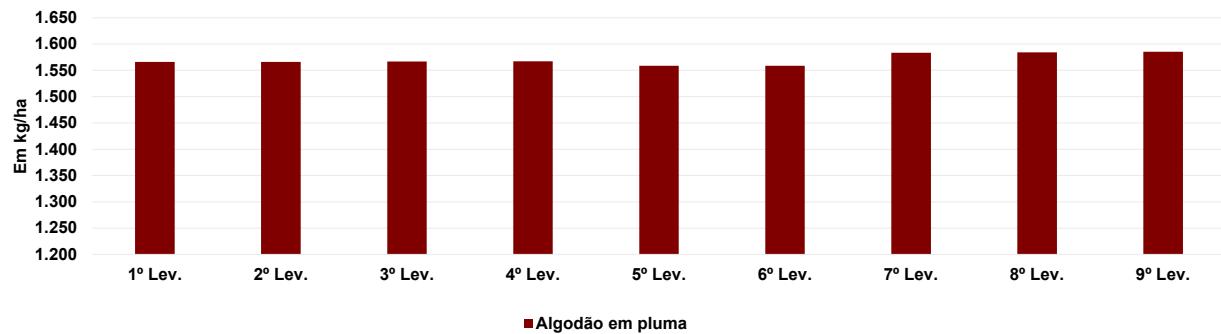
No Brasil, mais de 95% da área semeada com algodão é realizada com o uso de elevado pacote tecnológico. Isso ocorre por causa do alto custo de cultivo envolvido, à dependência da demanda do mercado externo e à verticalização da produção. Assim, a cultura fica dependente apenas das condições climáticas. O que se pode observar é que, diferentemente da safra passada, que foi fortemente influenciada pelo efeito El Niño, nessa safra as condições climáticas têm contribuído muito para as boas condições da cultura. A estimativa de produtividade atual é de 2.382 kg/ha de caroço de algodão e 1.585 kg/ha de pluma, sendo a segunda melhor produtividade média alcançada pelo país.

Gráfico 9 – Estimativa de produtividade de caroço de algodão



Fonte: Conab.

Gráfico 10 – Estimativa de produtividade de algodão em pluma

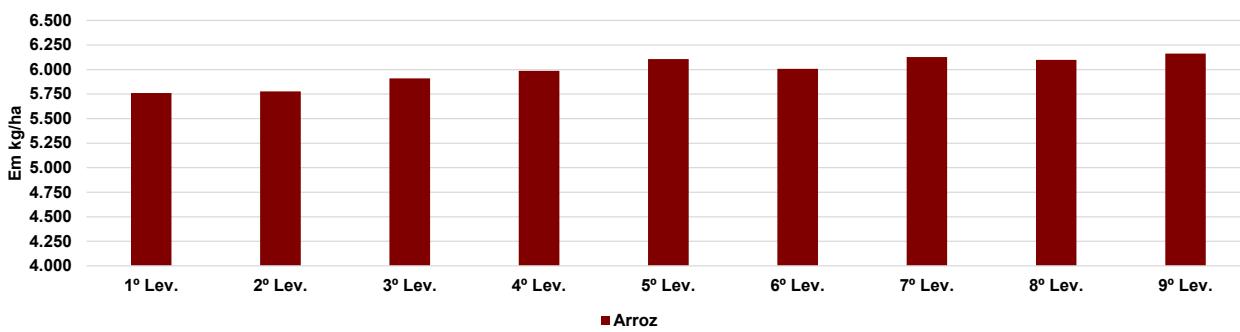


Fonte: Conab.

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz nessa safra, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro. Além disso, as boas condições climáticas em todo o desenvolvimen-

to da cultura influenciaram o aumento das estimativas de produtividade do arroz. Atualmente a previsão é que a média brasileira se situe em 6.141 kg/ha, a maior da série histórica e 13,3% superior à melhor produtividade já alcançada, ocorrida na safra 2014/15, de 5.422 kg/ha.

Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de arroz



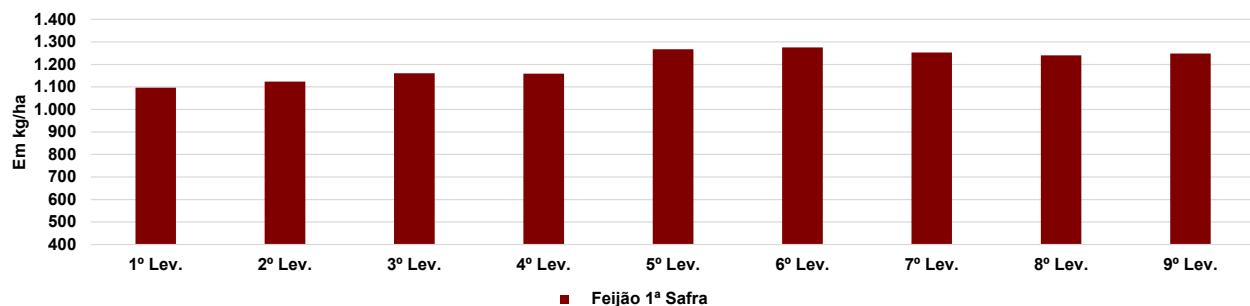
Fonte: Conab.

A recuperação no potencial produtivo em relação a outras safras e as boas condições climáticas favore-

ceram o aumento da produtividade para o feijão primeira safra.



Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra

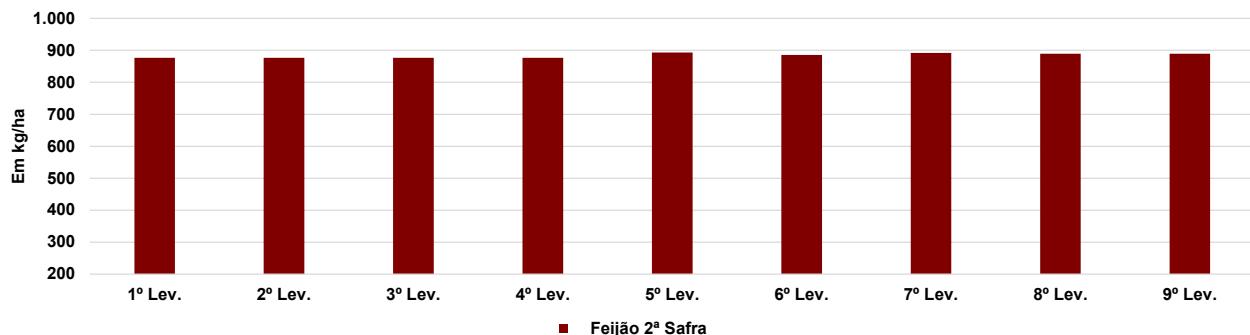


Fonte: Conab.

O feijão segunda safra mantém a expectativa de ter uma boa safra em termos de produtividade. A captação das informações de campo, substituindo as produtividades derivadas dos cálculos estatísticos dos primeiros levantamentos, assinala para o aumento da

produtividade do feijão segunda safra em relação à safra passada. A variação em relação à estimativa estatística é muito pequena, confirmando a expectativa já estimada inicialmente.

Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra

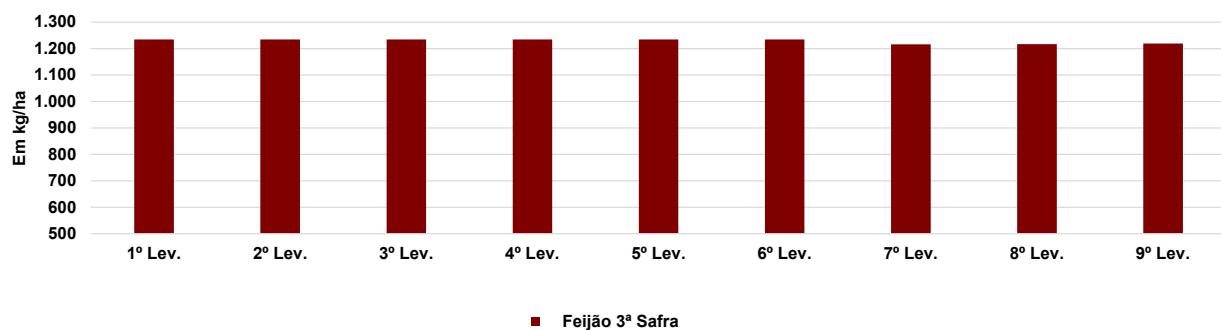


Fonte: Conab.

O feijão terceira safra normalmente possui pouca variação de produtividade entre os levantamentos porque a cultura é cultivada sob irrigação na Região

Centro-Sul e no período chuvoso na Região Norte/Nordeste, o que, de certa forma, garante uma boa produtividade.

Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de feijão terceira safra



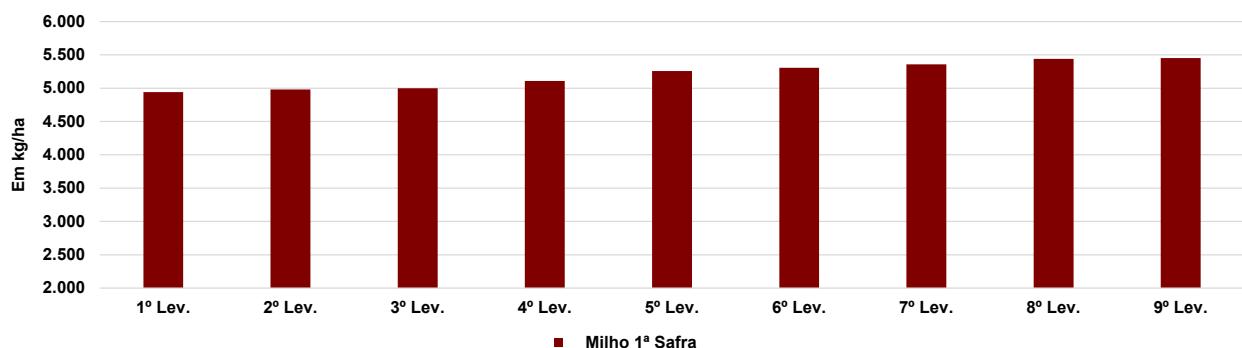
Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aquelas que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nessa cultura na primeira safra, tanto com aumento de área como com melhores tratos culturais. Assim, melhores tratos cul-

turais, aliados às boas condições climáticas apresentadas resultaram na expressão de boas produtividades pelas lavouras, alcançando nesse levantamento, a melhor produtividade média do país (5.490 kg/ha), 7,2% superior à produtividade da safra 2012/13 (5.097 kg/ha), segunda maior da série.



Gráfico 15 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra

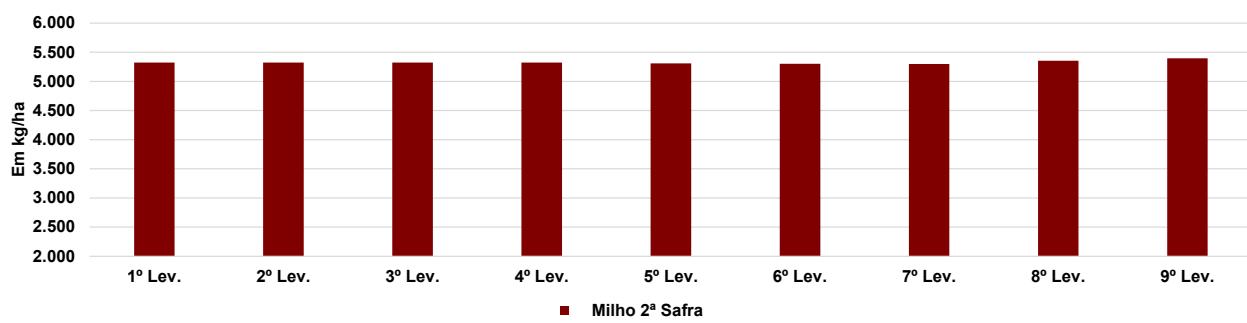


Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra não é mais somente de recuperação da sua produtividade, após o baixo rendimento na última safra. As condições climáticas continuam favorecendo a cultura e a estimativa de produtividade (5.372 kg/ha) já é a segunda

melhor da série histórica. Com o avanço da colheita, nos próximos meses será possível analisar com mais detalhes o efeito das boas condições climáticas sobre a safra corrente.

Gráfico 16 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra

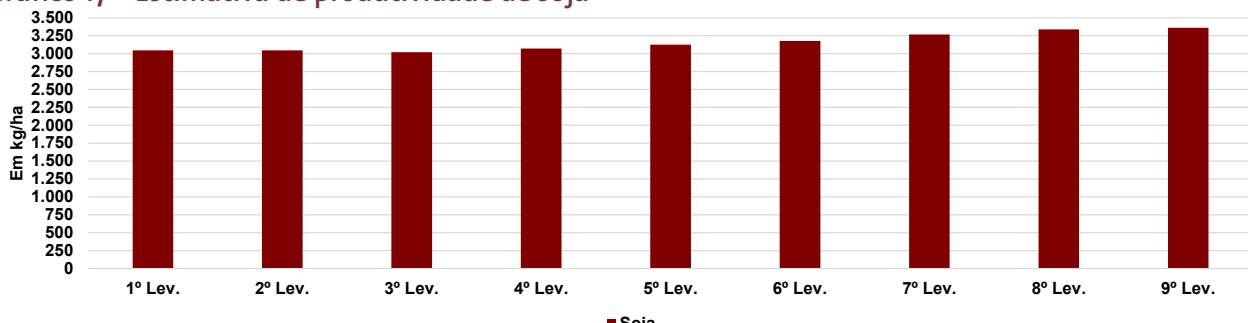


Fonte: Conab.

A soja é uma cultura em que há alto investimento por parte do produtor em todas as regiões produtoras, tanto em equipamentos, quanto em tecnologia de sementes, adubação e defensivos agrícolas. Com a colheita quase que finalizada, tendo em vista o calendário diferenciado de alguns estados, o bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo o ciclo resultou em produtividade média bem superior à observada na última safra e 8% superior à safra 2010/11. Essas duas

safras são as únicas onde a produtividade média foi superior a 3.000 kg/ha. A estimativa é de 3.362 kg/ha na presente safra. A melhora na estimativa de produtividade nesse levantamento decorre da finalização da colheita no Rio Grande do Sul e da Bahia, estados onde tradicionalmente a cultura é afetada por problemas climáticos, mas teve excelente produção na presente safra.

Gráfico 17 – Estimativa de produtividade de soja



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.380	2.382	17,4	353,6
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.584	1.585	17,4	235,0
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.549	3.590	5,7	194,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.664	3.701	5,0	176,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	1.962	2.045	9,2	172,0
ARROZ	5.280	6.099	6.141	16,3	860,4
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.234	2.283	12,5	254,3
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.425	7.503	12,1	811,2
FEIJÃO TOTAL	886	1.076	1.105	24,7	219,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.240	1.249	18,2	192,3
CORES	1.619	1.787	1.796	11,0	177,3
PRETO	1.601	1.816	1.826	14,1	225,3
CAUPI	210	449	460	118,6	249,7
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	890	941	35,2	244,7
CORES	1.226	1.462	1.488	21,3	261,6
PRETO	1.494	1.679	1.603	7,3	109,0
CAUPI	305	485	554	81,8	249,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.217	1.225	18,4	190,6
CORES	1.079	1.305	1.336	23,9	257,3
PRETO	420	3.000	502	19,7	82,6
CAUPI	578	638	605	4,7	27,2
GIRASSOL	1.224	1.477	1.486	21,5	262,6
MAMONA	465	509	512	10,2	47,3
MILHO TOTAL	4.178	5.383	5.409	29,5	1.231,1
MILHO 1ª SAFRA	4.809	5.441	5.490	14,2	681,1
MILHO 2ª SAFRA	3.859	5.356	5.372	39,2	1.513,1
SOJA	2.870	3.338	3.362	17,1	491,5
SORGO	1.782	2.778	2.937	64,8	1.155,1
SUBTOTAL	3.202	3.895	3.925	22,6	723,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.365	2.341	(17,6)	(499,0)
CANOLA	1.514	1.555	1.569	3,6	55,0
CENTEIO	2.600	1.692	1.700	(34,6)	(900,0)
CEVADA	3.921	2.998	3.040	(22,5)	(881,0)
TRIGO	3.175	2.672	2.696	(15,1)	(479,0)
TRITICALE	2.898	2.514	2.659	(8,2)	(239,0)
SUBTOTAL	3.131	2.625	2.643	(15,6)	(488,0)
BRASIL (2)	3.199	3.844	3.874	21,1	674,9

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/ 2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (234,3 MILHÕES DE TONELADAS)

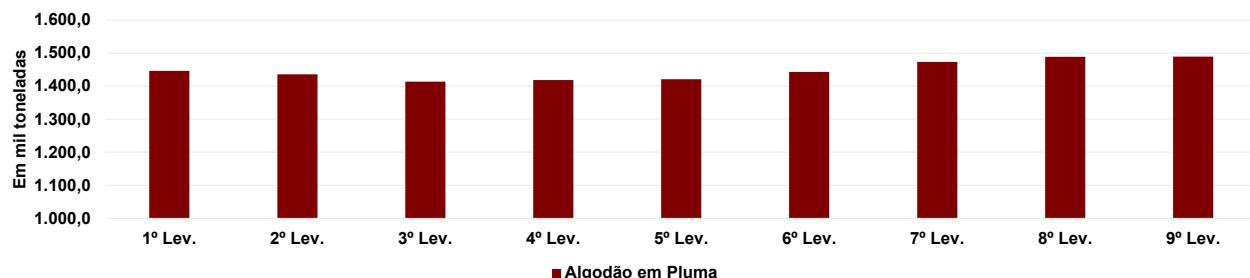
A safra brasileira de grãos caminha para um novo recorde na produção nacional. O Brasil deve colher 234,3 milhões de toneladas de grãos na presente safra, aumento de 25,6%. Esse é o segundo maior ganho percentual entre safras equivalentes, uma combinação de quebra na safra 2015/16, aumento de área na safra 2016/17 e condições climáticas contribuindo para expressar todo o investimento realizado nas lavouras pelos produtores. Serão 47,7 milhões de toneladas a mais sendo colhidas nos cerca de 60 milhões de hectares do país. Para efeito de comparação, o incremento é superior à produção total da safra 1976/77 (início da série histórica da Conab), que foi de 46,9 milhões de toneladas.

A soja e o milho, principais culturas produzidas no país, apresentam ganho na produção de 19,4 e 41%, respectivamente. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção de 113,9 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 93,8 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (30,3 milhões de toneladas) e segunda safra (63,5 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 12,1 milhões de toneladas e 3,39 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuídas por safra, a produção de feijão está estimada em 1,39 milhão de toneladas na primeira safra, 1,31 milhão de toneladas na segunda safra e 696,6 mil toneladas na terceira safra. A produção de feijão comum cores deve alcançar 2,14 milhões de toneladas, a de feijão comum preto está

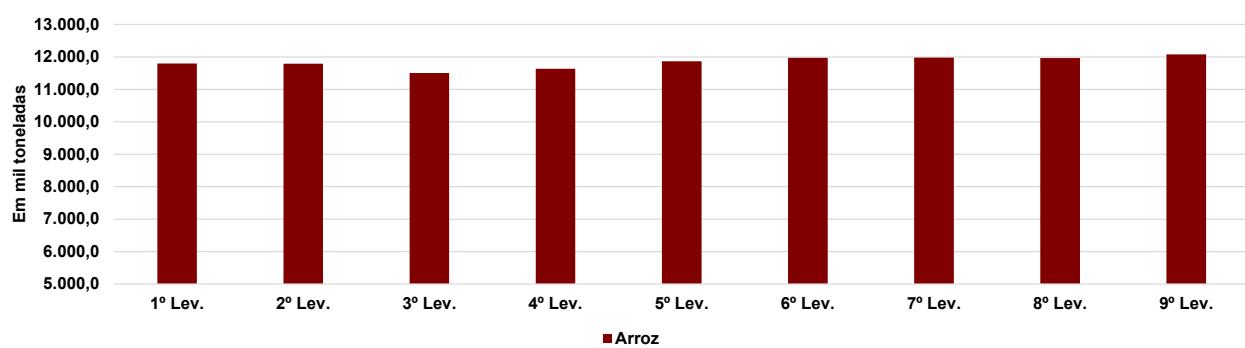
estimada em 532,2 mil toneladas e a de feijão-caupi em 715,8 mil toneladas.

Gráfico 18 – Estimativa de produção de caroço de algodão em pluma



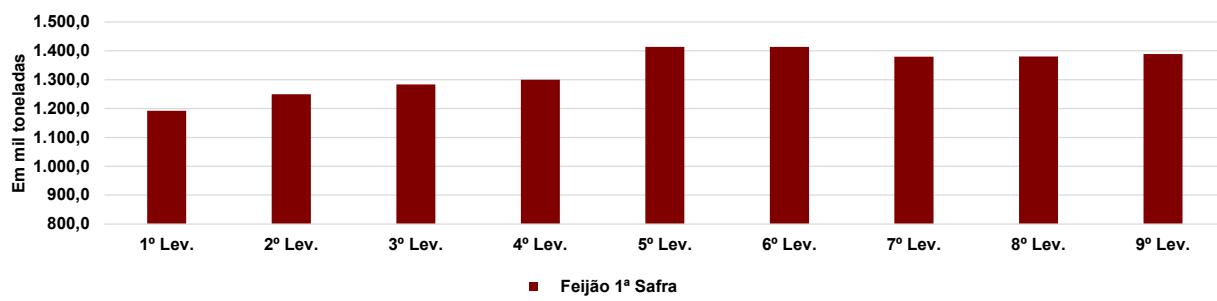
Fonte: Conab.

Gráfico 19 – Estimativa de produção de arroz



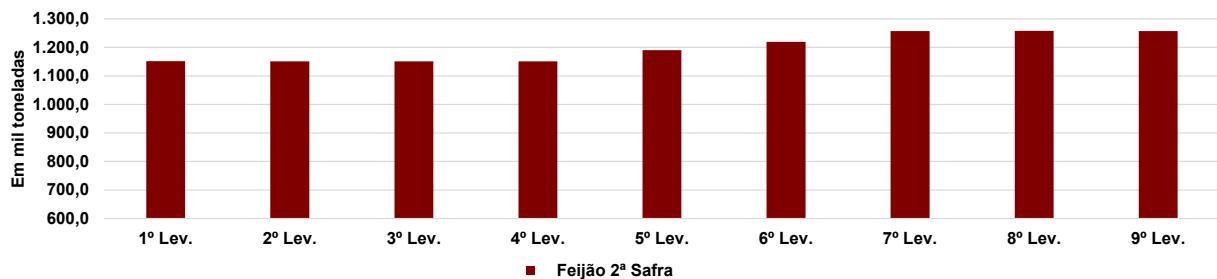
Fonte: Conab.

Gráfico 20 – Estimativa de produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

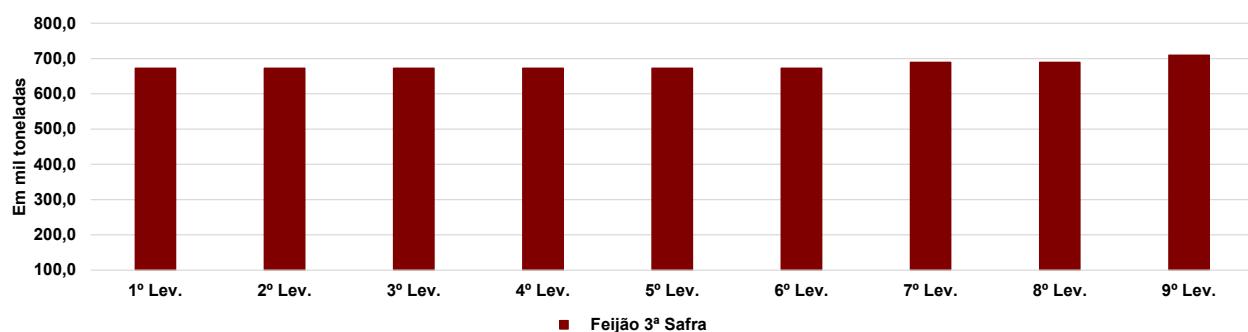
Gráfico 21 – Estimativa de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

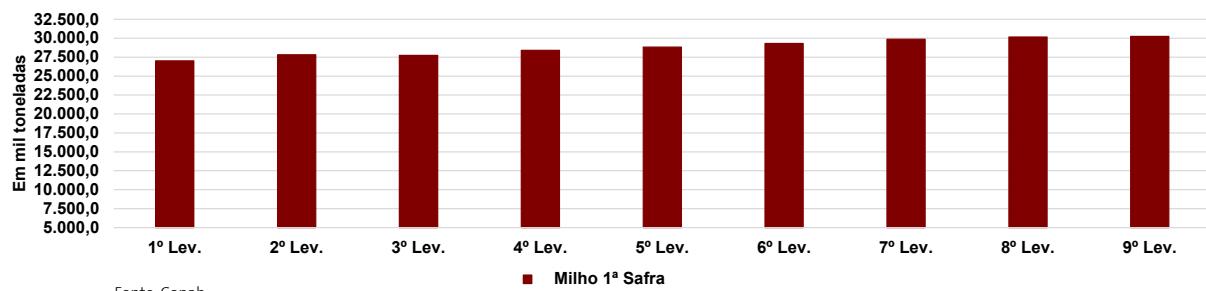


Gráfico 22 – Estimativa de produção de feijão terceira safra



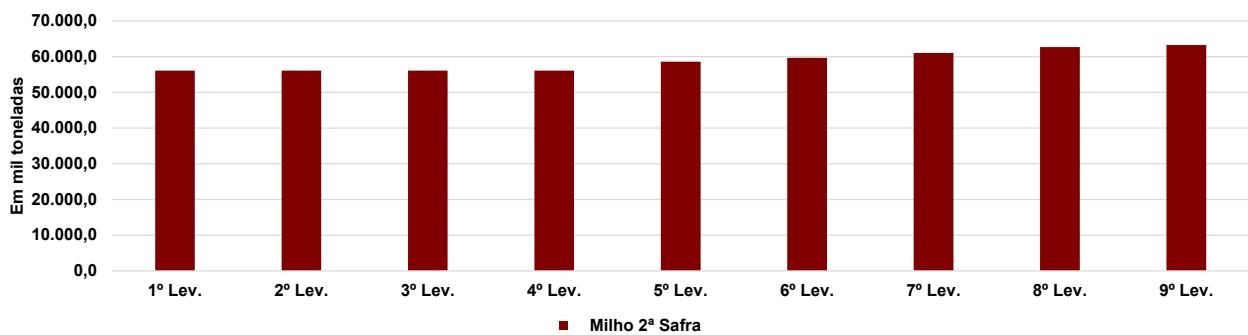
Fonte: Conab.

Gráfico 23 – Estimativa de produção de milho primeira safra



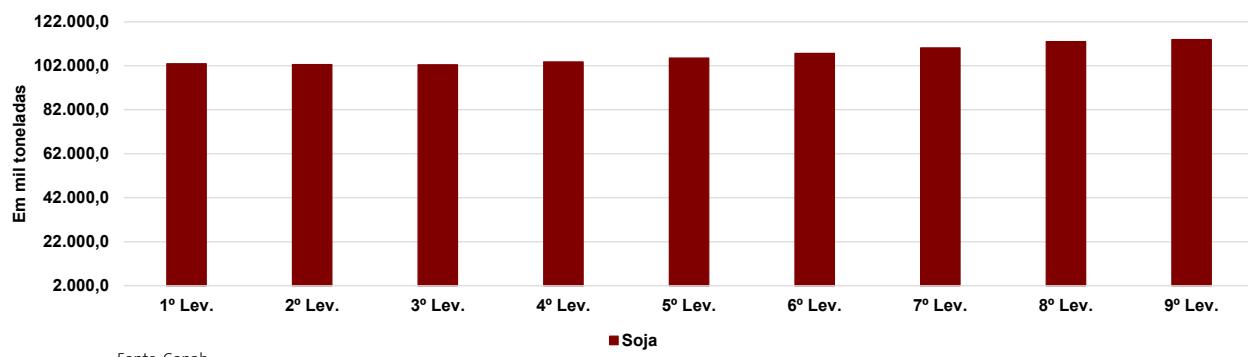
Fonte: Conab.

Gráfico 24 – Estimativa de produção de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 25 – Estimativa de produção de soja



Fonte: Conab.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	1.937,1	2.236,0	2.235,8	15,4	298,7
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.488,8	1.488,0	15,4	198,8
AMENDOIM TOTAL	406,1	447,2	456,7	12,5	50,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	430,5	439,3	13,0	50,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	16,7	17,4	0,6	0,1
ARROZ	10.603,0	11.963,1	12.129,9	14,4	1.526,9
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.119,2	1.176,6	(4,5)	(56,0)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	10.843,9	10.953,3	16,9	1.582,9
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.327,8	3.390,8	34,9	877,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.380,4	1.386,6	34,1	352,3
CARIOCA	663,5	858,1	857,4	29,2	193,9
PRETO	289,1	316,5	318,2	10,1	29,1
CAUPI	81,7	205,8	210,9	158,1	129,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.258,4	1.307,8	43,3	395,2
CARIOCA	496,1	624,0	639,4	28,9	143,3
PRETO	176,3	219,1	208,6	18,3	32,3
CAUPI	240,2	415,4	460,1	91,5	219,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	689,4	696,6	22,9	130,0
CARIOCA	521,8	640,7	646,1	23,8	124,3
PRETO	4,0	0,6	5,5	37,5	1,5
CAUPI	40,7	48,1	45,0	10,6	4,3
GIRASSOL	63,1	92,9	92,7	46,9	29,6
MAMONA	14,8	15,5	15,0	1,4	0,2
MILHO TOTAL	66.530,6	92.832,6	93.835,6	41,0	27.305,0
MILHO 1ª SAFRA	25.758,1	30.151,0	30.313,3	17,7	4.555,2
MILHO 2ª SAFRA	40.772,7	62.681,6	63.522,3	55,8	22.749,6
SOJA	95.434,6	113.013,4	113.923,1	19,4	18.488,5
SORGO	1.031,5	1.699,6	1.856,3	80,0	824,8
SUBTOTAL	178.534,5	225.628,5	227.936,1	27,7	49.401,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	708,2	705,7	(14,7)	(122,1)
CANOLA	71,9	71,7	75,3	4,7	3,4
CENTEIO	6,5	4,4	5,1	(21,5)	(1,4)
CEVADA	374,8	335,8	341,1	(9,0)	(33,7)
TRIGO	6.726,8	5.219,1	5.205,6	(22,6)	(1.521,2)
TRITICALE	68,1	55,8	56,9	(16,4)	(11,2)
SUBTOTAL	8.075,9	6.395,0	6.389,7	(20,9)	(1.686,2)
BRASIL (²)	186.610,4	232.023,5	234.325,8	25,6	47.715,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.871,8	13,1	2.731	3.222	18,0	6.937,1	9.253,3	33,4
RR	39,9	54,7	37,1	3.900	4.027	3,3	155,6	220,3	41,6
RO	474,1	536,7	13,2	3.338	3.342	0,1	1.582,5	1.793,8	13,4
AC	52,4	46,8	(10,7)	2.065	1.968	(4,7)	108,2	92,1	(14,9)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.157	12,8	21,8	30,2	38,5
AP	4,6	4,8	4,3	891	938	5,2	4,1	4,5	9,8
PA	730,8	872,2	19,3	2.931	3.009	2,7	2.142,3	2.624,3	22,5
TO	1.226,9	1.342,6	9,4	2.382	3.343	40,3	2.922,6	4.488,1	53,6
NORDESTE	7.396,9	7.783,5	5,2	1.329	2.334	75,6	9.827,4	18.166,2	84,9
MA	1.420,1	1.558,6	9,8	1.748	3.115	78,2	2.481,7	4.854,6	95,6
PI	1.360,0	1.475,5	8,5	1.089	2.430	123,1	1.480,5	3.585,2	142,2
CE	850,3	919,0	8,1	267	635	138,0	227,3	584,0	156,9
RN	56,6	67,6	19,4	323	552	70,8	18,3	37,3	103,8
PB	173,1	193,4	11,7	191	482	152,6	33,1	93,3	181,9
PE	388,1	319,3	(17,7)	176	453	157,7	68,3	144,8	112,0
AL	61,6	80,0	29,9	722	745	3,2	44,5	59,6	33,9
SE	195,9	198,4	1,3	923	4.192	354,2	180,9	831,7	359,8
BA	2.891,2	2.971,7	2,8	1.831	2.684	46,6	5.292,8	7.975,7	50,7
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.732,1	4,9	3.192	4.026	26,1	75.290,5	99.565,6	32,2
MT	14.001,5	14.934,8	6,7	3.101	3.924	26,5	43.425,3	58.606,5	35,0
MS	4.213,1	4.411,5	4,7	3.267	4.107	25,7	13.765,7	18.119,3	31,6
GO	5.213,9	5.226,3	0,2	3.366	4.205	24,9	17.549,7	21.974,6	25,2
DF	155,7	159,5	2,4	3.531	5.424	53,6	549,8	865,2	57,4
SUDESTE	5.315,5	5.476,8	3,0	3.658	4.167	13,9	19.444,4	22.822,5	17,4
MG	3.304,5	3.407,3	3,1	3.574	4.219	18,1	11.809,3	14.376,6	21,7
ES	24,4	24,0	(1,6)	2.098	2.083	(0,7)	51,2	50,0	(2,3)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.040,7	2,9	3.822	4.110	7,5	7.575,7	8.386,6	10,7
SUL	19.499,3	19.623,4	0,6	3.852	4.307	11,8	75.111,0	84.518,3	12,5
PR	9.686,4	9.732,2	0,5	3.700	4.277	15,6	35.842,0	41.626,5	16,1
SC	1.279,9	1.314,2	2,7	4.880	5.295	8,5	6.245,9	6.958,1	11,4
RS	8.533,0	8.577,0	0,5	3.870	4.190	8,3	33.023,1	35.933,7	8,8
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.655,3	7,2	1.687	2.573	52,5	16.764,5	27.419,5	63,6
CENTRO-SUL	48.399,0	49.832,3	3,0	3.509	4.152	18,3	169.845,9	206.906,4	21,8
BRASIL	58.336,0	60.487,6	3,7	3.199	3.874	21,1	186.610,4	234.325,9	25,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.





6. CRÉDITO RURAL

Pela extensão territorial e pelas condições do calendário agrícola, a situação das culturas pode apresentar momentos distintos: colheita principalmente de arroz e feijão, desenvolvimento vegetativo de algodão, feijão e milho e intensificação do plantio das culturas de inverno.

Nesse contexto as informações do crédito rural podem contribuir para a compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. Deve-se levar em conta que as análises são realizadas tomando por base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco janeiro e abril dos anos 2013 a 2017.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 28 de abril de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

O Gráfico 26 demonstra que a utilização do crédito de custeio no período tem desempenho sutilmente superior ao ano de 2016, apresentando tendência de crescimento, com aumento de aproximadamente 3,55%.

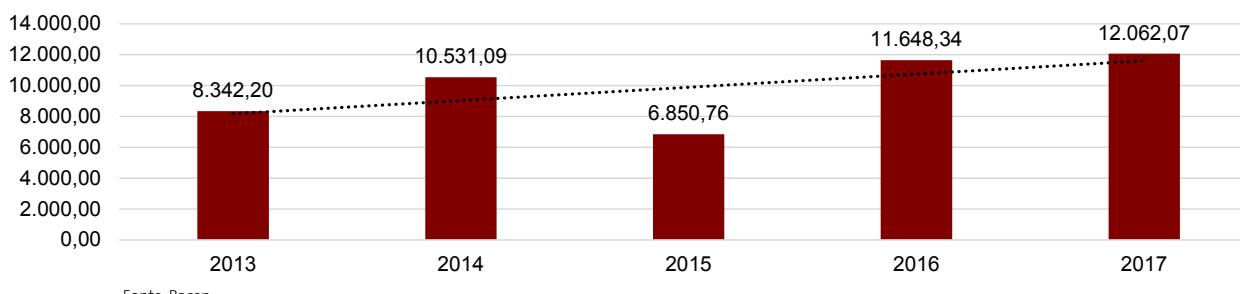
No financiamento sem vínculo a programa específico o crescimento é observado no custeio de algodão, arroz, feijão, milho, soja e para a aveia/canola/cevada. No Pronamp, o aumento é observado no financiamento de algodão e feijão. No Pronaf, destaca-se o

crescimento na utilização de feijão, milho, aveia/canola/cevada.

O financiamento do trigo é inferior à safra passada em todas as fontes de financiamento, que tem relação com a previsão de redução de área para essa safra.

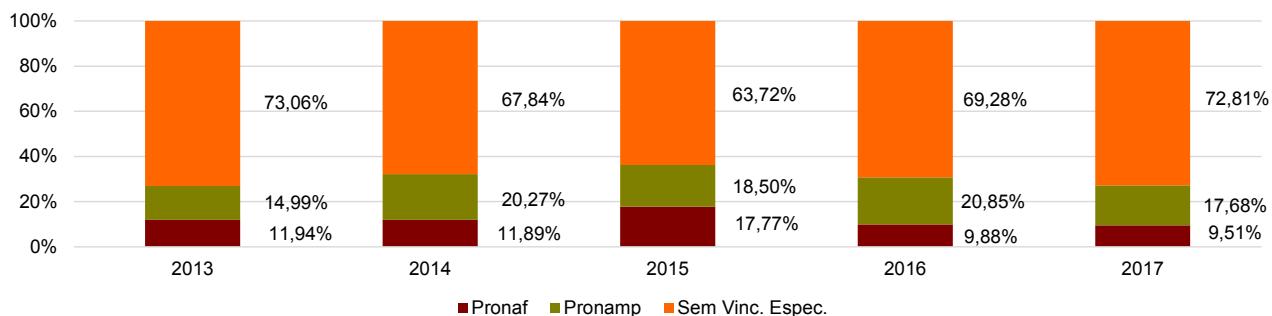
A situação relatada acima explica a participação percentual dos programas observados no Gráfico 27.

Gráfico 26 – Financiamento – Todos os programas – Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 27- Tipo de financiamento – Participação programas– Janeiro a abril de 2013 a 2017

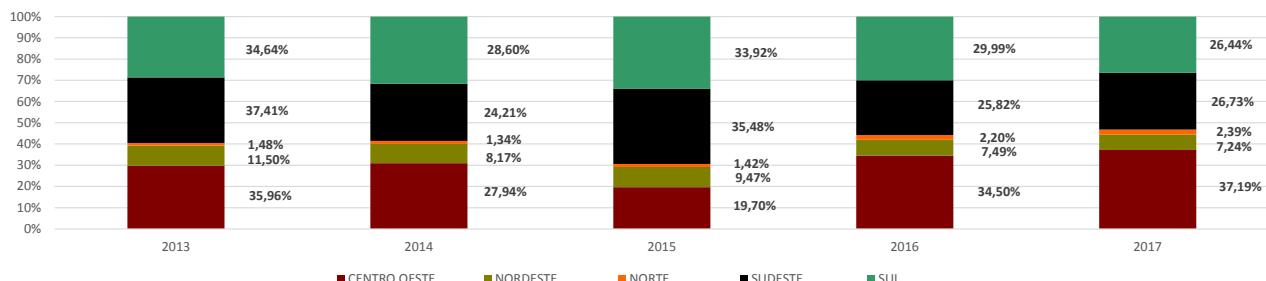


Fonte: Bacen.

O Gráfico 28 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica, o que é compatível com o processo produtivo. O comportamento dos aportes em cada região apresenta manutenção nas

Regiões Nordeste e Sudeste; decréscimo na Região Sul e incremento nas Regiões Norte e Centro-Oeste, na casa de 12%.

Gráfico 28 - Participação por região – Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, algodão, feijão, milho, soja, trigo e para o grupo agregado de Aveia, Canola e Cevada; tendo

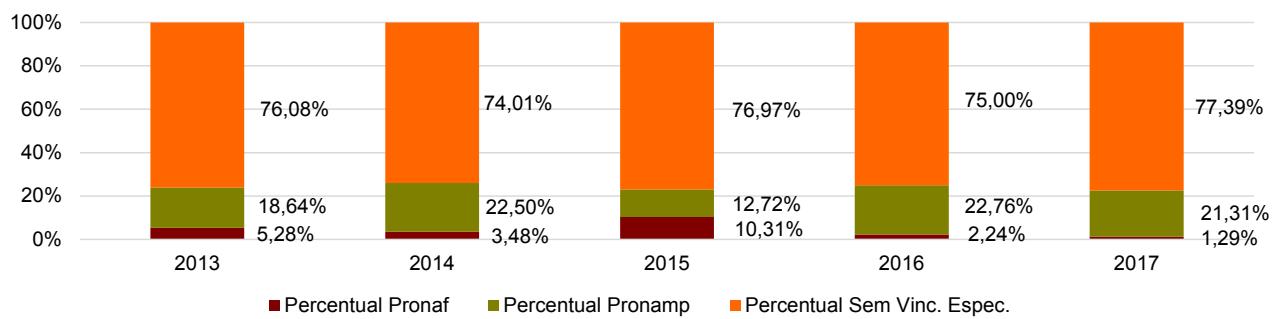
6.2. A CULTURA DO ARROZ

Pode-se observar nas informações da safra divulgada pela Conab que a área do arroz de sequeiro tem sofrido redução em relação à safra anterior (17,6%), seja pela baixa utilização do arroz para abertura de área de produção, seja pela migração para outras culturas

como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017..

mais rentáveis. Essa situação pode explicar o comportamento na utilização do crédito pelo Pronaf e do Pronamp (Gráfico 29). Por outro lado, o momento é de colheita na principal região produtora..

Gráfico 29 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2017

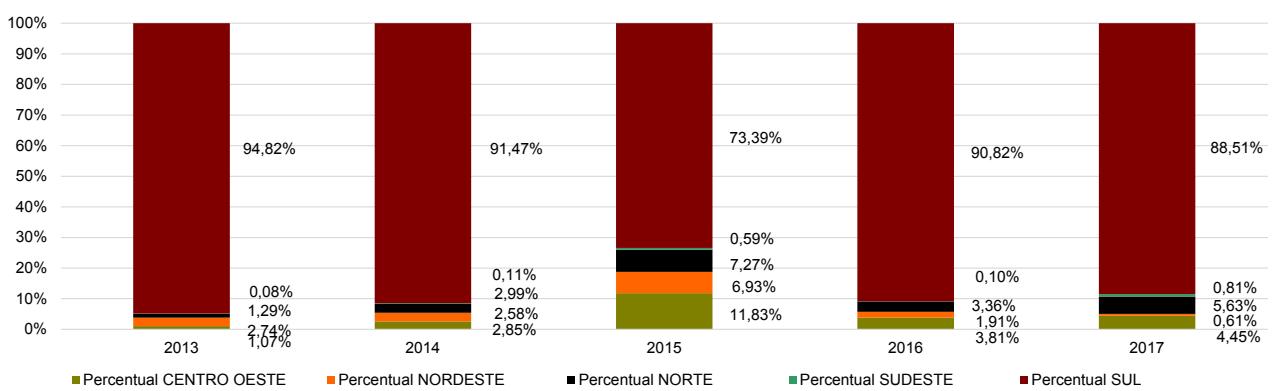


Fonte: Bacen.

A Região Sul (88,51%) concentra os recursos do crédito. Tal situação espelha a importância dessas regiões na produção de arroz no Brasil (Gráfico 30), com 65% da área relacionada a esse produto e 81% da produção brasileira. Apesar de apresentar percentual pequeno

em relação às regiões citadas, observa-se aumento de 15,68%, se comparado com a safra 2015/16, na Região Centro-Oeste, que se explica pelo aumento de área em Mato Grosso do Sul (10,7%).

Gráfico 30 – Arroz - Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

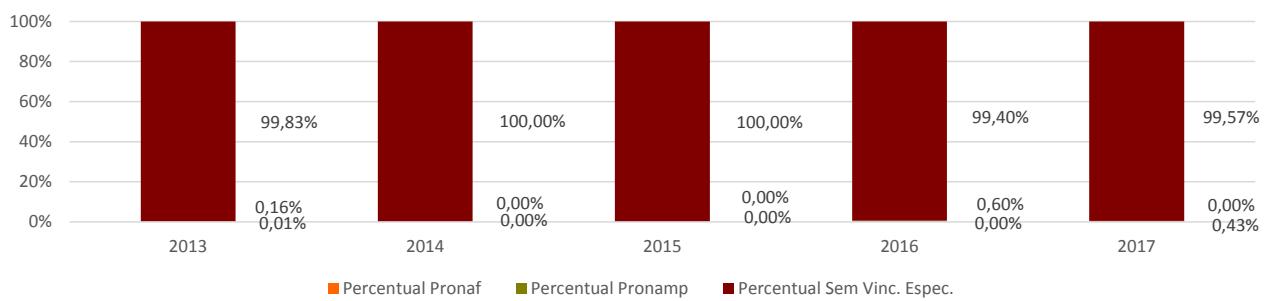
6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

A concentração do crédito no financiamento sem vínculo específico (Gráfico 31) se explica pela característica do sistema de plantio que exige altos investimentos. Em relação a 2016, houve aumento de 63,3%

do crédito utilizado principalmente pelo aumento de área em Mato Grosso (maior estado produtor) e no Maranhão.



Gráfico 31 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2017

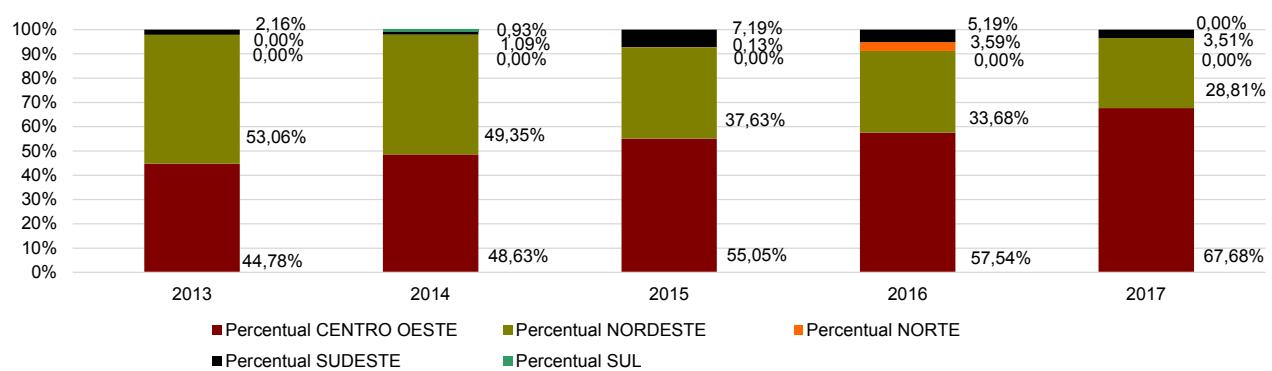


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras, o que explica as informações do Gráfico 32. Os de preços do algodão incentiva os in-

vestimentos na cultura. A redução de área na Bahia, segundo maior produtor, pode explicar a diminuição do crédito na Região Nordeste .

Gráfico 32 - Algodão - Participação por região – Janeiro a abril de 2013 a 2017



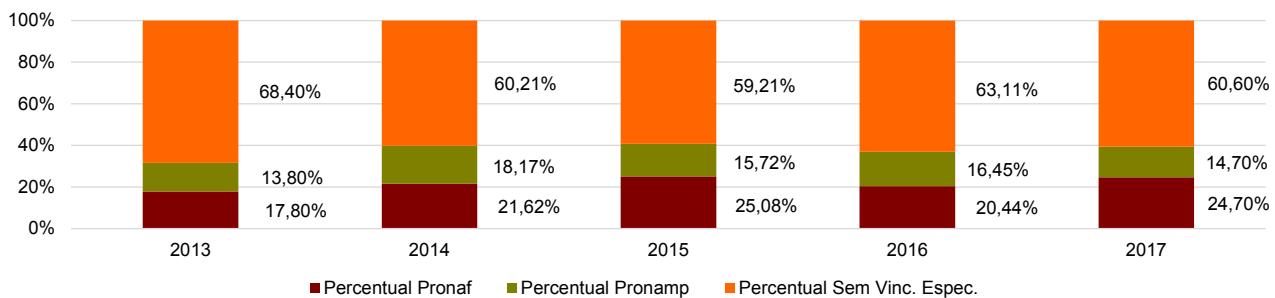
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

Pelo que consta no Gráfico 33, percebe-se aumento na participação do Pronaf, retomando o mesmo nível de 2015. No momento há colheita e plantio de feijão dependendo da região. A expectativa é de aumento

de área para o plantio do feijão, o que explica o crescimento de 38,29% na utilização do crédito, se comparado com a safra passada.

Gráfico 33- Feijão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2017



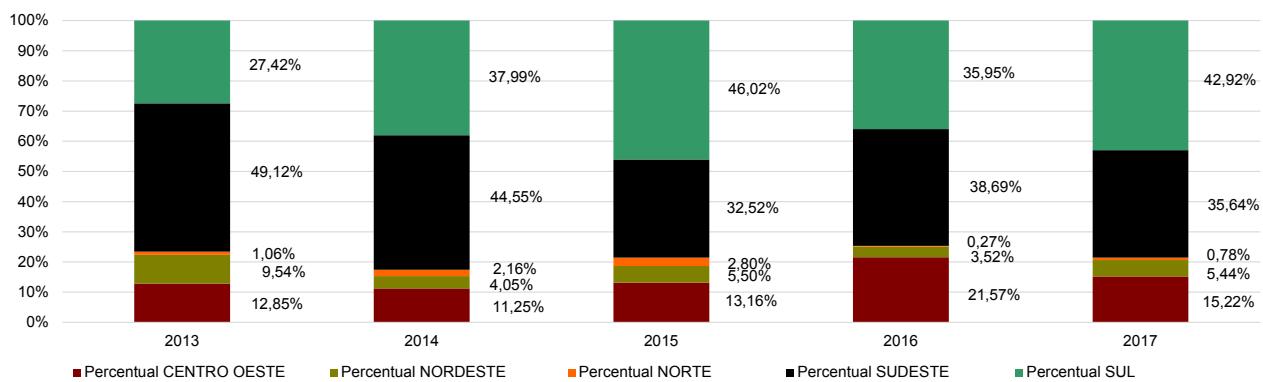
Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 34 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na segunda safra de feijão (estimativa de 7,9%), que pelas infor-

mações da Conab (8º levantamento) indicam aumento expressivo na produção, onde se destaca a Região Centro-Sul.



Gráfico 34 – Feijão - Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2017



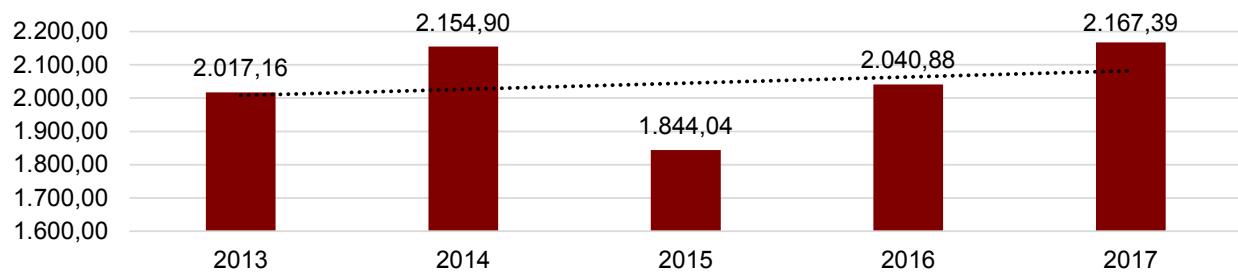
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO MILHO

Observa-se que a utilização do crédito de milho teve aumento nos tipos de financiamento: Pronaf (5,95%) e no financiamento sem vínculo específico (9,58%). O montante utilizado em 2017 é o maior da série cons-

tante do Gráfico 35. Esse movimento se explica pela perspectiva de aumento da produção na primeira safra de e, principalmente, na segunda safra de milho.

Gráfico 35 - Milho – Financiamento todos programas - Janeiro a abril de 2013 a 2017

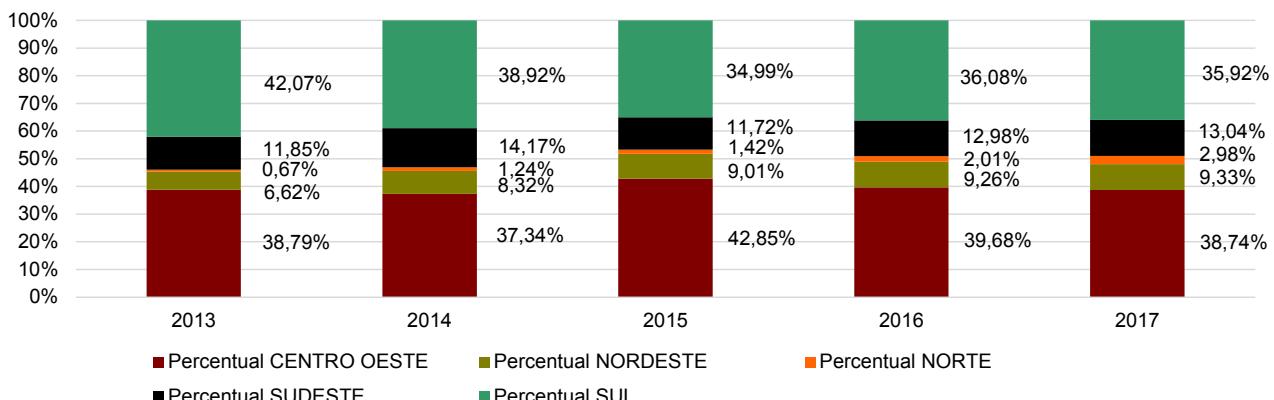


Fonte: Bacen.

A previsão de produção é de crescimento de 39,5% em relação à safra 2015/16. As maiores regiões produtoras são, pela ordem, a Centro-Oeste, a Sul e a Sudeste, o que é compatível com as informações constantes

do Gráfico 36. Deve-se registrar que na região do Mato Grosso, em Rondônia e no Pará existem perspectivas de considerável aumento de produção em relação à safra passada.

Gráfico 36 – Milho - Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



6.5. A CULTURA DA SOJA

Observa-se, no período de análise, um crescimento discreto em relação ao período imediatamente anterior do financiamento para o plantio da soja. Esse in-

cremento tem relação direta com previsão de aumento da produção que pode atingir mais de 113 milhões de toneladas (Gráfico 37).

Gráfico 37 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a abril de 2013 a 2017

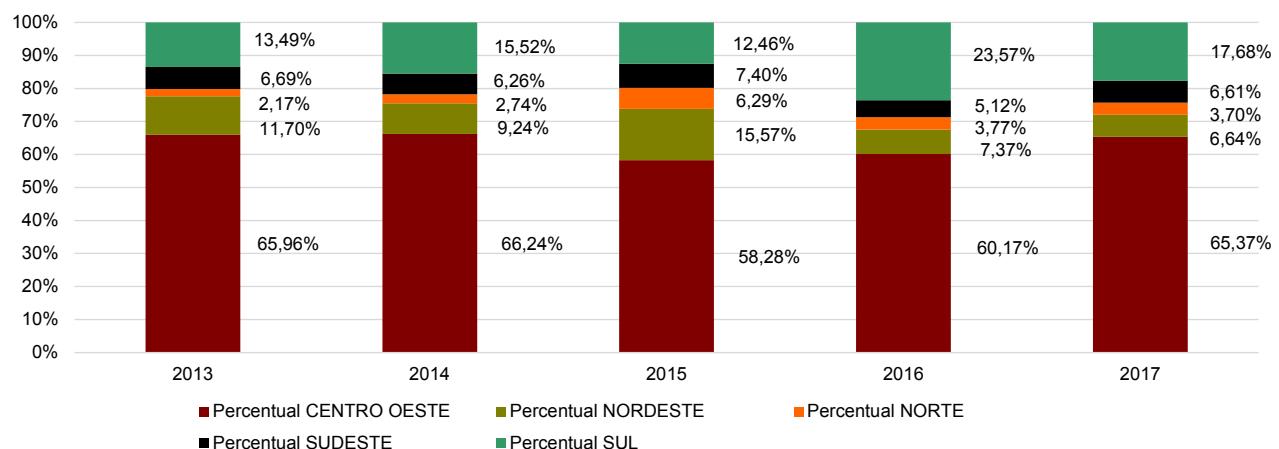


Fonte: Bacen.

A partir das informações disponibilizadas pela Conab no oitavo levantamento de safra de grãos, a produção brasileira de soja concentra-se na Região Centro-Oeste e na Região Sul as quais, juntas, correspondem a

80% da produção brasileira. Logo, as informações do Gráfico 38 espelham a magnitude da produção das regiões produtoras.

Gráfico 38 – Soja – Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2017



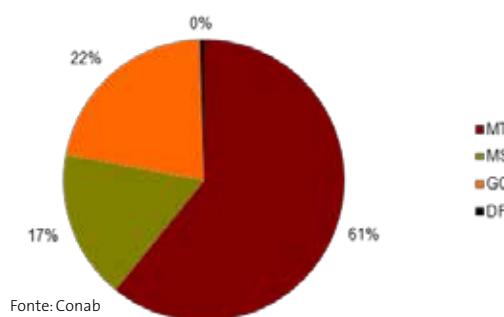
Fonte: Bacen.

A análise a seguir será detalhada para a soja, com maior produção entre os produtos selecionados nesse levantamento, concernente à Região Centro-Oeste, região com a maior produção para a oleaginosa. Tendo como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

O oitavo levantamento realizado pela Conab aponta, para a safra 2016/17, 45% da produção da soja brasileira presente na Região Centro-Oeste. Isso posto, o Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul apresentam, respectivamente, 0,48%; 21,57%; 60,84% e 17,10% da produção de soja na Região Centro-Oeste.



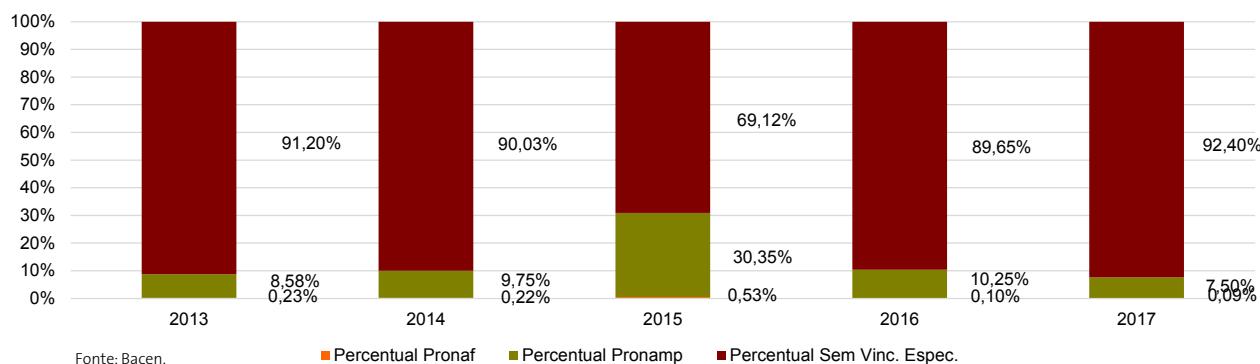
Gráfico 39 - Soja – Produção – Centro-Oeste – Safra 2016/17



A partir dessa informação pode-se averiguar qual o comportamento do aporte de crédito na Região Centro-Oeste, de acordo com os programas disponíveis e a participação de cada Unidade da Federação no valor total. O Gráfico 40 apresenta a participação de cada tipo de financiamento, exclusivamente, na Região

Centro-Oeste, na qual, pode-se constatar forte domínio do tipo de aporte sem vínculo a programa específico, o que corrobora as características do perfil do agricultor voltado para o cultivo da soja no Centro-Oeste.

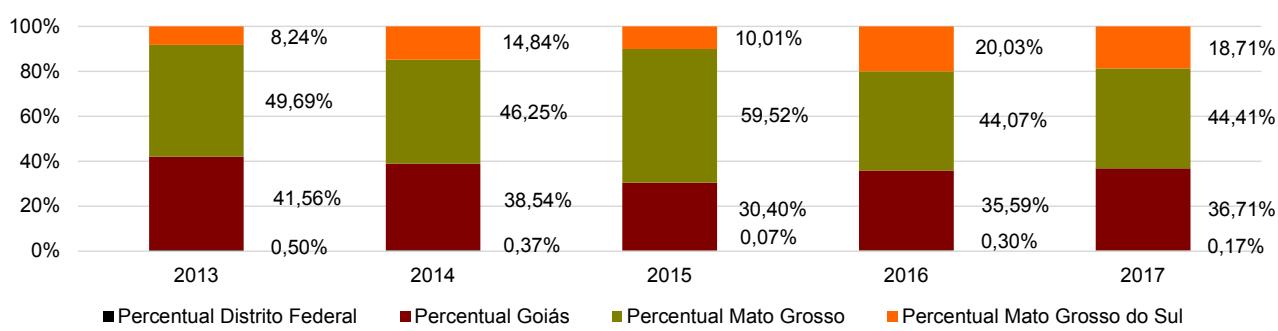
Gráfico 40 – Soja – Centro - Oeste – Tipos de Financiamento– Janeiro a Abril de 2013 a 2017



O Gráfico 41 apresenta a participação de cada Unidade da Federação no aporte de custeio destinado à Região do Centro-Oeste. As informações observadas na representação gráfica ratificam a participação de cada um

dos estados na produção da soja no Centro-Oeste, ou seja, a dominância de Mato Grosso (44,41%) e Goiás (36,71%). Observa-se, também, contínua tendência de crescimento no aporte de custeio.

Gráfico 41 – Soja – Centro-Oeste – Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

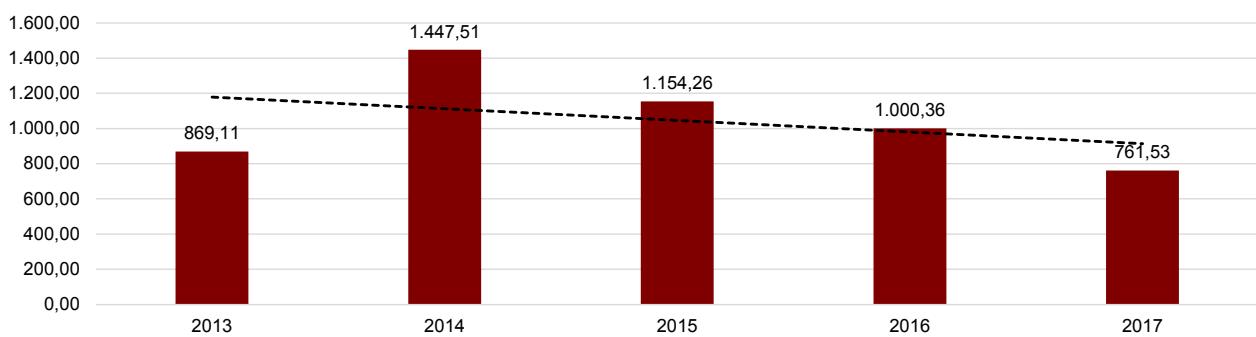


6.6. A CULTURA DO TRIGO

A estimativa de safra da Conab (oitavo levantamento) indica redução de 7,8% na área de plantio de trigo. O montante de crédito utilizado para o custeio em 2017

(Gráfico 42) demonstra a tendência de menor produção. No entanto, o produtor ainda está no processo de tomada de decisão de investimentos.

Gráfico 42 – Soja - Financiamento todos programas –Janeiro a abril de 2013 a 2017

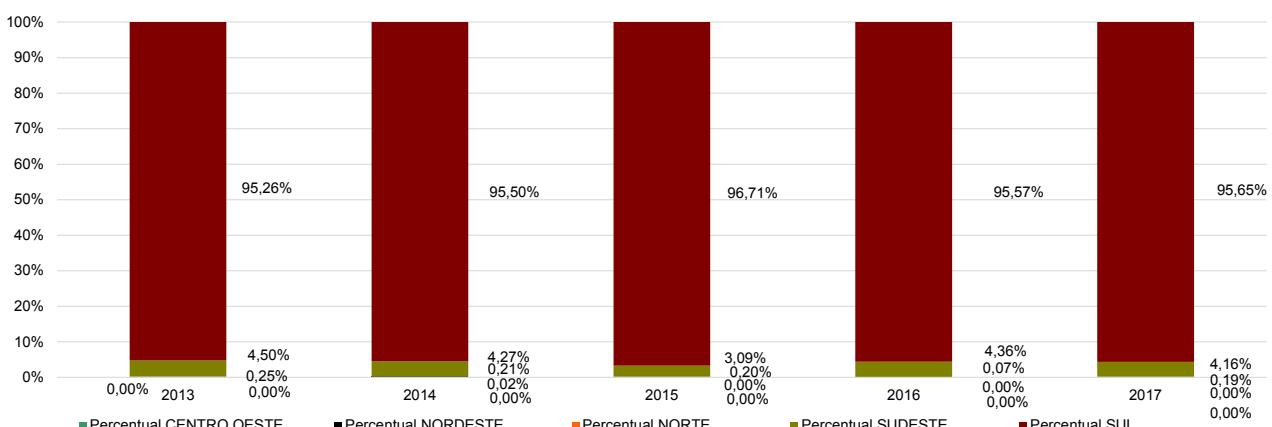


Fonte: Bacen.

As informações constantes no Gráfico 43 espelham a concentração do plantio na Região Sul, responsável por 90% da produção. A análise do crédito nos indica

aumento no financiamento de trigo na Região Centro-Oeste, especialmente pelo incremento na área destinada ao produto em Mato Grosso do Sul (12,2%).

Gráfico 43 – Trigo – Participação por Região - Janeiro a abril de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

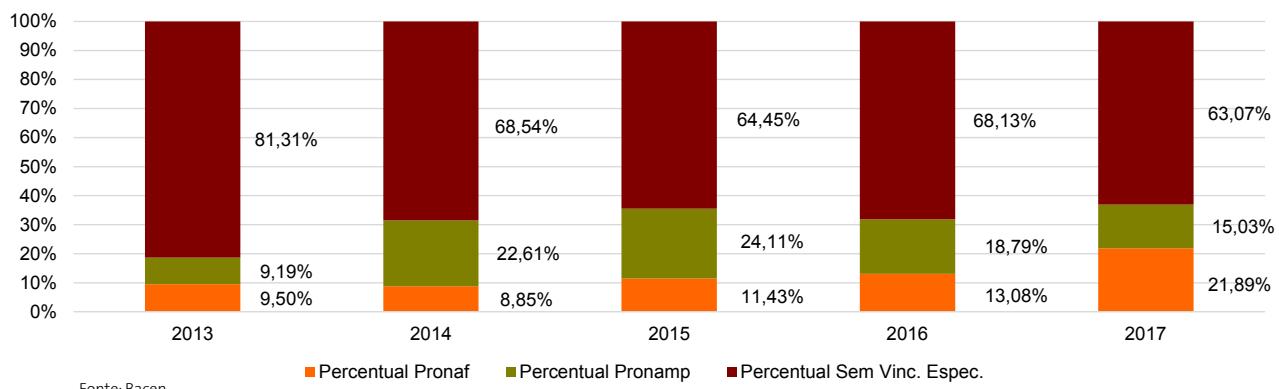
6.7. AS CULTURAS DE AVEIA, CANOLA E CEVADA

Na safra passada a produção dessas culturas fizeram parte da opção do produtor no plantio de inverno. No Gráfico 44 observa-se o uso do Pronaf com maior intensidade nessa safra, com um crescimento no aporte,

via esse programa, de 82,5%. Considerando o início do calendário de plantio é necessário aguardar novas informações para indicar a tendência nessa safra.



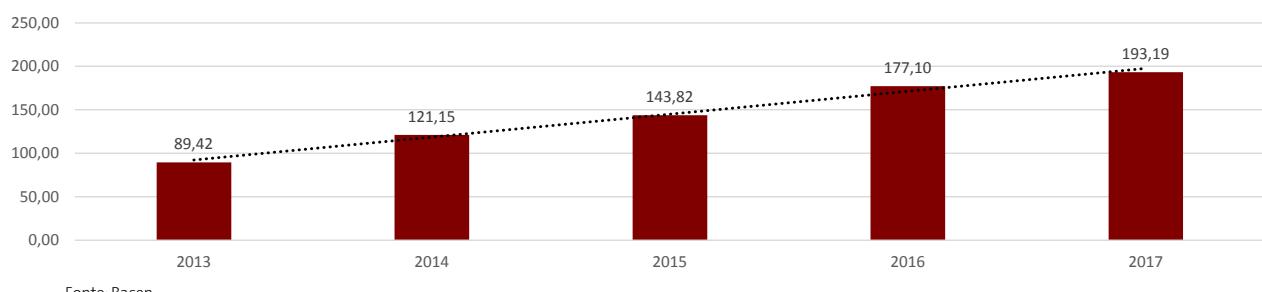
Gráfico 44 – Aveia, canola e cevada - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2017



A Região Sul concentra 99% dos créditos utilizados para o custeio dos produtos de inverno tratados nesse espaço. O Gráfico 45 nos oferece informações de ten-

dência, com características de evolução desde 2013, visto que neste ano o crédito já é maior que nas safras anteriores.

Gráfico 45 – Aveia, canola e cevada - Financiamento todos programas – Janeiro a abril de 2013 a 2017





7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MAIO DE 2017

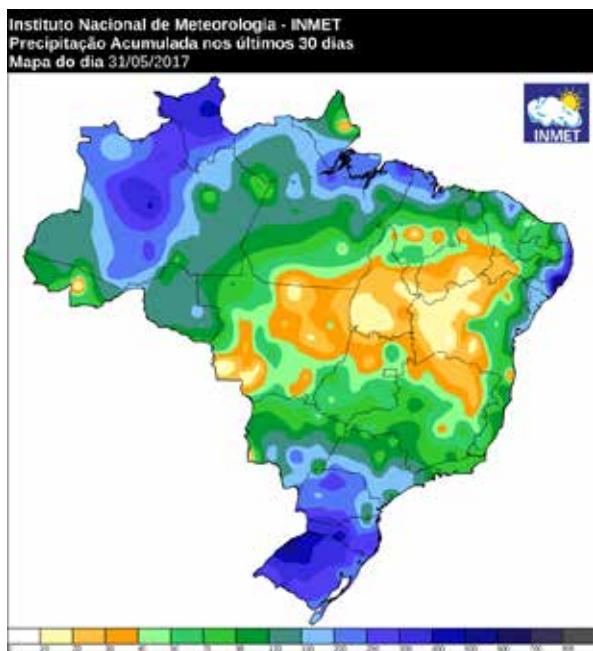
Durante o mês de maio, houve um aumento da convergência de umidade oriunda do Atlântico Sul, que favoreceu os elevados totais de chuvas no leste da Região Nordeste até o nordeste da Bahia (Figura 1). Entretanto, é importante destacar que, nesse mês, tem-se o início da estação chuvosa desta região e que se prolonga até o mês de julho.

Na Região do MATOPIBA e parte do semiárido (Figura 1), foram registrados volumes de chuvas entre 10 e 40 mm, porém dentro da normalidade climatológica do período na maioria das localidades.

Na Região Sul do País, as chuvas ocorreram acima da média, principalmente no noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 1). Destaque para estação meteorológica do INMET, localizada em São Luiz Gonzaga, onde foi registrada um valor de chuva de 443,4 mm, muito superior à média de 158,3 mm.

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do INMET-Brasília

Figura 1 - Acumulado de 30 dias de precipitação pluviométrica em maio de 2017 no Brasil

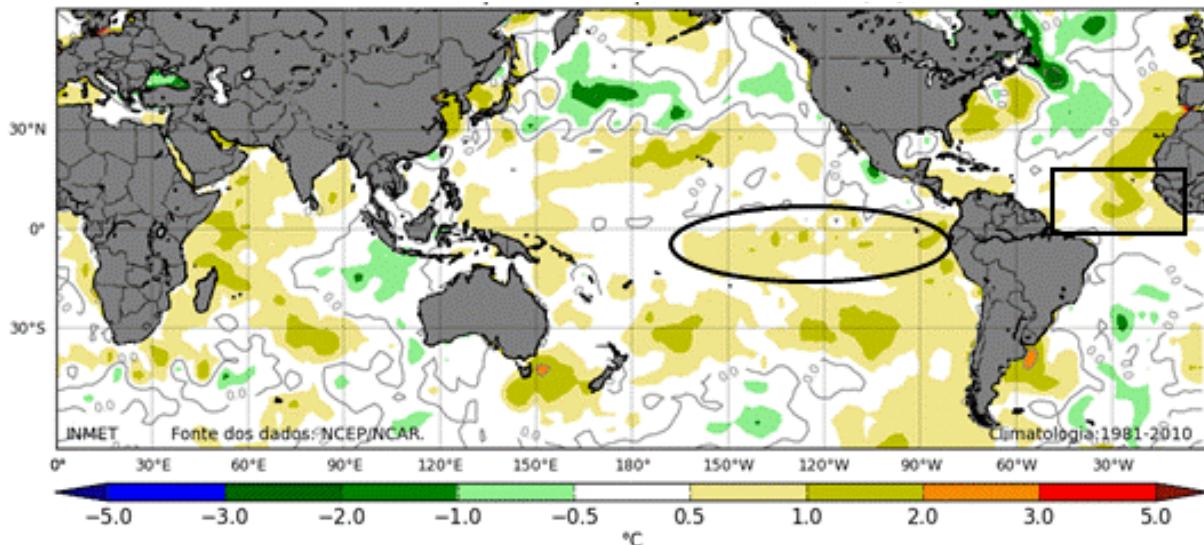


7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS EM MAIO DE 2017

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de maio (Figura 2) mostra uma área com águas quentes no Pacífico Equatorial, com predomínio de anomalias entre 0,5 e 1,0°C (área marcada com uma elipse no mapa), caracterizando uma condição de normalidade até o momento. No entanto, existe uma discreta tendência em direção a uma fase positiva (El Niño).

Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, o mapa mostra o Atlântico Tropical Norte está mais aquecido (Figura 2), contribuindo para um deslocamento da ZCIT mais para o norte (área marcada com um retângulo no mapa), afastando-se do nordeste do Brasil. Isso favoreceu a diminuição das chuvas na costa norte da região Nordeste em relação ao mês anterior, determinando o final do principal período chuvoso no interior da região semiárida.

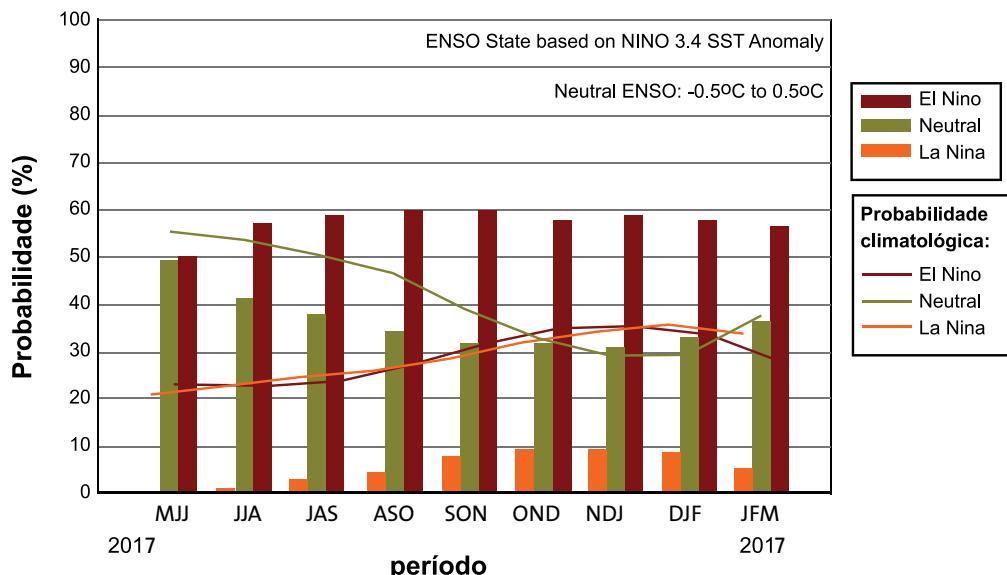
Figura 2 - : Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período 16 a 31 de maio/2017 destacando as áreas de El Niño/La Niña (elipse) e Dipolo do Atlântico (retângulos).



Os modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam uma probabilidade de até 60% que ocorra um novo episó-

dio de El Niño até final da primavera, provavelmente de baixa intensidade (Gráfico 46).

Gráfico 46 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.

7.3. 1.3 PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA E TEMPERATURA PARA O BRASIL – PÉRÍODO JUNHO-JULHO-AGOSTO/2017

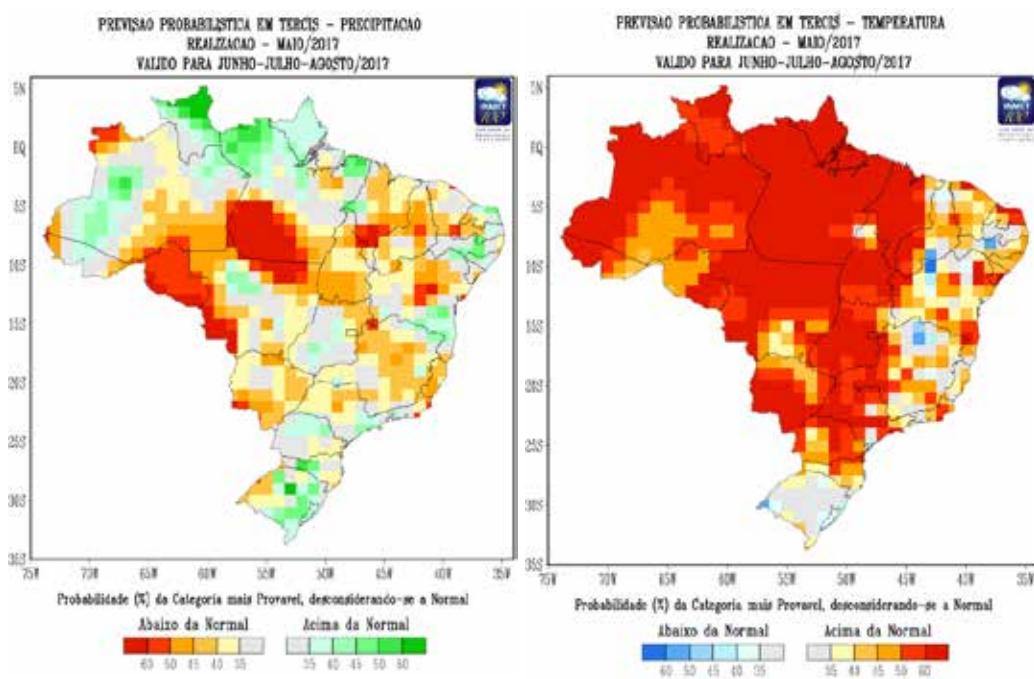
O mapa de probabilístico de previsão climática (Figura 3) indica para o trimestre de junho a agosto de 2017 (JJA/2017), maior probabilidade do total trimestral de chuva ocorrer acima da média no extremo norte da região Norte e leste do Pará, Região Sul, bem como em algumas áreas do leste do Nordeste.

Para o restante do Brasil, a previsão indica maior probabilidade de as precipitações permanecerem na faixa normal ou abaixo. Ressalta-se que, o trimestre de junho a agosto corresponde ao trimestre mais seco da região Sudeste, Matopiba e leste de Mato Grosso do Sul e Goiás, além do Paraná (ver : <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/mesTempo>).

Segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 3), são previstas temperaturas médias abaixo da normal climatológica no Rio Grande do Sul, São Paulo e sudeste de Minas Gerais. Porém, durante este trimestre a entrada de massas de ar frio aumenta, havendo queda de temperatura e episódios de geadas, principalmente nas regiões serranas. No restante do País, a previsão indica maior probabilidade de que as temperaturas permanecem de normal a acima da média. Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação e temperatura média do modelo estatístico do Inmet para o trimestre junho-julho-agosto/2017.



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2016/17) E DE INVERNO (SAFRA 2017) - MAIO/2017

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação com relação às médias históricas (anomalia), o deficit e/ou o excesso hídrico e a umidade disponível no solo; e/ou os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações ou geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - MAIO/2017

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, as precipitações em maio (Figura 4) foram adequadas às lavouras de segunda safra em frutificação e não prejudicais às lavouras em maturação e início de colheita. Os maiores volumes de chuva foram observados no segundo decêndio (Figura 5). São Paulo e Mato Grosso Sul foram os estados onde se observaram os maiores volumes de chuva e o maior armazenamento hídrico (Figura 6).

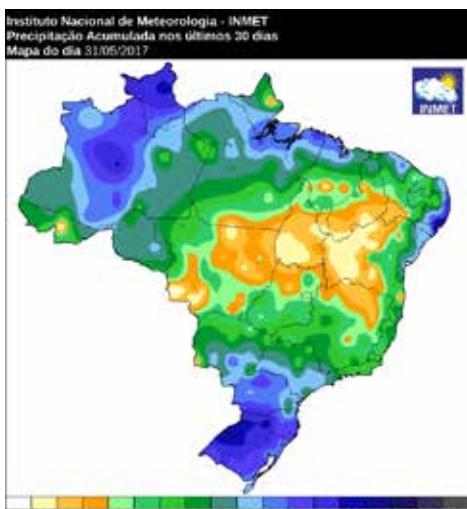
Em toda Região Sul do Brasil, verificou-se elevado volume de chuva (Figura 4). Essa condição implicou restrições à qualidade e à colheita das lavouras de segunda safra. Em relação aos cultivos de inverno favoreceu os cultivos em início de desenvolvimento. No entanto, o solo com elevada umidade dificultou ope-

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

rações agrícolas, resultando em atrasos na semeadura. O noroeste do Rio Grande do Sul foi a região com as maiores restrições ao avanço da semeadura devido à maior intensidade das precipitações – acumulado mensal acima de 400 mm, concentrados principalmente no terceiro decêndio (Figuras 4 e 5).

Em relação à Região Nordeste, as precipitações, principalmente do terceiro decêndio (Figura 5), beneficiaram o desenvolvimento do milho cultivado no Agreste de Pernambuco, Sergipe e Alagoas e na maior parte do nordeste da Bahia. No entanto, há restrições a essa cultura pelo baixo armazenamento hídrico (Figura 6) em regiões produtoras do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

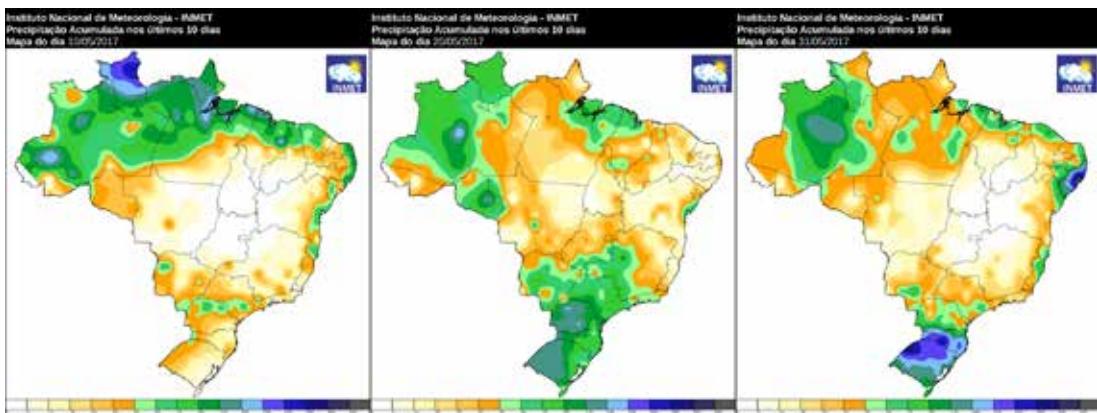
Figura 4 – Precipitação acumulada de 1º a 31 de maio de 2017



Fonte: Inmet/Sisdagro.

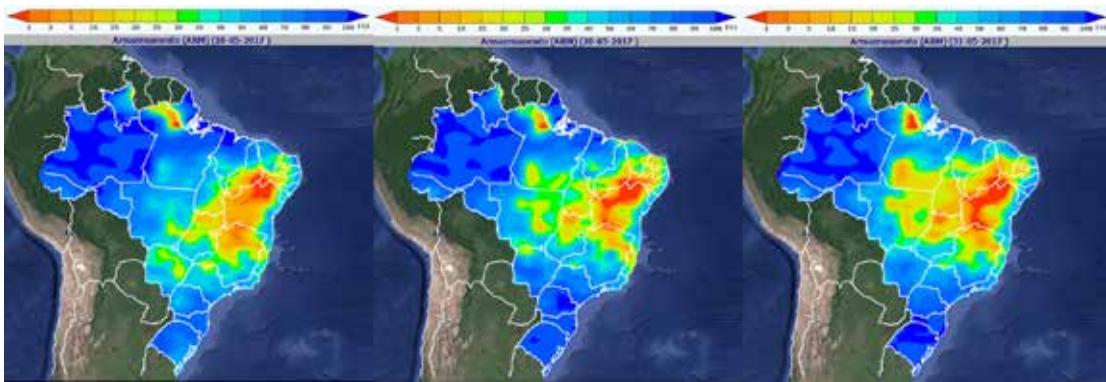


Figura 5 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 31 de maio de 2017



Fonte: Inmet/Sisagro.

Figura 6 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de maio de 2017



Fonte: Inmet/Sisagro.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

A safra brasileira de algodão permanece estimada em 938,8 mil hectares, 1,7% menor que o ocorrido no exercício passado. A atual estimativa de área, apesar do aumento verificado a cada levantamento, foi influenciada pelo quadro de oferta e demanda interno mais ajustado, descolando da conjuntura externa, que vinha pressionando os preços da pluma por ocasião do plantio, comparando-se com os elevados custos de produção da lavoura. A despeito desses números, o bom desenvolvimento do clima nos principais estados produtores, deverá possibilitar um incremento na produção, estimado em 15,4% em relação à safra passada, atingindo 3.723,8 mil toneladas de algodão em caroço, sendo 1.488 mil toneladas de pluma.

Para a Região Centro-Oeste permanece a estimativa de plantio de 682 mil hectares. Essa região, principal produtora nacional, continua sendo influenciada pelas boas condições climáticas e deve alcançar produtividade 9,2% superior à safra anterior.

Em Mato Grosso, de forma geral, os bons preços praticados, desde o início do ano, propiciaram o incremento da área total dedicada à cotonicultura na safra 2016/17 em Mato Grosso, saltando dos 600,8 mil hectares na safra anterior, para 627,8 mil hectares no ciclo atual. As boas condições climáticas também têm favorecido a produtividade média do algodoeiro de

primeira e segunda safras. No atual ciclo, estima-se rendimento médio ponderado de 3.973 kg/ha (265 @/ha), ante aos 3.664 kg/ha (244 @/ha) na safra anterior, quando sofreu com a estiagem. Assim, calcula-se produção total de algodão em caroço de 2.494,2 mil

toneladas, volume 13,3% maior do que as 2.201,3 mil toneladas da safra 2015/16. A colheita de ambas safras se iniciará em junho, perdurando até setembro. A comercialização da pluma da atual safra está em 65% no estado.

Figura 7 – Lavoura de algodão em frutificação em Sapezal-MT



Fonte: Conab.

Figura 8 – Lavoura de algodão em maturação em Pedra Preta-MT



Fonte: Conab.

As lavouras de algodão primeira safra, predominantemente localizadas na região sudeste do estado, têm a programação para o início de colheita em junho. A cultura segue em bom desenvolvimento e entra na fase reprodutiva final, de maturação. Há relatos de incidência de pragas, contudo sob controle, não causando danos significativos às lavouras. A área destinada ao algodão primeira safra é de 88 mil hectares, recuo

de 23,3% em relação aos 114,7 mil hectares da safra anterior. Em relação à produtividade, estima-se rendimento médio de 3.870 kg/ha (258 @/ha), ante aos 3.578 kg/ha (239 @/ha) da safra anterior. Esse ganho de 8,2% deve-se principalmente às condições climáticas satisfatórias registradas para essa safra, em todo o Mato Grosso.



O cultivo do algodão de segunda safra, cuja semeadura foi de 539,8 mil hectares no ciclo 2016/17, registrou incremento de 11% em relação aos 486,1 mil hectares cultivados na safra passada. A opção por determinado cultivo acontece de forma disseminada em todas as regiões do estado, com predominância na região oeste, onde a lavoura encontra-se em estádio de frutificação, com a formação das maçãs, e maturação, com a abertura dos capulhos. Não houve relato de pragas e doenças fora de controle que pudesse comprometer o bom desenvolvimento das lavouras. Em termos de produtividade média das lavouras de segunda safra de algodão, a expectativa de rendimento é positiva, com 3.990 kg/ha (266 @/ha), número 9,2% superior aos 3.655 kg/ha (244 @/ha) registrados na última temporada.

Em Mato Grosso do Sul, mais particularmente na região dos chapadões, maior área cultivada do estado, predomina as fases de frutificação e maturação para o algodão primeira safra, que é o mais cultivado. As produtividades foram mantidas em 4.300 kg/ha (287 @/ha) devido às boas condições climáticas até este momento. Nos municípios de Chapadão do Sul algumas propriedades vêm apresentando casos de apodrecimento de maçãs devido principalmente ao fechamento intenso do terço inferior, causando alta umidade do ar e consequentemente ataques de fungos. Para minimizar esses patógenos o produtor pode utilizar cultivares menos vigorosas, com espaçamento maior entre linhas, provocando maior aeração e consequente luminosidade na parte inferior, contribuindo para a diminuição do apodrecimento das maçãs.

Na região de Costa Rica o foco maior são as lagartas, com maior incidência às do gênero "Spodoptera", sendo necessário um maior número de aplicações nas cultivares que não possuem a tecnologia Bt (*Bacillus thuringiensis*). Com relação ao "Bicudo do Algodoeiro"

este ano, devido aos monitoramentos constantes dos produtores, as infestações são consideradas baixas quando comparadas a anos anteriores.

Quanto ao algodão segunda safra, a fase predominante é a de enchimento das maçãs do terço inferior e até o momento as incidências com o bicudo são baixas e as lavouras se encontram com boa sanidade. Nas demais regiões, onde o cultivo é pouco expressivo, a colheita já foi encerrada e comercializada.

Em Goiás as lavouras de algodão plantadas na região leste de Goiás, região das primeiras áreas semeadas no estado, encontram-se no início da colheita. As plantas se encontram vigorosas e não foram relatados maiores problemas com relação a ataques de pragas e doenças na cultura. Existem relatos de ataques de "bicudo" (*Anthonomus grandis*) durante o desenvolvimento da cultura, porém o aumento populacional da praga está sendo controlado por meio do manejo integrado.

Na região sudoeste do estado, conforme legislação de vazio sanitário, o plantio do algodão é realizado após os plantios na região leste, ocorrendo após o fim de novembro. Nessa região, observa-se que a cultura apresenta áreas com 77% em frutificação, 22% em floração e 1% em maturação, com colheita prevista para iniciar em média daqui a 70 dias, com produtividade esperada de 4.275 kg/ha (285 @/ha), uma vez que os volumes hídricos foram considerados satisfatórios para a cultura na região. Houve ataques de bicudo, que foram detectados principalmente no município de Chapadão do Céu, que não chegaram a causar maiores perdas, pois o controle populacional foi feito em tempo hábil, mas isso acabou por encarecer o custo de produção. A média do estado está estimada em 4.069 kg/ha (271@/ha).

Figura 9 – Lavoura de algodão em floração/frutificação em Chapadão do Céu-GO



Fonte: Conab



Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento indicou forte redução da área (12%), comparado à safra anterior.

Na Bahia o cultivo de algodão ocupa cerca de 201,6 mil hectares de área cultivada. Espera-se rendimento de 3.959 kg/ha (264 @/ha) de algodão em caroço, com o fracionamento médio de 40% de pluma e 60% de caroço. A colheita foi iniciada em maio e deve se estender até julho, com a expectativa de produção em torno de 319,3 mil toneladas de pluma e 478,8 mil toneladas de caroços. Os números da safra atual representam redução de 14,3% na área cultivada e aumento de 29,1% na produção de pluma e caroço em relação à safra passada. Os campos de algodão estão distribuídos no Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo

Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, de renovação anual e semiperene, de plantio direto e convencional.

No Centro-Sul estima-se o cultivo de 4,4 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com gotejamento, caracterizado por propriedades de médio e pequeno porte. A produtividade média esperada é de 1.500 kg/ha (100 @/ha) de algodão em caroço. A colheita foi iniciada em maio e já evoluiu em 75% da área.

No Extremo Oeste estima-se o cultivo de 190 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande porte. A produtividade média esperada é de 4.125 kg/ha (275 @/ha) de algodão em caroço e a colheita foi iniciada em maio e já atinge 5% da área.

Figura 10 – Lavoura de algodão em frutificação em Barreiras-BA



Fonte: Conab.

Figura 11 – Lavoura de algodão em colheita em São Desidério-BA



Fonte: Conab.

No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 3,5 mil hectares irrigado com pivô central. As lavouras foram plantadas após a colheita da soja. A produtividade esperada é de 4.330 kg/ha (289 @/ha) de algodão em caroço. No extremo-oeste estima-se o cultivo de 190,8

mil hectares, entre áreas de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro estão apresentando ótimo desenvolvimento. As chuvas de fevereiro e março proporcionaram às plantas um desenvolvimento há muitos anos não visto pelos produtores.



Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se uma produtividade de 4.063 kg/ha (271 @/ha) de algodão em caroço. No momento as culturas encontram-se em estágios diversos, desde vegetativo até a colheita.

No Maranhão os cultivos de algodão herbáceo primeira safra permanece apenas na região sul do estado, possuindo uma área plantada equivalente a 18,9 mil

hectares e expectativa de atingir uma produção próxima a 74,1 mil toneladas de pluma, o que representa redução de 9,6 e 10,2% em relação à safra passada, com uma produtividade esperada em torno de 262 @/ha ou 3.923 kg/ha. O plantio já foi concluído como programado e a cultura encontra-se 35% em fase de frutificação e os outros 65% em maturação. As alterações de área e produção foi equivalente a 1,6%.

Figura 12– Algodão em frutificação em Tasso Fragoso-MA



Fonte: Conab.

Em relação ao algodão segunda safra, o município de Balsas cultivará pela primeira vez. O plantio já foi finalizado. A produtividade é cerca de 3.875 kg/ha (258 @/ha), totalizando uma produção equivalente a 14,4 toneladas de pluma. Essa cultura está em pleno estágio de frutificação.

No Piauí a área de algodão para essa safra deve atingir 5,6 mil hectares, incremento de 1,8% em relação à safra anterior. Nessa safra a expectativa de produtivi-

dade do algodão gira em torno de 3.013 kg/ha (201 @/ha), gerando uma diminuição de 10,2% em relação ao levantamento anterior devido à baixa produtividade esperada para o algodão no município de Corrente, que sofreu com a escassez de chuvas no período reprodutivo. No entanto, na maior parte do estado a lavoura encontra-se em boas condições, 50% em frutificação e 50% em maturação. Com expectativa de início de colheita na primeira quinzena de junho.

Figura 13 – Algodão em reprodução afetado pelo deficit hídrico em Corrente-PI



Fonte: Conab.

No Ceará o cultivo do algodão resume-se a Quixeramobim, onde foram semeados 350 hectares da cultura. A produção desse município é destinada a uma usina local de beneficiamento do produto. Em Quixadá

não houve o plantio este ano, uma vez que o governo não distribuiu as sementes. Foram ofertadas pela usina sementes de algodão aos agricultores desse município, porém eles não manifestaram interesse em



continuar com suas lavouras. O algodão encontra-se atualmente no estádio fenológico de frutificação (formação das maçãs).

Na Paraíba essa cultura era uma das atividades rural de maior expressão econômica do estado. As condições climáticas adversas, baixa produtividade, a forma tradicional de manejo e preços recebidos, que não cobrem os custos de produção, praticamente tem levado a cotonicultura paraibana à extinção. Na safra passada foram plantados 132 hectares, cuja produtividade foi drasticamente reduzida. Na presente safra é estimado o plantio de 410 hectares de algodão, com produtividade estimada em 795 kg/ha (53 @/ha). O aumento da área do algodão se deve à demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que realizaram contrato de compra junto a produtores, ofertando sementes, garantindo o preço de R\$ 2,50/Kg e frete do produto colhido até a usina de beneficiamento. Até o momento foi plantada 44% da área, cuja maioria da cultura encontra-se na fase de desenvolvimento, onde já é contabilizado redução de produtividade em razão do baixo volume de chuvas.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada em virtude da disposição dos produtores em não investirem na lavoura neste exercício (21,4%).

Em Minas Gerais o plantio de algodão apresentou uma queda de 18,3% em relação à safra passada, totalizando uma área de 16 mil hectares, distribuída entre as regiões Noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e uma pequena parte no Norte de Minas. Favorecida pelas chuvas de maio, a produtividade deve aumentar em torno de 9,6%, impactando positivamente na produção, que está estimada em 60 mil toneladas.

Apenas 10% das lavouras já foram colhidas, cerca de 70% se encontram em fase de maturação e o restante em fase de floração ou frutificação. A colheita deve se intensificar em junho e julho, estendendo-se até agosto.

Em São Paulo, ao contrário dos principais produtores, tem apresentado quedas constantes tanto em área quanto em produção de algodão ao longo de várias safras. A destinação de terras para outras atividades de maior retorno aos produtores tem sido responsável por uma redução maior na participação dessa cultura na produção do estado.

O elevado custo de produção dessa cultura e a concorrência com o produto importado são fatores que têm desestimulado a cotonicultura paulista. O produtor, dessa forma, vem optando por investir em cultura de maior retorno e liquidez, como a soja. Sinaliza com forte recuo de 35,7% na área plantada.

Na Região Norte apenas Tocantins e Roraima produzem algodão. No Tocantins a estimativa é de redução de 38,2% na área de cultivo em relação à safra 2015/16 devido, principalmente, ao encerramento da isenção do ICMS para a produção de algodão. Na região leste do estado esse decréscimo foi maior dado à possibilidade de os produtores cultivarem a cultura na Bahia. Já para a produção, a redução deve ser de apenas 17,5% tendo em vista as condições pluviométricas mais favoráveis nessa safra.

Houve restrição pluviométrica apenas no final de dezembro e início de janeiro, atingindo as plantas em seu estágio inicial de desenvolvimento. Mas, após esse período, as chuvas se regularizaram e as lavouras vêm se desenvolvendo normalmente. As condições das lavouras são consideradas boas e se mantém a expectativa de que alcancem uma boa produtividade. Grande parte das lavouras encontram-se em maturação.

Em Roraima o algodão foi produzido de forma experimental na safra 2014/15, com uma área de 200 hectares. Na safra 2015/16 totalizou uma área aproximada de 1,6 mil hectares, com produtividade média de 4.050 kg/ha (270 @/ha). Para a safra atual, o plantio foi concluído, fechando em 2.500 mil hectares, concentrando todo o plantio em maio. A produtividade média esperada é de 4.200 kg/ha (280 @/ha).



Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Algodão

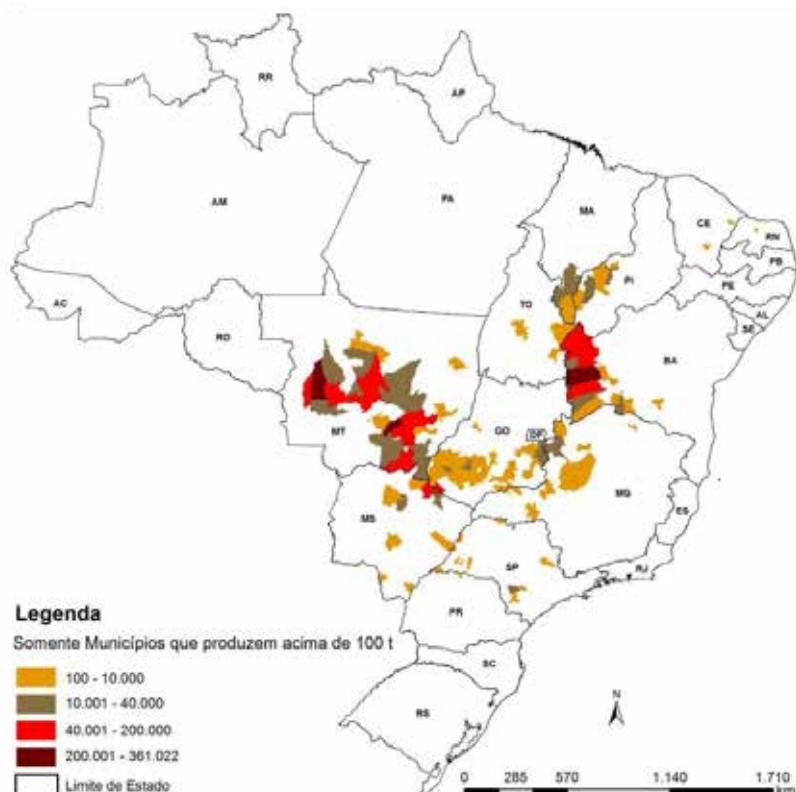
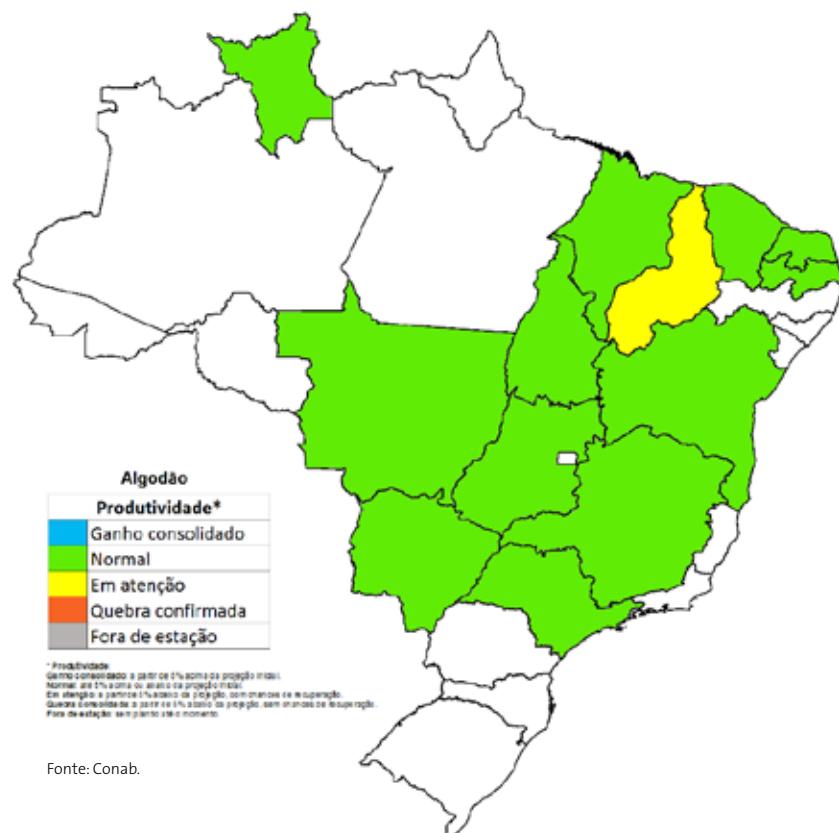


Figura 15 – Mapa da estimativa de produtividade- Algodão



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Nordeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		PP/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/C	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.887	39,5	21,7	28,4	30,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	2.703	3.922	45,1	709,0	905,1	27,7
MA	20,9	22,5	7,6	3.949	3.915	(0,9)	82,5	88,1	6,8
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.013	148,6	6,7	16,9	152,2
CE	0,3	0,4	19,5	534	900	68,5	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.461	3,7	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,4	300,0	414	795	92,0	-	0,3	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	2.629	3.959	50,6	618,3	798,1	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,0	3,3	3.653	3.990	9,2	2.412,7	2.721,2	12,8
MT	600,8	627,8	4,5	3.664	3.973	8,4	2.201,3	2.494,2	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	4.090	4.300	5,1	122,3	120,4	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.069	35,6	89,1	106,6	19,6
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	3.400	3.696	8,7	80,9	69,1	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	3.420	3.750	9,6	67,0	60,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	3.305	3.377	2,2	13,9	9,1	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	2.706	3.921	44,9	730,7	933,5	27,8
CENTRO-SUL	685,1	700,7	2,3	3.643	3.982	9,3	2.495,6	2.790,3	11,8
BRASIL	955,2	938,8	(1,7)	3.378	3.967	17,4	3.226,3	3.723,8	15,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.526	36,9	8,7	11,2	28,7
RR	-	2,5	-	-	1.596	-	-	4,0	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.081	1.568	45,1	283,6	361,9	27,6
MA	20,9	22,5	7,6	1.580	1.566	(0,9)	33,0	35,2	6,7
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.205	148,5	2,7	6,7	148,1
CE	0,3	0,4	19,5	187	315	68,4	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.695	3,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,4	300,0	145	278	91,7	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.052	1.584	50,6	247,3	319,3	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,0	3,3	1.460	1.594	9,2	963,9	1.087,3	12,8
MT	600,8	627,8	4,5	1.466	1.589	8,4	880,5	997,7	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	1.616	1.699	5,1	48,3	47,6	(1,4)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.603	35,6	35,1	42,0	19,7
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	1.357	1.476	8,8	32,3	27,6	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	1.368	1.500	9,6	26,8	24,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	1.305	1.334	2,2	5,5	3,6	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.082	1.567	44,8	292,3	373,1	27,6
CENTRO-SUL	685,1	700,7	2,3	1.455	1.591	9,4	996,9	1.114,9	11,8
BRASIL	955,2	938,8	(1,7)	1.350	1.585	17,4	1.289,2	1.488,0	15,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.361	41,2	13,0	17,2	32,3
RR	-	2,5	-	-	2.604	-	-	6,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.622	2.353	45,1	425,4	543,2	27,7
MA	20,9	22,5	7,6	2.369	2.349	(0,8)	49,5	52,9	6,9
PI	5,5	5,6	1,8	727	1.808	148,7	4,0	10,2	155,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	585	68,6	0,1	0,3	200,0
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.766	3,8	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,4	300,0	269	517	92,2	-	0,2	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.577	2.375	50,6	371,0	478,8	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,0	3,3	2.194	2.396	9,2	1.448,8	1.633,9	12,8
MT	600,8	627,8	4,5	2.198	2.384	8,5	1.320,8	1.496,5	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	2.474	2.602	5,2	74,0	72,8	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.466	35,6	54,0	64,6	19,6
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	2.043	2.220	8,7	48,6	41,5	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	2.052	2.250	9,6	40,2	36,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	2.000	2.043	2,2	8,4	5,5	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.623	2.353	45,0	438,4	560,4	27,8
CENTRO-SUL	685,1	700,7	2,3	2.187	2.391	9,3	1.498,7	1.675,4	11,8
BRASIL	955,2	938,8	(1,7)	2.028	2.382	17,4	1.937,1	2.235,8	15,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 2 de maio de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 22,76 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 23,58 milhões de toneladas. Esses resultados significariam um aumento estimado de 8% e 11,9%, respectivamente, comparando essas duas safras com a safra 2015/16, que apresentou uma produção de 21,06 milhões de toneladas.

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a produção para a safra 2016/17 é de 1.488 mil toneladas, esse valor é 15,4% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,7% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 938,8 mil hectares, um aumento significativo na produtividade de cerca de 17,4%, deverá compensar as perdas de área. O clima favorável, até agora, nas principais regiões produtoras e os preços atuais da pluma atrativos são responsáveis por essa expectativa de aumento na disposição de plantio.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,11 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 24,55 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,35 milhão de toneladas de algodão. Assim, os estoques mundiais de algodão deverão terminar essa safra no menor patamar dos últimos seis anos.

A dinâmica do mercado brasileiro de algodão segue a mesma desde o final de 2016, as pequenas e médias empresas seguem relativamente ativas no mercado, enquanto as grandes atuam apenas para repor as necessidades mais imediatas. Em meados de junho, a colheita do algodão se iniciará, o que faz que os compradores prefiram aguardar que a maior oferta disponível pressione os preços para baixo.



Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (')	2017 (²)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.744,3
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.488
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.114,9
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	373,3
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	55,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.330,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	700,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	630,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	414,3
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,7

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/ SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 17 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra.



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	113,3	7,8	3.543	3.713	4,8	372,4	420,7	13,0
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	103,1	110,7	7,4	3.538	3.715	5,0	364,8	411,3	12,7
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	118,7	7,6	3.524	3.701	5,0	388,8	439,3	13,0
BRASIL	110,3	118,7	7,6	3.524	3.701	5,0	388,8	439,3	13,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

A produção de amendoim segunda safra é estimada em 17,4 mil toneladas, cultivada em uma área de 8,5 mil hectares, com produtividade média de 2.045 kg/ha. A segunda safra, também chamada de safra da seca, tem menor produção do que a primeira safra, por não encontrar condições climáticas tão ideais que o cultivo de amendoim requer.

Em São Paulo, o período mais adequado ao cultivo do amendoim segunda safra vai do início de fevereiro, após a colheita do amendoim primeira safra, até meados de março. Essa safra é responsável por aproximadamente 3% da produção total de amendoim no estado, sendo cultivado predominantemente na alta paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. A estimativa é de redução da produção em 4,7%, comparada à última safra, influenciada principalmente pela redução da área de 3,9% em relação à safra anterior.

No Ceará, o amendoim é semeado em regiões que são tipicamente mais úmidas, localizadas no Cariri Cearense e na Serra da Ibiapaba. O cultivo desse grão no estado é realizado em propriedades familiares, em localidades onde muitos moradores, por tradição, plantam essa leguminosa. Grande parte da semente utilizada pelos produtores é crioula e, em menor escala, uma cultivar desenvolvida pela Embrapa. A BR-1, do grupo Valência, está sendo semeada na região por apresentar boa produtividade nas condições ambientais locais. O preparo do solo das lavouras dessa cultura, em grande parte das áreas, é mecanizado, porém, ainda se encontra áreas onde é realizado de forma manual, com um instrumento agrícola denominado “matraca”. Alguns agricultores plantam em consórcio com outras culturas anuais. Estima-se que a área de amendoim segunda safra, no estado, é de 0,3 mil hectares e com uma produtividade de 1.202 kg/ha.



Figura 16 - Amendoim em consórcio com milho em Monte Alverne-CE



Fonte: Conab.

Na Paraíba, que em outras safras já chegou a mais de mil hectares cultivados com amendoim, tem para essa safra uma sinalização de plantio de 0,4 mil hectares e uma estimativa de produtividade de 796 kg/ha. Na área em que já foi plantada, a cultura vem se apresentando em boas condições, predominando o estádio de desenvolvimento vegetativo.

Em Tocantins, nessa safra, a estimativa da área plantada é de 0,3 mil hectares. A queda na área plantada foi de

57,1% em relação à safra anterior, influenciada pela substituição da cultura de amendoim pela soja, que é considerada como de melhor retorno ao capital investido. Quanto à produtividade foi constatado aumento significativo de 175,9% em relação à safra passada devido às melhores condições climáticas e à utilização de sementes de melhor qualidade. Em relação à produção, apesar da redução da área de cultivo, é esperado aumento de 16,7% comparado à última safra, em razão da boa produtividade nessa safra.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M	C	

Legendas:

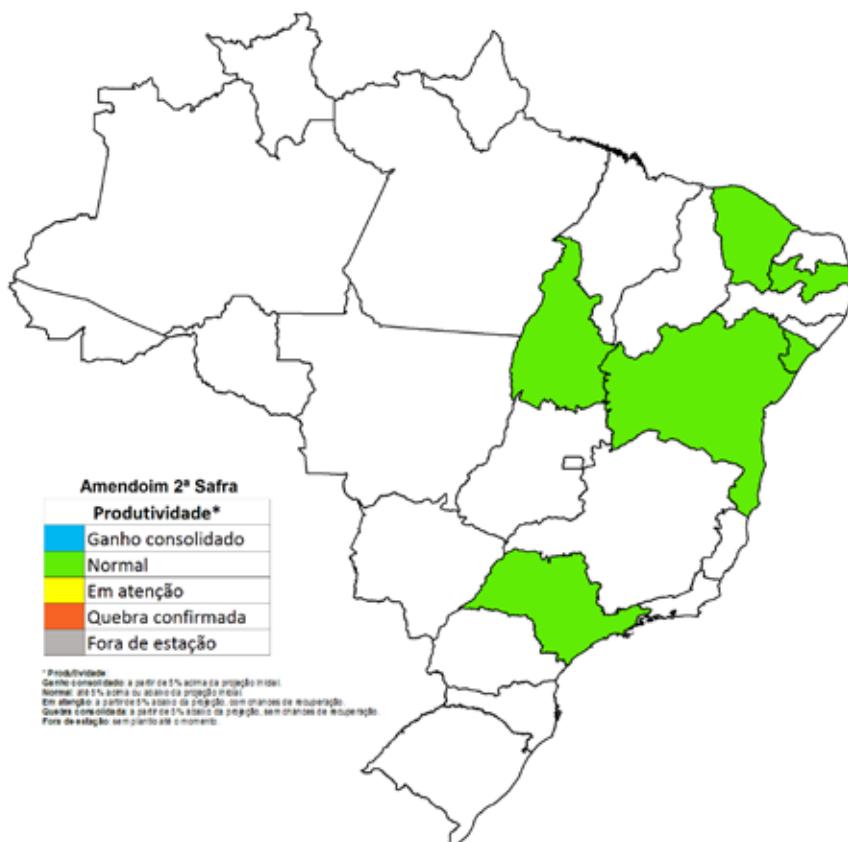
Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Figura 19 -Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

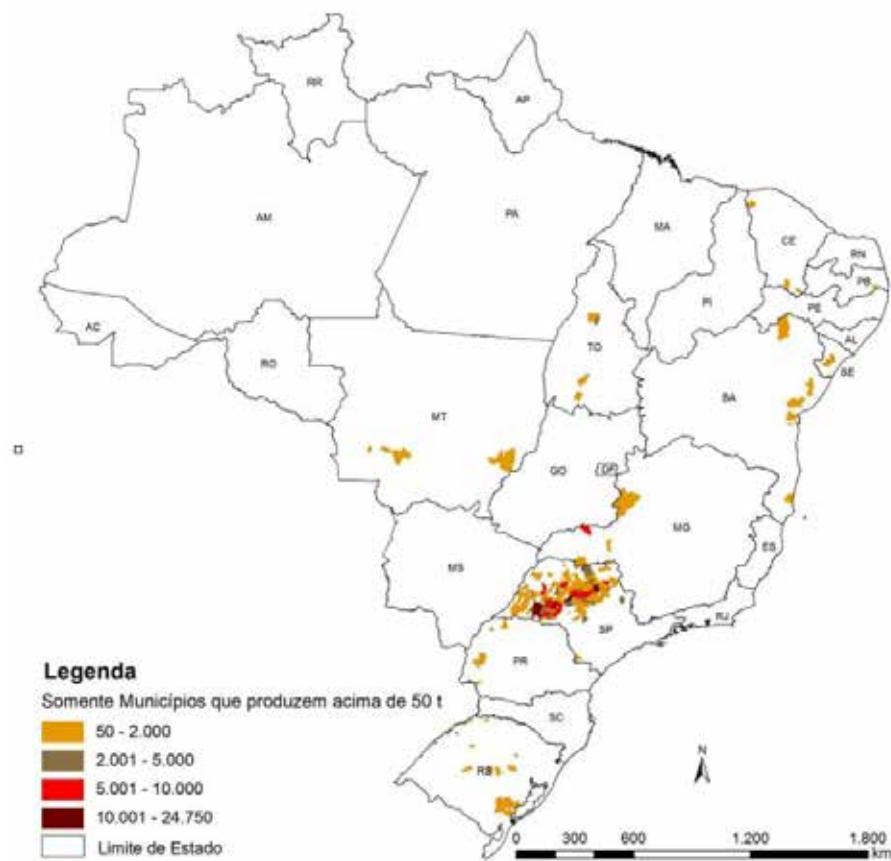
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.172	18,4	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	(16,3)	368	1.202	226,6	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	796	83,8	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.465	(1,0)	12,7	12,1	(4,7)
SP	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.465	(1,0)	12,7	12,1	(4,7)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.474	31,9	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	5,2	4,9	(5,8)	2.469	2.465	(0,2)	12,8	12,1	(5,5)
BRASIL	9,3	8,5	(8,6)	1.873	2.045	9,2	17,3	17,4	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 20 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.172	18,4	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.202	226,6	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	796	83,8	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	110,2	118,2	7,3	3.494	3.661	4,8	385,1	432,8	12,4
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	108,2	115,6	6,8	3.489	3.662	5,0	377,5	423,4	12,2
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.474	31,9	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	115,5	123,6	7,0	3.477	3.652	5,0	401,6	451,4	12,4
BRASIL	119,6	127,2	6,4	3.396	3.590	5,7	406,1	456,7	12,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.3. ARROZ

O nono levantamento de arroz, realizado na safra 2016/17, registra redução de 1,6% na área plantada em relação à safra passada, influenciado principalmente pela redução das áreas de plantio em sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em áreas irrigadas, o que ajuda a explicar a estimativa de aumento de produtividade em 16,3%. A produção deve chegar a 12.129,9 mil toneladas, aumento de 14,4% em relação à safra passada.

A Região Sul, onde se concentra a maior parte da produção do país, deve ter 1,9% de incremento de área em relação à safra passada. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul as lavouras de arroz encontram-se praticamente colhidas, totalizando, até o momento, 99% da área cultivada. As perdas que poderiam ocorrer no momento da colheita das lavouras atrasadas devido elevada precipitação no final de abril e que causaram até alagamentos de lavouras com o grão já maduro, acabaram não sendo tão impactantes a ponto de afetar a produção total, pois foi possível realizar a colheita dos grãos, embora tenha reduzido a qualidade. Com isso, a produtividade média do estado foi ajustada para 7.825 kg/ha, um acréscimo de 14,5% em relação à safra anterior.

Em Santa Catarina, o término da colheita principal do arroz comprovou a expectativa de uma excelente sa-

fra para a cultura no estado. A produtividade média das lavouras ficou em 7.452 kg/ha, representando um aumento de 4,4% em relação à safra passada, o que resulta num aumento de produção total do estado em 4,4%, uma vez que a área de cultivo permaneceu a mesma da safra anterior. Não apenas as altas produtividades chamaram atenção, mas também a qualidade dos grãos colhidos, fato que se deve principalmente ao clima favorável e à baixa incidência de pragas e doenças ao longo de toda a safra. Na região norte, onde a prática do cultivo da soca ou rebrota é comum, grande parte das lavouras de soca já foram colhidas. As chuvas das últimas semanas prejudicaram um pouco o desenvolvimento dessas lavouras, no entanto, esse fato não deve interferir na produtividade média do estado.

A Região Norte, segunda maior produtora nacional, teve uma redução de 0,8% na sua área plantada em relação à temporada passada.

Em Tocantins há o plantio em sequeiro e irrigado, com uma produção estadual estimada em 673,9 mil toneladas de arroz. A safra de sequeiro é tradicionalmente realizada por agricultores familiares para o consumo próprio e pela agricultura empresarial para a abertura de área para o cultivo de soja. Nessa safra observa-se redução de 25% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para este segmento é influenciada, em parte,



pela diminuição de abertura de áreas para cultivo de soja e também pelo maior emprego de tecnologia por alguns produtores, que conseguem um retorno econômico maior com a soja no primeiro ano de cultivo. A cultura está próxima do fechamento do seu ciclo, apresentando 90,5% da área cultivada já colhida e o restante praticamente já se apresenta em maturação. Com o clima mais regular, nessa temporada, a expectativa é de uma produtividade média de 33,5% maior que na safra anterior. Com relação ao plantio irrigado houve um incremento de 7,9% na área cultivada e aumento de 2,3% na produtividade, com isso, há um crescimento de produção em 10,4% ante à última safra. A colheita do arroz irrigado foi finalizada em maio e aproximadamente 30% da produção já foi comercializada. Foi relatado que a alteração da tributação estadual na comercialização de arroz em Tocantins tem desestimulado a comercialização para outras Unidades da Federação, o que justifica a retração do nível de comercialização em relação à safra anterior.

Em Rondônia, a colheita encontra-se encerrada praticamente em todos os municípios produtores de arroz. A produção esperada é de 120 mil toneladas e a produtividade é estimada em 2.956 kg/ha, 13,6% inferior em relação à safra passada. A redução da produtividade deve-se, em parte, ao fato das lavouras estarem em áreas novas e que anteriormente eram utilizadas como pastagens, localizadas em regiões do estado onde a cultura de soja encontra-se em plena expansão e também devido à ocorrência de Brusone e excesso de chuvas durante a colheita.

No Pará, o cultivo de arroz ocupa a área de 70,6 mil hectares, uma redução em torno de 3,2% ante à última safra. Cerca de 70% da área já foi colhida. A estimativa de rendimento é de 2.654 kg/ha e a produção esperada é de 187,4 mil toneladas. Os números da safra atual mostram redução na área cultivada em razão do abandono de algumas áreas por falta de chuvas, e aumento de 2% na produção devido ao ganho de produtividade de 5,4% em relação à safra passada. O ganho de rendimento se justifica, em parte, pelas boas condições de chuva em que se deu o desenvolvimento da cultura. Os campos de arroz de sequeiro estão distribuídos por todo o estado em plantio convencional. Já os campos de arroz irrigado se concentram na Mesorregião do Marajó, nos municípios de Cachoeira do Arari e Salvaterra.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 13,5%, enquanto a área sob cultivo irrigado é 158,1% maior em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a área estimada cultivada com arroz

é de 156,9 mil hectares. As áreas de arroz de sequeiro estão reduzindo, enquanto as áreas de cultivo irrigado estão sob expansão. A colheita de arroz de sequeiro, nos 146 mil hectares semeados, está finalizada. Apesar da menor área destinada ao arroz de sequeiro, a safra 2016/17 registrou a produção de 477,1 mil toneladas, volume 10,8% maior que na última safra. Tal variação positiva se deve ao desempenho produtivo do cultivo de arroz mato-grossense, beneficiado pelas boas condições climáticas. Assim, a produtividade média ficou em 3.268 kg/ha, rendimento de 14,2% superior à safra anterior. Já as lavouras de arroz irrigado estão localizadas na região médio-norte do estado e são plantadas na segunda safra, em áreas de pivô que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A sucessão com o arrozal deve-se à expectativa dos bons preços, que atraíram os produtores, além da rotação de cultura com a oleaginosa. A lavoura está se desenvolvendo bem, com a cultura em estádio reprodutivo, em floração e frutificação. A área de arroz irrigado é de aproximadamente 10,9 mil hectares e a produtividade média esperada para essa safra é de 3.815 kg/ha. Assim, é prevista uma produção de 41,6 mil toneladas de arroz irrigado, com expectativa de colheita a partir de junho.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura do arroz encontra-se finalizada e, até o momento, alguns produtores vão decidir se adotam outro sistema de lavoura ou mantém as áreas em pousio até a próxima safra. Ao concluir a colheita, alguns produtores citaram a chuva como empecilho para a realização dessa operação, porém sem perdas e danos significativos de produtividade e qualidade do produto. A cultura apresentou produtividade média de 6.000 kg/ha, cerca de 23,5% superior em relação à safra anterior, produzidos em uma área média de 15,5 mil hectares. A comercialização do cereal, até o momento, encontra-se pouco ativa, tendo em vista que as indústrias beneficiadoras seguem estabelecendo os preços pagos aos produtores, até pelo fato de baixa produção interna, recorrendo a países vizinhos, como Paraguai e Argentina, através de importações.

Em Goiás, a maior parte do arroz produzido é plantado sob condições de irrigação, por meio do sistema de inundação. A área plantada sob esse sistema é estimada em 14,9 mil hectares e a produção em 93,9 mil toneladas, realizada em calendário escalonado, com plantio e colheita ocorrendo em diferentes períodos ao longo do ano. Dessa forma, as ofertas desse produto no mercado não são concentradas em um determinado período. Nessa safra, o arroz irrigado apresenta produtividade de 6.300 kg/ha. Já o cultivo de arroz de sequeiro ou de terras altas, encontra-se sob forte declínio, sendo cultivado em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para



subsistência. Não houve distribuição de semente e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares, o que impactou na área de sequeiro a ser semeadas, sendo 74,2% menor do que na última safra e a produtividade alcançando 2.300 kg/ha, 41% menor

do que na safra passada. A produção total do estado deve ser de 109,3 mil toneladas e, embora insuficiente para atender a demanda interna, é destinado ao mercado goiano, do Distrito Federal e algumas regiões do Nordeste do Brasil.

Figura 21 – Lavoura de arroz irrigado em Flores de Goiás-GO



Fonte: Conab.

Na Região Nordeste a cultura é cultivada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. Tanto as áreas de sequeiro quanto de arroz irrigado apresentam redução, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. Nesse levantamento, a estimativa aponta para redução na área cultivada em 19,2% e, apesar dessa diminuição, a produção deverá ser 1,2% maior quando comparada ao exercício anterior.

Maranhão deverá apresentar redução de 22% na área plantada em relação à safra 2015/16. Essa retração é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, mas as áreas irrigadas também devem sofrer redução em relação à última safra. A produção deve chegar a 221,9 mil toneladas, queda de 17,3% em relação à safra passada, e só não foi menor devido ao aumento de produtividade, 6% maior em relação à safra passada. A área plantada com arroz irrigado equivale 1,4 mil hectares, 1% do total das lavouras de arroz no estado e responsável por 3% da produção, provocada pelo alto rendimento de 5.020 kg/ha. Em relação ao arroz em sequeiro houve redução de 22% na área cultivada e 17,9% na produção em relação à safra passada. A produtividade, por sua vez, não seguiu o mesmo caminho, aumentando 5,3% devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior.

O Piauí deve chegar à produção de 106,2 mil toneladas de arroz, cerca de 77,9% maior em relação à safra passada, que foi severamente castigada pelo regime climático. O arroz irrigado deve ocupar 5,2 mil hectares de área e a produtividade esperada é de 4.453 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira

em torno de 1.384 kg/ha em uma área de 60 mil hectares. As lavouras de sequeiro se desenvolveram satisfatoriamente e já foram totalmente colhidas.

Sergipe destaca-se pelas elevadas produtividades médias e como um dos maiores produtores de arroz do Nordeste. O cultivo está concentrado no Território do Baixo do São Francisco Sergipano, representando mais de 60% de toda produção estadual. A época de plantio da cultura de arroz é muito fragmentada, realizado entre janeiro e setembro em virtude da falta de estrutura nos perímetros irrigados, que não possuem condição para irrigação de todos os lotes ao mesmo tempo. Esses perímetros irrigados concentram a quase totalidade dos cultivos e, assim, a regularidade ou a falta de chuvas dificilmente influenciará decisivamente na produtividade final do grão. O governo estadual tem distribuído sementes de boa qualidade e, aliado ao manejo adequado das lavouras, contribui para essa alta produtividade. O plantio teve início em maio e se encontra com aproximadamente 4% da área prevista plantada, com as demais a serem plantadas ao longo do ano, especialmente entre junho e agosto. O preço pago pelos cerealistas tem atraído maiores investimentos à produção. Apesar da expectativa positiva, a área deve ser reduzida de 5,1 mil hectares para 4,7 mil hectares em virtude do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas. Espera-se que a produção de arroz no estado seja de 32,3 mil toneladas.

Em Alagoas, a área total a ser plantada é de 2,8 mil hectares e a estimativa de produtividade é de 5.831 kg/ha. A produção total é comercializada na própria



região, entre Alagoas e Sergipe. Atualmente a cultura passa por uma análise mais apurada dos técnicos da Codevasf que, com o apoio do governo estadual, através da distribuição de sementes selecionadas e assistência técnica da Emater, tenta alavancar a produção do baixo São Francisco.

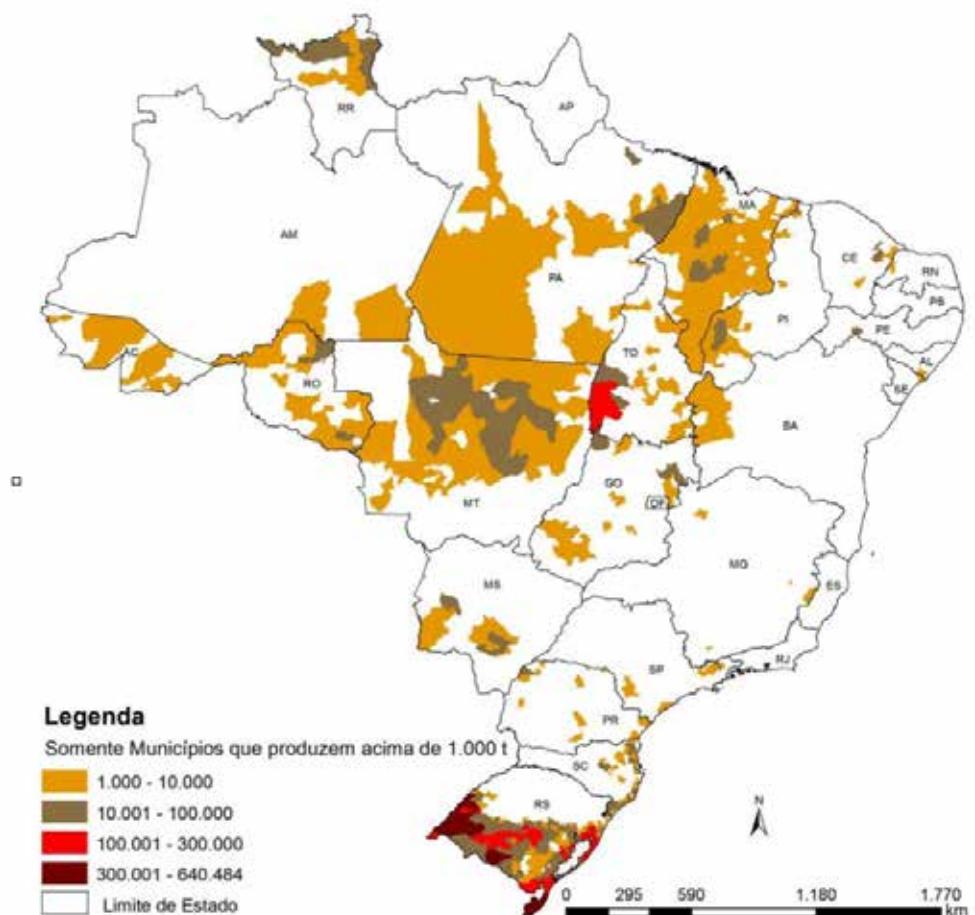
Na Bahia, o cultivo de arroz ocupa a área de 8,1 mil hectares em sequeiro, concentrados no extremo-oeste do estado. Espera-se a produtividade de 900 kg/ha. A colheita foi iniciada em maio e deve se estender até junho, com a estimativa de produção em torno de 7,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 3,8% na área cultivada e 82,5% na produção em relação à safra passada.

A cultura tem pouca expressão na Região Sudeste. A área plantada deve ser 6,4% inferior ao se comparar com a safra passada. São Paulo, maior produtor regional, apresentou redução de 3% em relação à área plantada da última safra. A produção deverá ser 0,8% maior que na safra passada e se concentra nas regi-

ões do Vale do Paraíba, sob irrigação. Devido às dificuldades enfrentadas, o produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis, como soja e milho, na expectativa de ganhos maiores.

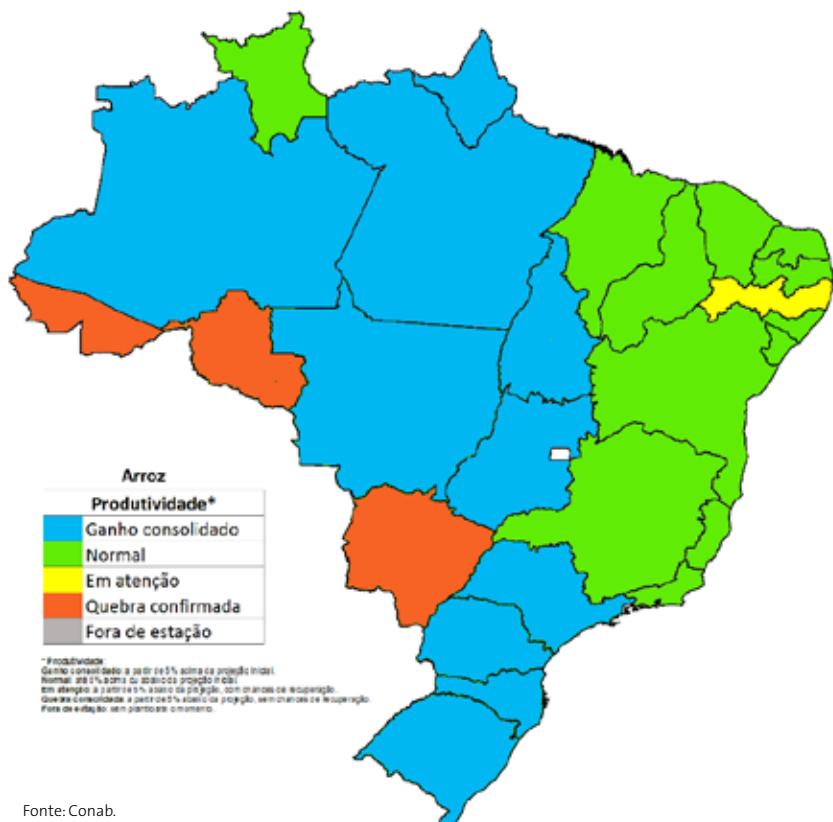
Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas safras, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio. Na safra 2015/16 havia em Minas Gerais uma área de 6,5 mil hectares com a cultura. Na safra atual, a área estimada é de 6 mil hectares, dos quais 11,7% são de sequeiro e 88,3% de irrigado, apresentando uma redução de 7,7% em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade dessa cultura em relação à outras mais rentáveis e de menor risco, explicam essa pequena área cultivada de arroz. As lavouras já foram integralmente colhidas e a qualidade dos grãos é bastante satisfatória, exceto na região norte do estado, onde os grãos colhidos estão sendo classificados como ruins ou péssimos. A expectativa é para uma produtividade de 2.600 kg/ha, 12,7% maior que na última safra.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	141,0	(8,9)	2.432	2.486	2,2	376,5	350,6	(6,9)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.300	(3,9)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	11,0	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	68,0	65,5	(3,7)	2.413	2.516	4,3	164,1	164,8	0,4
TO	35,7	26,8	(25,0)	1.509	2.015	33,5	53,9	54,0	0,2
NORDESTE	266,2	213,3	(19,9)	1.141	1.475	29,3	303,6	314,5	3,6
MA	179,7	140,2	(22,0)	1.456	1.533	5,3	261,6	214,9	(17,9)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	2.040	214,8	3,0	8,4	180,0
PB	0,8	0,9	15,1	197	1.008	411,7	0,2	0,9	350,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	152,7	(13,5)	3.014	3.226	7,0	532,0	492,5	(7,4)
MT	150,5	146,0	(3,0)	2.861	3.268	14,2	430,6	477,1	10,8
GO	26,0	6,7	(74,2)	3.900	2.300	(41,0)	101,4	15,4	(84,8)
SUDESTE	3,3	3,1	(6,1)	2.221	2.616	17,8	7,3	8,2	12,3
MG	1,0	0,7	(30,0)	800	850	6,3	0,8	0,6	(25,0)
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	2,0	25,0	3.027	3.082	1,8	4,8	6,2	29,2
SUL	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
PR	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
NORTE/NORDESTE	421,0	354,3	(15,8)	1.615	1.877	16,2	680,1	665,1	(2,2)
CENTRO-SUL	186,7	161,1	(13,7)	2.960	3.175	7,3	552,5	511,5	(7,4)
BRASIL	607,7	515,4	(15,2)	2.028	2.283	12,5	1.232,6	1.176,6	(4,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	122,2	10,5	5.799	5.972	3,0	641,3	729,8	13,8
RR	8,6	12,3	43,6	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
PA	4,9	5,1	4,0	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	104,8	7,9	5.781	5.915	2,3	561,3	619,9	10,4
NORDESTE	17,1	15,5	(9,4)	5.260	5.423	3,1	90,1	84,1	(6,7)
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.453	5,7	24,9	23,2	(6,8)
CE	-	0,2	-	-	5.800	-	-	1,2	-
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(6,7)	5.720	5.831	1,9	17,2	16,3	(5,2)
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	6.866	(5,4)	37,0	32,3	(12,7)
CENTRO-OESTE	16,0	41,3	158,1	4.753	5.532	16,4	76,0	228,5	200,7
MT	2,0	10,9	445,0	4.000	3.815	(4,6)	8,0	41,6	420,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	14,9	-	-	6.300	-	-	93,9	-
SUDESTE	13,9	13,0	(6,5)	3.399	3.616	6,4	47,3	47,0	(0,6)
MG	5,5	5,3	(3,6)	2.580	2.831	9,7	14,2	15,0	5,6
SP	8,4	7,7	(8,3)	3.935	4.156	5,6	33,1	32,0	(3,3)
SUL	1.242,7	1.267,9	2,0	6.853	7.780	13,5	8.515,7	9.863,9	15,8
PR	19,3	19,8	2,7	5.533	7.704	39,2	106,8	152,5	42,8
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.825	14,5	7.356,6	8.613,0	17,1
NORTE/NORDESTE	127,7	137,7	7,8	5.727	5.911	3,2	731,4	813,9	11,3
CENTRO-SUL	1.272,6	1.322,2	3,9	6.788	7.669	13,0	8.639,0	10.139,4	17,4
BRASIL	1.400,3	1.459,9	4,3	6.692	7.503	12,1	9.370,4	10.953,3	16,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	265,4	263,2	(0,8)	3.835	4.105	7,0	1.017,8	1.080,4	6,2
RR	8,6	12,3	43,0	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.300	(3,9)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	13,3	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	72,9	70,6	(3,2)	2.520	2.654	5,4	183,7	187,4	2,0
TO	132,8	131,6	(0,9)	4.633	5.121	10,5	615,2	673,9	9,5
NORDESTE	283,3	228,8	(19,2)	1.389	1.742	25,4	393,7	398,6	1,2
MA	181,5	141,6	(22,0)	1.478	1.567	6,0	268,3	221,9	(17,3)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.629	115,8	59,7	106,2	77,9
CE	4,7	4,3	(8,5)	648	2.215	241,8	3,0	9,6	220,0
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PB	0,8	0,9	12,5	197	1.008	411,7	0,2	0,9	350,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(6,7)	5.720	5.831	1,9	17,2	16,3	(5,2)
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	6.866	(5,4)	37,0	32,3	(12,7)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	194,0	0,8	3.159	3.716	17,7	608,0	721,0	18,6
MT	152,5	156,9	2,9	2.876	3.306	15,0	438,6	518,7	18,3
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	21,6	(16,9)	3.900	5.059	29,7	101,4	109,3	7,8
SUDESTE	17,2	16,1	(6,4)	3.173	3.423	7,9	54,6	55,2	1,1
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.600	12,7	15,0	15,6	4,0
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,7	(3,0)	3.790	3.935	3,8	37,9	38,2	0,8
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.756	13,6	8.528,9	9.874,7	15,8
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.506	42,0	120,0	163,3	36,1
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.825	14,5	7.356,6	8.613,0	17,1
NORTE/NORDESTE	548,7	492,0	(10,3)	2.572	3.006	16,9	1.411,5	1.479,0	4,8
CENTRO-SUL	1.459,3	1.483,3	1,6	6.299	7.180	14,0	9.191,5	10.650,9	15,9
BRASIL	2.008,0	1.975,3	(1,6)	5.280	6.141	16,3	10.603,0	12.129,9	14,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No período comercial 2016/17 da balança comercial consolidada, de março de 2016 até fevereiro de 2017, observa-se um deficit no saldo de 293,7 mil toneladas, base casca. Esse resultado contrário ao identificado no período 2015/16, no qual acumulou um superavit de 858,8 mil toneladas, é reflexo de menor safra nacional e da valorização do real. Em abril, o Brasil exportou 37,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 72,1 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 509,3 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em abril, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 51,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 394,03 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem

sendo direcionado principalmente para São Paulo, Minas Gerais, Maranhão e Pernambuco. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação e exportação de 1.000 mil toneladas, pois espera-se uma recuperação da produção interna e um arrefecimento do real.

Acerca do consumo, este foi consolidado em torno de 11,4 milhões de toneladas para a safra 2015/16 em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo levemente superior em virtude da amena recuperação econômica. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 14,4% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12,1 milhões toneladas. Essa expansão da produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra, influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encon-



tra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16,

sendo previsto um estoque final de 1.060,7 mil toneladas para a safra 2016/17.

Tabela 15 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (**)	430,8	12.129,9	1.000,0	13.560,7	11.500,0	1.000,0	1.060,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O plantio da safra 2016/17 aponta crescimento na área plantada, estimada em 1.110 mil hectares, de 13,4% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para essa cultura está estimada em 1.249 kg/ha, na média nacional, 18,2% acima da obtida na última temporada. Com esses re-

sultados de área e produtividade, a produção nacional é estimada em 1.386,6 mil toneladas, representando acréscimo de 34,1% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura.

Feijão comum cores

A expectativa é de incremento de 16,5% da área semeadas com o feijão comum cores. Para o exercício 2016/17 a estimativa é de 477,5 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento na produtividade de 11% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.619 kg/ha para 1.796 kg/ha. A estimativa é de produção de 857,4 mil toneladas.

No Paraná o produto já estava completamente colhido desde março e atualmente está com a comercialização avançada, quase concluída. Os preços pagos ao produtor, de R\$ 2,00 a R\$ 2,50 o quilo foram bem abaixo do esperado, pois houve muita oferta do grão. A qualidade, no geral, foi boa, haja vista que o tempo mais seco na colheita favoreceu a qualidade do produto. O incremento da área plantada/colhida se reverteu em aumento de produtividade, a qual ficou em 1.812 kg/ha, ou seja, 13% superior em relação à safra passada.

Em Minas Gerais a área cultivada com feijão primeira safra ficou estimada em 139,8 mil hectares, sendo 3,6%

menor que a safra passada. Já a produtividade sofreu queda de 1,1%. A redução do rendimento se deve, além da falta de chuvas, ao ataque de mosca-branca e mofo branco. As lavouras encontram-se 100% colhidas.

No Espírito Santo a produção esperada no feijão comum cores é de 1,8 mil toneladas para a safra 2016/17, inferior em 52,8% em relação à safra 2015/16 devido à redução na área plantada em 38% e redução na produtividade em 23,6%. Tal redução é decorrente do não plantio devido à escassez de chuvas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro 2017 e só é cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão comum cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

No Bahia o cultivo de verão do feijão cores ocupa a área de 57 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro a janeiro e se espera rendi-



mento de 999 kg/ha. A colheita foi iniciada em abril e está estimativa a produção de 56,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 68,8% na produção em relação à safra passada. No entanto, cerca de 50% das áreas cultivadas sofreram com restrição hídrica, havendo microrregiões com médias produtivas de 120 kg/ha. Os campos de verão do feijão cores estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo-Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional.

No Centro-Norte estima-se o cultivo de 6,8 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. As lavouras foram cultivadas em ambiente de alta restrição hídrica. A colheita está finalizada e estima-se o rendimento de 162 kg/ha e produção de 1.103 toneladas. No Centro-Sul estima-se o cultivo de 16,8 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado, consorciado com culturas anuais e perenes. As lavouras foram cultivadas em ambiente de alta restrição hídrica. A colheita está finalizada e estima-se o rendimento de 458 kg/ha e produção de 7.679 toneladas.

No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 7,5 mil hectares em manejo de sequeiro. A colheita está finalizada e estima-se o rendimento de 180 kg/ha e produção de 1.344 toneladas. No Extremo-Oeste estima-se o cultivo de 26 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro representam 60% da área cultivada, e obteve o rendimento de 1.050 kg/ha, tendo sua colheita finalizada. As áreas irrigadas estão em estágio de

germinação e crescimento vegetativo, esperando-se o rendimento de 3.000 kg/ha e ocupando 40% da área cultivada.

Na Região Centro-Oeste se observa incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%) em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

No Distrito Federal a área semeada na primeira safra de feijão foi praticamente a mesma cultivada na safra anterior. A produtividade média registrou 1.900 kg/ha, superior em 27,9% ao registrado na safra passada, que foi severamente atacada pelas condições climáticas e ataques da mosca-branca. Os atuais índices de produtividade poderão resultar em produção de 20,7 mil toneladas, superior em 27,8% à obtida na safra 2015/16. A colheita foi finalizada, sendo considerado o produto de boa qualidade. Os negócios que ocorreram ficaram entre R\$ 180,00/200,00 a saca de 60 quilos.

Em Mato Grosso o fechamento da cultura de feijão cores primeira safra 2016/17 foi positiva. A produtividade registrada foi de 1.998 kg/ha, ante dos 1.872 kg/ha da safra passada, aumento de 6,7% no rendimento. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, incremento de 131,6% em relação aos 1,9 mil hectares cultivados no período 2015/16. O aumento da área dedicada à cultura foi devido aos bons preços pagos pelo produto na época do plantio, gerando grandes expectativas por parte dos produtores rurais. A partir disso, registrou-se produção de 8,8 mil toneladas, volume 144,4% superior às 3,6 mil toneladas da safra passada.

Feijão comum preto

No Brasil é esperada queda de 3,5% na área plantada de feijão-preto, alcançando 174,2 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, estima-se um aumento na produtividade de 14,1%, saindo de 1.601 kg/ha para 1.826 kg/ha. A estimativa de produção é de 318,2 mil toneladas, aumento de 10,1% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, a estimativa segue a mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. A produção deve alcançar 307,8 mil toneladas, ou seja, cerca de 97% da oferta do feijão-preto do país.

No Paraná a colheita já está finalizada, com área total

de 112 mil hectares e o produto praticamente todo comercializado. A produtividade foi de 1.929 kg/ha. Uma pequena parcela ainda se encontra em mãos dos produtores, visto que os preços médios obtidos nas vendas ficaram entre R\$ 1,90 e R\$ 2,25 o quilo. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 111,4% da área plantada com a leguminosa para o exercício 2016/17. No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão praticamente colhidas e o preço médio do produto colhido gira em torno de R\$ 2,58 o quilo.



Feijão-caupi

Na primeira safra o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A estimativa é de aumento de área (18,1%) e produtividade (118,6%) em face das condições climáticas mais favoráveis nessa safra. Permanecendo o quadro climático, a produção deve ser superior em 158,1%, alcançando 210,9 mil toneladas.

Na Região Norte/Nordeste, principal região produtora de feijão-caupi, o plantio da safra 2016/17 iniciou-se a partir de novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão-caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A estimativa é de produção de 195,8 mil toneladas numa área de 437,6 mil hectares. Na Bahia, o cultivo de verão do feijão-caupi ocupa a área de 169,9 mil hectares. Espera-se rendimento de 504 kg/ha. A colheita já foi iniciada, e há expectati-

va da produção de 85,6 mil toneladas. O feijão-caupi possui maior adaptação à condição de severidade hídrica e resistência a pragas que o feijão cores e por isso, é mais cultivado no semiárido. Os campos de feijão-caupi estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo-Oeste em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional.

No Maranhão quase a totalidade das lavouras já foi colhida (94%), onde o grão está sendo comercializado em torno de R\$ 2,00 o quilo na região de Balsas e em média de R\$ 4,00 a R\$ 5,00 o quilo na região de Chappadinho, enquanto os 6% restantes encontram-se em estádio de maturação de grãos. A área total plantada é de 36,4 mil hectares, com produtividade média igual a 565 kg/ha e uma produção de 20,6 mil toneladas. Em relação à safra 2015/16, o aumento da produtividade atingiu 20,7%, impulsionada pelas previsões meteorológicas otimistas da safra corrente.

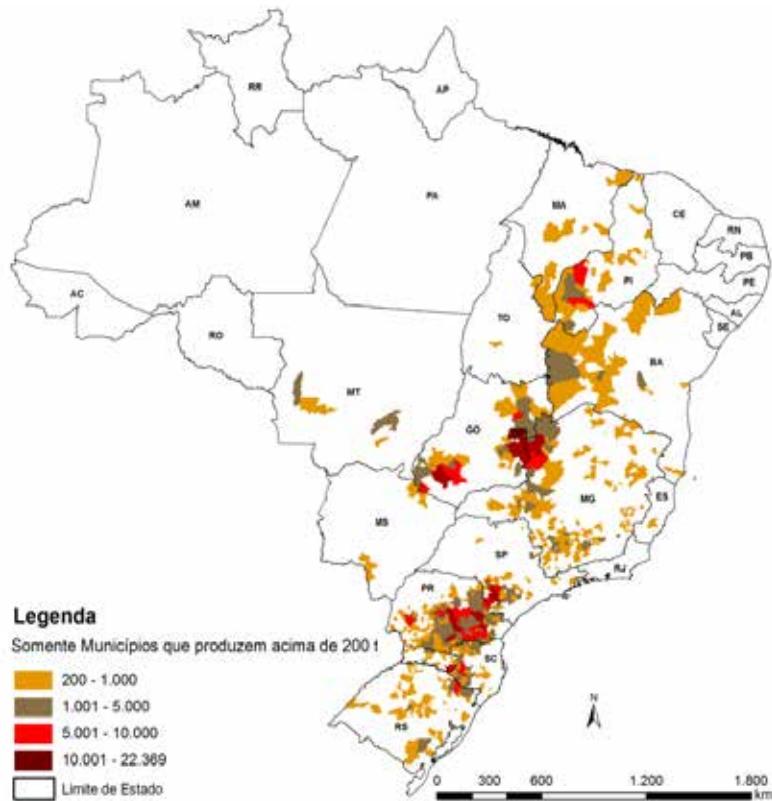
Figura 24 – Lavoura de feijão-caupi em estágio de maturação em Luís Eduardo Magalhães-BA



Fonte: Conab.

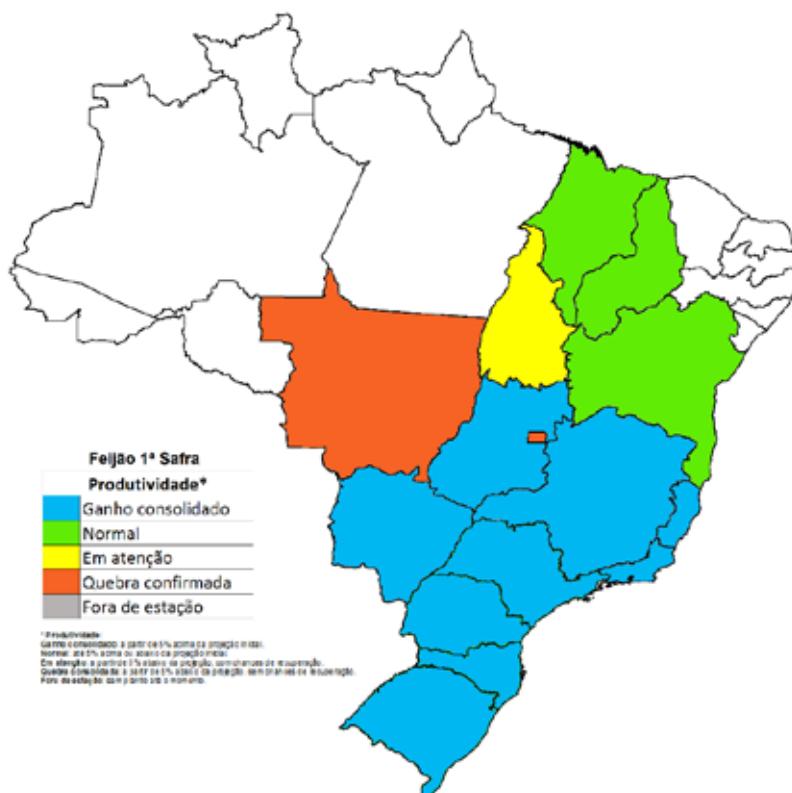


Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 28 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
	Norte Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
DF	Distrito Federal	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Norte de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Zona da Mata	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
SP**	Bauru	P	DV	F	FR	M	C						
	Assis	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	490,2	13,9	255	510	99,8	109,8	250,1	127,8
MA	29,5	36,4	23,4	468	565	20,7	13,8	20,6	49,3
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	189,2	226,9	19,9	352	628	78,4	66,6	142,6	114,1
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	246,3	21,7	1.561	1.650	5,7	315,8	406,3	28,7
MG	146,6	161,0	9,8	1.306	1.213	(7,2)	191,4	195,2	2,0
ES	4,9	3,6	(26,5)	1.239	947	(23,6)	6,1	3,4	(44,3)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	270,9	287,2	6,0	1.680	1.907	13,5	455,0	547,6	20,4
PR	181,4	194,1	7,0	1.575	1.880	19,3	285,7	364,8	27,7
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	495,0	13,8	260	511	96,6	113,1	253,2	123,9
CENTRO-SUL	543,8	615,0	13,1	1.694	1.843	8,8	921,2	1.133,4	23,0
BRASIL	978,6	1.110,0	13,4	1.057	1.249	18,2	1.034,3	1.386,6	34,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	878	(9,7)	4,3	8,2	90,7
MG	1,6	6,9	331,2	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	947	(23,6)	2,5	1,7	(32,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	163,7	(6,4)	1.618	1.880	16,2	283,0	307,8	8,8
PR	125,3	112,0	(10,6)	1.563	1.929	23,5	195,8	216,0	10,3
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.826	14,1	289,1	318,2	10,1
BRASIL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.826	14,1	289,1	318,2	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(56,5)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
BA	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	222,7	12,9	1.576	1.754	11,3	311,0	390,7	25,6
MG	144,4	139,8	(3,2)	1.316	1.302	(1,1)	190,0	182,0	(4,2)
ES	2,9	1,8	(38,0)	1.239	947	(23,6)	3,6	1,7	(52,8)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	96,0	123,5	28,6	1.792	1.941	8,3	172,0	239,8	39,4
PR	56,1	82,1	46,3	1.603	1.812	13,0	89,9	148,8	65,5
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	1.000	46,9	34,8	57,3	64,7
CENTRO-SUL	358,7	420,1	17,1	1.752	1.905	8,7	628,7	800,1	27,3
BRASIL	409,9	477,5	16,5	1.619	1.796	11,0	663,5	857,4	29,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	18,2	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	433,2	14,0	200	446	122,5	76,1	193,1	153,7
MA	29,5	36,4	23,3	468	565	20,7	13,8	20,6	49,3
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	138,9	169,9	22,3	237	504	112,7	32,9	85,6	160,2
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
MG	0,6	14,3	2.283,3	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
NORTE/NORDESTE	383,6	437,6	14,1	204	447	119,2	78,3	195,8	150,1
CENTRO-SUL	4,6	20,7	350,0	743	730	(1,8)	3,4	15,1	344,1
BRASIL	388,2	458,3	18,1	210	460	118,6	81,7	210,9	158,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, esse volume da região é quase 80% da produção total, mesmo ocupando apenas 48,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está es-

timada em 1.390,2 mil hectares, o que configura um incremento de 6% em relação à safra passada. A produtividade deve ter um incremento de 35,2% em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 941 kg/ha. A produção deve ser de 1.307,8 mil toneladas.

Feijão comum cores

O feijão cores permanece como na primeira safra, sendo o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 639,4 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 28,9% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (6,2%) e produtividade (21,3%).

No Paraná a colheita está avançando, atingindo aproximadamente 46% da área colhida. Com relação à safra anterior houve acréscimo de 18,8% na área plantada, estando em 155,4 mil hectares. Esse aumento

ocorreu porque o preço da leguminosa estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição de plantio da soja segunda safra. A produtividade média registrada é de 1.724 kg/ha, mas após a geada ocorrida no final de abril e o excesso de chuvas ocorridas, houve redução na qualidade das lavouras e perda de produtividade de 2,5%, quando comparada com o último levantamento. Nas últimas semanas foi registrado alta nos preços pagos aos produtores devido à redução da oferta, ocasionada pelas chuvas excessivas.

Figura 29 – Lavoura de feijão cores em floração em Campo Mourão-PR



Fonte: Conab.



Figura 30 – Lavoura de feijão cores em desenvolvimento vegetativo em Campo Mourão-PR



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as lavouras de feijão comum cores não foram tão afetadas pelas geadas ocorridas no final de abril, haja vista que o plantio dessa classe ocorre a oeste do estado, onde o fenômeno não foi tão intenso quanto em outras regiões. Dessa forma, de acordo com as informações levantadas, a produtividade ainda deve se manter inalterada em relação ao último levantamento, em torno de 1.990 kg/ha. Contudo, semelhante ao que ocorre com o feijão-preto, as chuvas constantes dos últimos dias estão dificultando o avanço da colheita e já comprometem a qualidade do produto em regiões onde as lavouras estão em estádio avançado de maturação e em ponto de colheita. Até o momento em torno de 40% das lavouras foram colhidas, representando um atraso em torno de 35% em relação ao inicialmente projetado. Os preços voltaram a reagir nos últimos dias, reflexo da menor oferta do produto no mercado, já que a colheita segue em ritmo lento. As cotações têm oscilado ora para cima, ora para baixo, se aproximando dos R\$ 200,00 a saca em algumas regiões, dependendo da qualidade do produto ofertado.

Em Minas Gerais as estimativas apontam uma pequena redução de área, inferior a 1%, em razão do vazio sanitário em alguns municípios da Região Noroeste. Dessa forma, a área cultivada está estimada em 111,8 mil hectares. Há estimativa é de incremento de 13,4% no rendimento, propiciado pelas chuvas suficientes e bem distribuídas nas principais regiões produtoras. Estima-se uma produção de 161,6 mil toneladas. Os preços da saca do feijão de melhor qualidade estão oscilando entre R\$180,00 a R\$200,00. O plantio já se concretizou em aproximadamente 70% da área prevista.

No Espírito Santo a produção esperada é de 4,1 mil toneladas para a safra 2016/17, superior em 73,3% em relação à safra passada (2015/16) devido ao aumento

na área plantada em 20,6% e aumento na produtividade em 47%.

Em São Paulo, no período do plantio da safra da seca, embora as temperaturas já sejam mais amenas, a falta de chuvas contribui para uma menor produtividade, que ocorrem quase sempre na fase de floração e enchimento das vagens. As necessidades de irrigações suplementares melhoram as produtividades do feijoeiro, entretanto, normalmente não são realizadas. Sinaliza com crescimento de 1,3% na área plantada.

Em Mato Grosso a colheita do feijão cores segunda safra está sendo realizada nos 28,4 mil hectares dedicados à cultura em todo o estado, incremento de 67,3% em relação aos 17 mil hectares cultivados na safra passada devido aos bons preços praticados no mercado. Os talhões já colhidos confirmam a expectativa de rendimento médio da cultura em 1.775 kg/ha, 104,6% acima dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16, tendo em vista às boas condições climáticas durante o desenvolvimento da lavoura feijoeira. Portanto, a produção do ciclo 2016/17 de feijão-carioca segunda safra está estimada em 50,4 mil toneladas, índice 242,9% maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior. Apesar da oferta sazonal, com a entrada da safra, as cotações do produto têm subido devido às más condições climáticas, no momento da colheita, em outros estados produtores de feijão, fato que tem dado suporte ao preço estadual do produto. Em Primavera do Leste, importante praça de comercialização, a cotação do feijão segunda safra gira em torno de R\$ 200,00 a saca de 60 quilos no fechamento de maio.

Em Mato Grosso do Sul o plantio se encerrou na primeira quinzena de abril, atingindo uma área total estimada em torno de 20 mil hectares, com produtividade média esperada de 1.500 kg/ha. Com relação à área implantada no estado houve aumento de



42,9% em relação à safra do ano anterior em razão das expectativas de preço de comercialização mais favorável ao feijão em detrimento ao milho, que vinha sofrendo quedas constantes na época de plantio, ocasionado pelos estoques de passagem mais elevados no ano. Atualmente os preços pagos ao produtor se encontram entre R\$165,00 e R\$ 210,00 a saca de 60 quilos. O clima no estado está favorável, com ocorrência de bons índices pluviométricos em maio, o que

vem proporcionando um bom desenvolvimento da cultura do feijão, que se encontra nos estádios de desenvolvimento vegetativo (9,75%), floração (32,74%), frutificação (46,66%) e no estádio R7, ou seja, início de maturação (15,67%), visto que, até o momento, não há registros importantes de pragas e doenças não controladas, com previsão de colheita para ser iniciada na segunda quinzena de junho.

Figura 31 – Feijão em floração/frutificação em Dourados-MS



Fonte: Conab.

Em Goiás houve uma redução na área devido ao receio dos produtores com a mosca-branca (*Bemisia tabaci*), uma vez que ela causa enormes prejuízos, principalmente pela transmissão do vírus do mosaico dourado do feijoeiro (VMDF), essa é a principal virose que afeta o feijoeiro. O receio dos produtores é que a segunda safra sirva de multiplicadora da mosca-branca para o feijão terceira safra, esse é o mais importante para muitos produtores. Outro ponto que tem desestimulado os produtores de feijão em Goiás são os baixos preços que eles têm recebido pelo produto, o que torna a atividade menos atrativa, uma vez que, aliado aos riscos do VMDF e aumento dos custos para controle químico da mosca-branca, os preços praticados atualmente deixam o produtor desestimulado a investir no plantio do feijão segunda safra no estado. O preço médio do feijão cores durante a semana do levantamento variava entre R\$ 110,00 a R\$ 120,00 a saca de 60 quilos dependendo da nota do produto oferecido.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão comum cores era de 0,8 mil hectares. Para a safra 2016/17 se manteve a mesma área cultivada. A produtividade média obtida de 1.775 kg/ha é superior à registrada na safra passada em 10%, resultando

uma produção de 1,8 mil toneladas, superior em 12,5% à obtida na safra passada.

Para Rondônia, a estimativa é de um leve aumento da área plantada nesta safra, 21,5 mil hectares, ou seja, 3,4% em relação à safra passada. Por outro lado, a produtividade estimada de 971 kg/ha é 13,4% superior à da safra 2015/16. Esse aumento da produtividade é atribuído às boas condições climáticas observada até o momento e melhora dos tratos culturais. A leguminosa na sua quase totalidade é cultivada em pequenas áreas, em milhares de propriedades que praticam a agricultura familiar. Os plantios são feitos geralmente em áreas utilizadas anteriormente com lavouras de milho da primeira safra, também ocorrem em áreas de cafés recepados e cafés recém-plantados. Recentemente, em algumas regiões, médios produtores passaram também a realizar o plantio em áreas onde anteriormente foram colhidos o milho. É praxe no estado entre os agricultores familiares, a seleção e guarda dos melhores grãos produzidos para a utilização no plantio da próxima safra. Atualmente 90% da cultura está na fase compreendida entre floração/frutificação e maturação e 5% já colhida. Os preços pagos aos produtores nesse início de safra estão variando entre R\$140/150 por saca de 60 quilos.



Figura 32 – Lavoura de feijão anão segunda safra em Alto alegre dos Parecis-RO



Fonte: Conab.

No Ceará o cultivo do feijão cores sofreu redução de área em virtude dos seguidos anos de seca. A semente, que outrora era distribuída pelo governo do estado, não tem sido há alguns anos. As áreas onde ainda é realizado o plantio são utilizadas sementes próprias ou adquiridas no comércio local. A área cultivada totaliza 2,7 mil hectares, localizados na parte norte do estado, na serra da Ibiapaba e adjacências, uma região úmida do estado. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo, frutificação e maturação.

Na Paraíba, nas últimas cinco safras, a cultura foi

Feijão comum preto

O feijão comum preto é o terceiro mais cultivado na segunda safra. A estimativa é de 208,6 mil toneladas numa área de 130,1 mil hectares.

No Paraná a cultura apresenta área total de 85,3 mil hectares, o que representa 16,8% de incremento com relação à safra anterior, visto que a produtividade estimada é de 1.724 kg/ha. O aumento da área plantada se deve ao preço da leguminosa que estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição da soja segunda safra, enquanto que o aumento de 16% na produtividade, quando comparada à safra anterior, deve-se às boas condições climáticas ocorridas no início do ciclo. Porém, na última semana de abril a região sudoeste foi acometida por geadas de média intensidade e houve a ocorrência de chuvas em todo o estado em maio, o que prejudicou a qualidade das lavouras e, quando comparadas ao levantamento anterior, reduziu a produtividade em 6,7%. Atualmente, 46% da área plantada já se encontra colhida.

No Rio Grande do Sul a cultura do feijão segunda safra se encontra com cerca de 50% da área colhida. As condições de cultivo vinham sendo adequadas até maio, porém, esse último mês (junho) apresentou elevada precipitação pluviométrica e, caso não cesse logo, muitas das lavouras que atualmente se encontram no enchimento de grãos e maturação, sequer serão

prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantados 24 mil hectares, que pelo baixo índice pluviométrico teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra temos uma intenção de plantio na ordem de 28,5 mil hectares, com produtividade estimada em 534 kg/ha. Até o momento foram plantados apenas 51% da cultura, que sofre pela deficiência hídrica e já aponta para redução de produtividade, existindo municípios que já apresentam perda total.

colhidas. A produtividade média neste levantamento reduziu 12,2%, para 1.395 kg/ha.

Em Santa Catarina, as lavouras de feijão-preto foram afetadas pelas baixas temperaturas e formação de geada na última semana de abril, comprometendo a produtividade e qualidade do produto em parte das regiões produtoras, principalmente no Planalto Norte e parte do Oeste. Em algumas regiões onde as lavouras estavam finalizando a formação de grãos, as perdas foram superiores a 70%, conforme relatos dos técnicos consultados. Além da perda em quantidade, a qualidade do grão ficou comprometida em parte das lavouras, resultando em grãos menores e descoloridos devido a não finalização do desenvolvimento. A colheita do produto alcançou, até a última semana de maio, em torno de 46%, o que representa um certo atraso em relação ao projetado inicialmente, resultado das más condições climáticas incidentes no estado durante os últimos dias. Chuvas constantes e poucos períodos de sol estão dificultando o avanço da colheita e devem comprometer ainda mais a qualidade do produto, que ainda está no campo. Com isso, a produtividade apurada neste levantamento apresentou recesso em relação ao anterior, passando de 1.800 kg/ha para 1.700 kg/ha, redução de aproximadamente 5,6%.

Na Paraíba a cultura do feijão-preto é explorada em



poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra, estima-se a área de 1,1 mil hectares ainda a ser plantada, o que deverá ocorrer no final de maio e início de junho, com previsão de produtividade de 379

Feijão-caupi

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está estimada em 30% no estado. A área plantada da cultura para a safra 2016/17 é de 187,1 mil hectares, ante aos 169 mil hectares da safra anterior. Esse aumento de 10,7% na área se deve principalmente à boa expectativa de mercado. A estimativa de rendimento para a safra atual é de 1.220 kg/ha, ante aos 756 kg/ha na safra anterior, variação de 61,4%. Com isso, espera-se uma produção de 228,3 mil toneladas

kg/ha.

No Rio de Janeiro as áreas estão plantadas em sua totalidade, apontamos um crescimento em torno de 16% em relação à safra anterior. As lavouras se encontram em fase de frutificação 30% e maturação 70%.

do grão, ante às 127,8 mil toneladas da safra passada. O preço médio é de cerca de R\$ 70,00 a saca de 60 quilos em Sorriso e R\$ 90,00 a saca de 60 quilos em Primavera do Leste, maiores municípios produtores do grão. Quanto à comercialização estadual do produto, esta é incipiente, sendo as poucas negociações realizadas, em sua maioria, no mercado futuro, com destino à exportação.

Figura 33 – Lavoura de feijão-caupi pronta para colheita em Sorriso-MT



Fonte: Conab.

Em Tocantins, a área cultivada com feijão-caupi teve incremento de 78,8%, se comparada à safra passada. O fato que levou a esse aumento foram três produtores de Silvanópolis que, após a frustração da safra passada e dada à expectativa futura de preços, substituíram 100% da área cultivada com milho segunda safra pelo feijão-caupi. Também foi observado aumento da área de cultivo do feijão-caupi em Darcinópolis, visando atender ao mercado do Nordeste. Para essa safra é esperada uma produção 115% maior em relação à safra passada em razão do incremento da área de cultivo.

Em Pernambuco as precipitações na região do Sertão ocorrem historicamente no período de janeiro a março, porém esse ano a precipitação ocorreu no final de março e abaixo da média. A ausência e má distribuição temporal e espacial das chuvas tem ocasionado perda de produção em torno de 60% para o feijão. Apesar da redução da área ocasionada pela seca, ausência e má distribuição temporal e espacial das chuvas, os produ-

tores iniciaram a colheita.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras a cultura do feijão macacar (caupi) foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo a área plantada chegava a 170 mil hectares. Na safra passada foram plantados 61,1 mil hectares, que pela insuficiência de chuvas teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio de 65,7 mil hectares, com produtividade estimada em 321 kg/ha. Existem culturas em todas as fases de desenvolvimento, com registros de redução de produtividade na maioria dos municípios, existindo localidades onde a cultura não chegou a produzir.

No Ceará é muito comum ver plantações dessa cultura nos quintais das casas, em pequenas áreas, para ser consumido pela família, que apenas vende o excedente.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

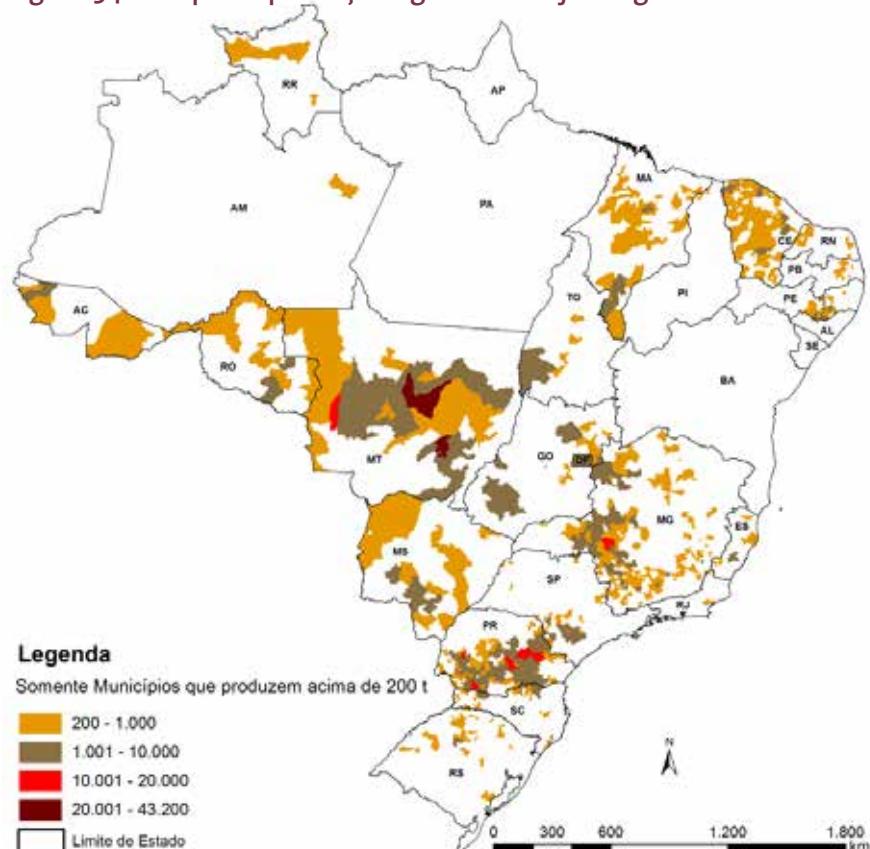
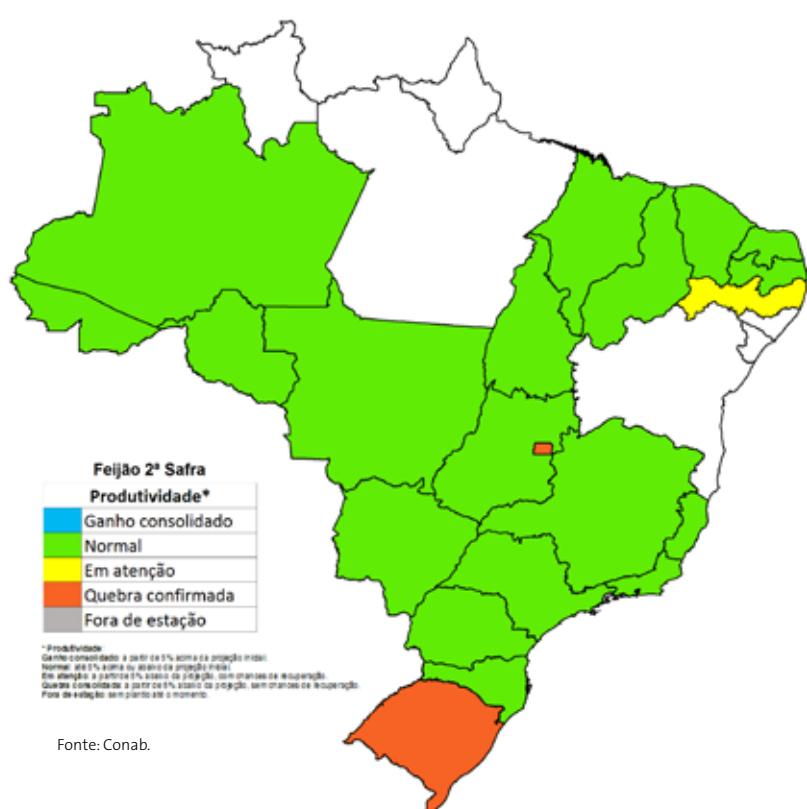


Figura 35 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense			P	DV	F	FR	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C						
MT	Norte Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Nordeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sudeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
GO	Noroeste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Norte Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Leste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sul Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Mineira	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Vale do Rio Doce	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
ES	Zona da Mata	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Espírito-Santense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
SP	Campinas	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Assis	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Itapetininga	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
RS	Sul Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P	P/G	DV/F	FR	M/C	C						

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média Restrição - Excesso de Chuvas  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	48,8	9,9	853	927	8,7	37,9	45,3	19,5
RO	20,8	21,5	3,4	856	971	13,4	17,8	20,9	17,4
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	10,5	15,5	47,6	1.009	1.050	4,0	10,6	16,3	53,8
NORDESTE	650,0	666,5	2,5	177	359	102,6	115,2	239,5	107,9
MA	47,6	51,4	8,0	536	725	35,3	25,5	37,3	46,3
PI	3,0	4,9	63,3	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	371,1	400,0	7,8	155	349	125,7	57,4	139,7	143,4
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	95,3	9,8	143	385	168,8	12,4	36,7	196,0
PE	111,6	79,1	(29,1)	107	83	(22,4)	11,9	6,5	(45,4)
CENTRO-OESTE	230,4	255,4	10,9	879	1.346	53,2	202,6	344,0	69,8
MT	186,0	215,5	15,9	766	1.293	68,8	142,5	278,7	95,6
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	141,2	0,3	1.316	1.451	10,2	185,4	204,9	10,5
MG	118,8	117,6	(1,0)	1.265	1.419	12,2	150,3	166,9	11,0
ES	5,7	6,9	21,1	870	1.161	33,4	5,0	8,0	60,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	15,5	1,3	1.907	1.857	(2,6)	29,2	28,8	(1,4)
SUL	245,6	278,3	13,3	1.513	1.704	12,6	371,5	474,1	27,6
PR	203,8	240,7	18,1	1.476	1.724	16,8	300,8	415,0	38,0
SC	17,4	18,3	5,2	1.841	1.760	(4,4)	32,0	32,2	0,6
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.395	(12,2)	38,7	26,9	(30,5)
NORTE/NORDESTE	694,4	715,3	3,0	221	398	80,5	153,1	284,8	86,0
CENTRO-SUL	616,8	674,9	9,4	1.231	1.516	23,1	759,5	1.023,0	34,7
BRASIL	1.311,2	1.390,2	6,0	696	941	35,2	912,6	1.307,8	43,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
PB	1,7	1,1	(37,2)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	9,8	84,9	828	948	14,5	4,4	9,3	111,4
MG	2,0	5,8	190,0	740	916	23,8	1,5	5,3	253,3
ES	2,3	2,8	21,7	870	988	13,6	2,0	2,8	40,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	119,1	7,4	1.547	1.668	7,8	171,5	198,7	15,9
PR	73,0	85,3	16,8	1.486	1.724	16,0	108,5	147,1	35,6
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.700	(5,6)	24,3	24,7	1,6
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.395	(12,2)	38,7	26,9	(30,5)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-SUL	116,3	129,0	10,9	1.514	1.613	6,6	176,1	208,2	18,2
BRASIL	118,0	130,1	10,3	1.494	1.603	7,3	176,3	208,6	18,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	36,1	(6,0)	881	981	11,3	33,9	35,4	4,4
RO	20,8	21,5	3,4	856	971	13,4	17,8	20,9	17,4
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	11,5	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	4,5	4,8	7,0	1.457	1.600	9,8	6,6	7,7	16,7
NORDESTE	34,7	34,8	0,3	193	499	158,7	6,6	17,4	163,6
CE	4,6	2,7	(40,5)	377	689	82,8	1,7	1,9	11,8
PB	24,0	28,5	18,8	177	534	201,7	4,2	15,2	261,9
PE	6,1	3,6	(41,0)	116	77	(33,6)	0,7	0,3	(57,1)
CENTRO-OESTE	61,3	68,2	11,3	1.216	1.692	39,1	74,6	115,5	54,8
MT	17,0	28,4	67,3	868	1.775	104,6	14,7	50,4	242,9
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	131,4	(3,0)	1.335	1.488	11,5	181,0	195,6	8,1
MG	116,8	111,8	(4,3)	1.274	1.445	13,4	148,8	161,6	8,6
ES	3,4	4,1	20,6	870	1.279	47,0	3,0	5,2	73,3
SP	15,3	15,5	1,3	1.907	1.857	(2,6)	29,2	28,8	(1,4)
SUL	134,7	159,2	18,2	1.485	1.730	16,5	200,0	275,5	37,8
PR	130,8	155,4	18,8	1.470	1.724	17,3	192,3	267,9	39,3
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	1.990	0,4	7,7	7,6	(1,3)
NORTE/NORDESTE	73,1	70,9	(3,0)	554	744	34,2	40,5	52,8	30,4
CENTRO-SUL	331,5	358,8	8,2	1.374	1.635	19,0	455,6	586,6	28,8
BRASIL	404,6	429,7	6,2	1.226	1.488	21,3	496,1	639,4	28,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	12,7	111,7	673	776	15,3	4,0	9,9	147,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	10,7	78,8	673	803	19,3	4,0	8,6	115,0
NORDESTE	613,6	630,6	2,8	177	352	99,1	108,4	221,9	104,7
MA	47,6	51,4	7,9	536	725	35,3	25,5	37,3	46,3
PI	3,0	4,9	64,5	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	366,5	397,3	8,4	152	347	128,3	55,7	137,9	147,6
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	65,7	7,6	131	321	145,0	8,0	21,1	163,8
PE	105,5	75,5	(28,4)	106	83	(21,7)	11,2	6,3	(43,8)
CENTRO-OESTE	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
MT	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
NORTE/NORDESTE	619,6	643,3	3,8	181	360	98,4	112,4	231,8	106,2
CENTRO-SUL	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
BRASIL	788,6	830,4	5,3	305	554	81,8	240,2	460,1	91,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Feijão comum cores

Na Bahia o cultivo de inverno do feijão cores deverá ocupar uma área de 188,9 mil hectares. Os plantios foram iniciados em maio e deve se estender até o final de junho. Espera-se o rendimento de 748 kg/ha. A co-

Apontando uma produtividade de 1.225 kg/ha e produção de 696,6 mil toneladas, incremento de 18,4% e 22,9%, respectivamente, em relação à safra passada.

Iheita deve ser iniciada em agosto, com a estimativa de produção em torno de 141,3 mil toneladas. Os campos de inverno de feijão cores estão distribuídos nas áreas do Centro-Norte e Nordeste.

Figura 36 - Área preparada para o plantio do feijão cores em Ribeira do Pombal-BA



Fonte: Conab.

No Pará o cultivo de feijão cores ocupa a área de 6,1 mil hectares. Os plantios são de sequeiro e em sistema convencional, com rendimento esperado de 700 kg/ha para uma produção de 4,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam redução de 22,8% na área cultivada e queda de 15,7% na produção em relação à safra passada. Algumas áreas de feijão cores estão sendo substituídas por feijão macaçar. A Mesorregião do Sudoeste Paraense responde pelo cultivo de 3,5 mil hectares, correspondendo a 58,1% da área cultivada no estado. Os demais cultivos estão distribuídos nas Mesorregiões do Baixo Amazonas, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, principalmente nos municípios de Castanhal e Bujaru.

No Paraná, cultura com área plantada de 4,3 mil hectares. Em relação à safra passada houve redução de 4,4% devido à pouca expressão da cultura no estado. O plantio está 100% concluído e a produtividade estimada é de 950 kg/ha. O bom rendimento é atribuído ao clima favorável.

Em São Paulo essa leguminosa entra como alternativa de plantio em áreas favoráveis à irrigação e, tendo

sua produção voltada para manter os preços do produto mais estáveis, sem grandes oscilações, em razão da entressafra e, ter também um produto de boa qualidade, uma vez que o feijão envelhece muito rapidamente perde suas qualidades. Os preços do feijão tiveram fortes quedas nos últimos meses e, o produtor bastante desmotivado, não investiu nessa cultura. Apresenta queda expressiva na área (10,9%).

O cultivo do feijão cores no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. As áreas mais expressivas no Distrito Federal estão localizadas na Região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. Para a safra 2016/17 estima-se manutenção de área em comparação à cultivada na safra 2015/16. A produtividade média está estimada em 3.200 kg/ha, o que poderá resultar numa produção próxima a 8,3 mil toneladas. Na safra anterior uma grande quantidade de pivôs foi



paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. O plantio está em fase inicial, com colheita prevista para julho, agosto e setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrupa valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional.

Em Minas Gerais levantamentos preliminares, sinalizam para um tímido crescimento de 1,2% na área cultivada em comparação com a safra anterior. Contudo,

Feijão-caupi

Na Bahia se espera que sejam cultivados cerca de 10,6 mil hectares, com a produção de 5,3 mil toneladas. A média produtiva da região é de 500 kg/ha. Apesar da área ser pouco representativa, o feijão macaçar apresenta importante fonte alimentar na região nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O feijão macaçar se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparado ao feijão cores. Devido ao atraso das chuvas, os plantios ainda não foram realizados.

No Pará o cultivo do feijão-caupi ocupa a área de 27,3 mil hectares. Os plantios são basicamente todos de sequeiro e estão previstos para o início da segunda quinzena de junho. Espera-se rendimento de 729 kg/ha, para uma expectativa de produção em torno de 19,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 9,2% na área cultivada e aumento de 6,4% na produção em relação à safra passada. Alguns municípios, como Ulianópolis, localizados na porção norte da Mesorregião Sudeste, que não cul-

os dados dependerão, portanto, do comportamento do mercado, assim como do nível de água nos reservatórios que abastecem os pivôs, visto que são lavagens conduzidas, em sua maior parte, sob irrigação.

Em Tocantins, para o feijão terceira safra, ainda não se obteve informações quanto à mudança de expectativa dos produtores. Para o feijão cores, cultivado na sua maioria sob pivô central, a área deverá se manter.

tivavam feijão estão com intenção de plantio para o ano corrente. Os campos de feijão macaçar estão distribuídos nas Mesorregiões Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Baixo Amazonas, em manejo de sequeiro, com plantio convencional.

Em Tocantins existe uma leve apreensão quanto à possibilidade de restrição de água nos reservatórios, visto que a cultura em questão também necessita de água de irrigação e acaba competindo com outras culturas como melancia e a própria soja subirrigada para sementes. Grande parte da área de cultivo do feijão-caupi deverá ser plantada até o final de maio em razão das restrições dos órgãos ambientais em conjunto a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins quanto ao uso de água para irrigação das culturas nos municípios de Lagoa da Confusão, Pium, Cristalândia, Dueré e Formoso do Araguaia. Ainda não se tem uma definição do tamanho total da área de cultivo de feijão subirrigado à depender da permissão do uso de água em períodos críticos para a cultura.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

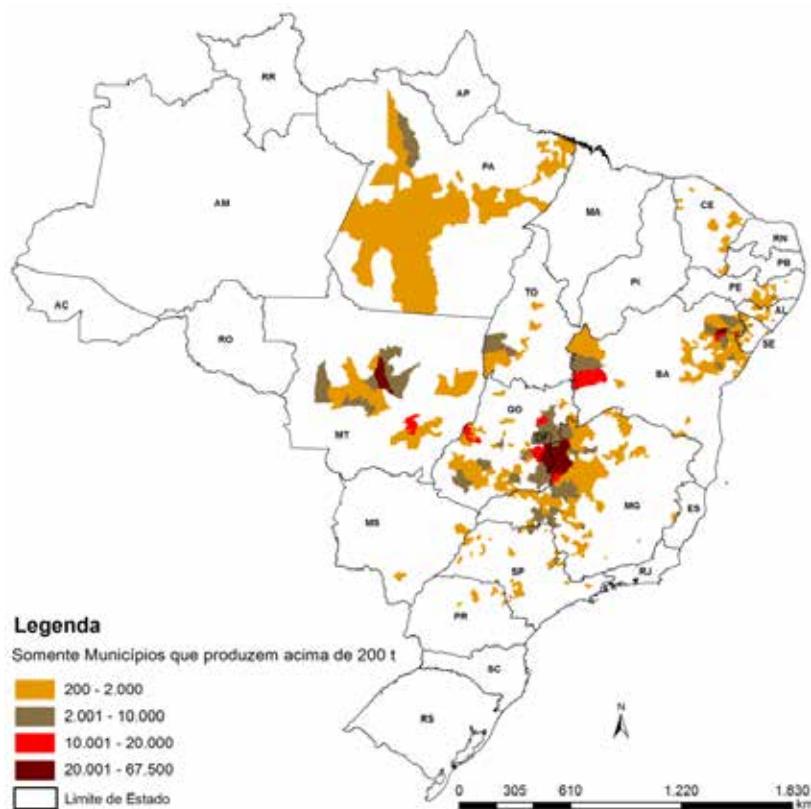


Figura 38 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra

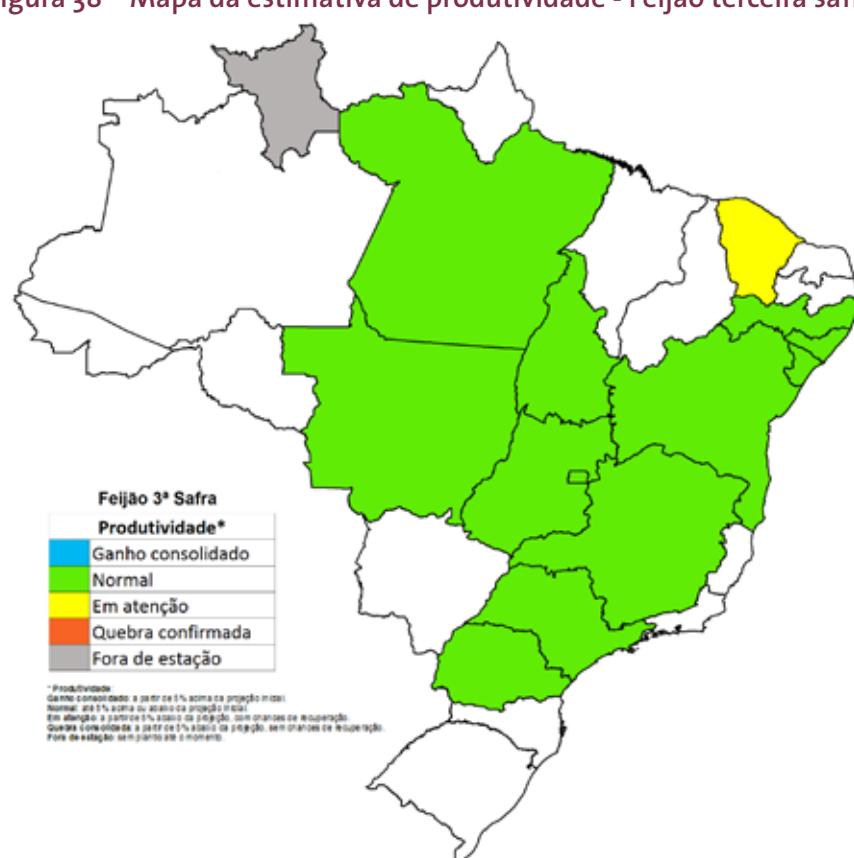


Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	42,9	0,7	841	829	(1,5)	35,9	35,6	(0,8)
PA	32,9	33,4	1,5	723	724	0,1	23,8	24,2	1,7
TO	7,0	7,1	1,4	1.440	1.382	(4,0)	10,1	9,8	(3,0)
NORDESTE	332,7	350,5	5,4	341	623	82,9	113,4	218,3	92,5
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	85,5	97,8	14,4	370	432	16,9	31,6	42,2	33,5
AL	30,3	40,1	32,3	271	497	83,5	8,2	19,9	142,7
SE	12,7	13,1	3,1	135	736	445,2	1,7	9,6	464,7
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	89,6	4,4	2.403	2.521	4,9	206,2	225,9	9,6
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	81,5	(0,7)	2.545	2.610	2,5	209,0	212,7	1,8
MG	69,1	69,9	1,2	2.580	2.641	2,4	178,3	184,6	3,5
SP	13,0	11,6	(10,8)	2.361	2.422	2,6	30,7	28,1	(8,5)
SUL	4,5	4,3	(4,4)	460	950	106,5	2,1	4,1	95,2
PR	4,5	4,3	(4,4)	460	950	106,5	2,1	4,1	95,2
NORTE/NORDESTE	375,3	393,4	4,8	398	645	62,4	149,3	253,9	70,1
CENTRO-SUL	172,4	175,4	1,7	2.420	2.524	4,3	417,3	442,7	6,1
BRASIL	547,7	568,8	3,9	1.034	1.225	18,4	566,6	696,6	22,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	6,9	(20,7)	1.031	854	(17,2)	7,1	5,9	(16,9)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	700	7,5	5,1	4,3	(15,7)
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	287,2	301,8	5,1	325	658	102,4	98,1	198,6	102,4
PE	62,3	70,0	12,3	386	456	18,1	24,0	31,9	32,9
AL	23,3	29,8	27,9	236	530	124,6	5,5	15,8	187,3
SE	12,7	13,1	3,1	135	736	445,2	1,7	9,6	464,7
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	89,1	4,5	2.306	2.523	9,4	205,5	224,8	9,4
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	81,5	(0,7)	2.564	2.610	1,8	209,0	212,7	1,8
MG	69,1	69,9	1,2	2.580	2.641	2,4	178,3	184,6	3,5
SP	13,0	11,6	(10,9)	2.361	2.422	2,6	30,7	28,1	(8,5)
SUL	4,5	4,3	(4,4)	481	950	97,3	2,1	4,1	95,2
PR	4,5	4,3	(4,4)	460	950	106,5	2,1	4,1	95,2
NORTE/NORDESTE	295,9	308,7	4,3	341	663	94,3	105,2	204,5	94,4
CENTRO-SUL	171,9	174,9	1,7	2.381	2.525	6,0	416,6	441,6	6,0
BRASIL	467,8	483,6	3,4	1.079	1.336	23,9	521,8	646,1	23,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9,4	10,8	14,9	386	456	18,1	3,6	4,9	36,1
PE	9,4	10,8	15,4	386	456	18,1	3,6	4,9	36,1
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	9,6	11,0	14,6	420	502	19,7	4,0	5,5	37,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	36,0	6,2	847	824	(2,8)	28,8	29,7	3,1
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	27,3	9,2	746	729	(2,3)	18,7	19,9	6,4
TO	6,2	6,3	1,6	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,2	1,2
NORDESTE	36,1	37,9	5,0	322	391	21,5	11,6	14,8	27,6
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	13,8	17,0	23,2	284	317	11,6	3,9	5,4	38,5
AL	7,0	10,3	47,1	386	400	3,6	2,7	4,1	51,9
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	73,9	5,6	576	602	4,4	40,4	44,5	10,1
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	74,2	5,5	578	605	4,7	40,7	45,0	10,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se que a área total de feijão terá incremento de 8,2%, estimada em 3.069 mil hectares, 8,2% maior em relação à safra passada, sendo 1.390,8 mil hectares com feijão comum cores,

315,3 mil hectares com feijão comum preto e 1.362,9 mil hectares com feijão-caupi. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.390,8 mil toneladas e é 34,9% maior que a última temporada.



Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

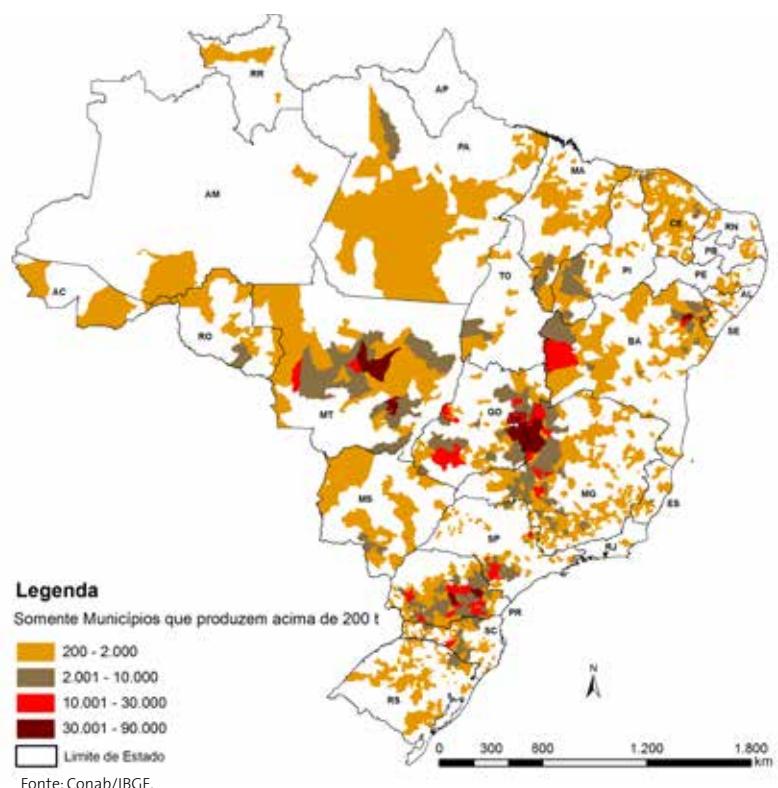


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	96,5	5,3	841	870	3,4	77,1	84,0	8,9
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	21,5	3,4	856	971	13,4	17,8	20,9	17,4
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	32,9	33,4	1,5	723	724	0,1	23,8	24,2	1,7
TO	22,1	27,4	24,0	1.084	1.066	(1,7)	24,0	29,2	21,7
NORDESTE	1.412,9	1.507,2	6,7	240	470	96,1	338,4	707,9	109,2
MA	77,1	87,8	13,9	510	659	29,2	39,3	57,8	47,1
PI	214,5	231,8	8,1	145	395	173,1	31,0	91,6	195,5
CE	375,8	400,0	6,4	155	349	124,6	58,4	139,7	139,2
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	95,3	9,8	143	385	168,8	12,4	36,7	196,0
PE	197,1	176,9	(10,2)	221	276	25,0	43,5	48,8	12,2
AL	30,3	40,1	32,3	271	497	83,5	8,2	19,9	142,7
SE	12,7	13,1	3,1	135	736	445,2	1,7	9,6	464,7
BA	388,7	426,4	9,7	354	678	91,7	137,5	289,2	110,3
CENTRO-OESTE	386,8	426,5	10,3	1.445	1.757	21,6	558,8	749,3	34,1
MT	233,4	267,8	14,7	1.003	1.428	42,4	234,0	382,4	63,4
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.129	34,6	25,4	34,3	35,0
SUDESTE	425,2	469,0	10,3	1.670	1.757	5,2	710,1	823,8	16,0
MG	334,5	348,5	4,2	1.555	1.569	0,9	520,0	546,7	5,1
ES	10,6	10,5	(0,9)	1.041	1.088	4,5	11,0	11,4	3,6
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	108,2	38,2	2.264	2.439	7,7	177,3	263,8	48,8
SUL	521,0	569,8	9,4	1.590	1.800	13,2	828,5	1.025,8	23,8
PR	389,7	439,1	12,7	1.510	1.785	18,2	588,5	783,9	33,2
SC	63,4	69,6	9,8	1.862	2.055	10,4	118,0	143,0	21,2
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.618	(10,0)	122,0	98,9	(18,9)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.603,7	6,6	276	494	78,8	415,5	791,9	90,6
CENTRO-SUL	1.333,0	1.465,3	9,9	1.574	1.774	12,7	2.097,4	2.598,9	23,9
BRASIL	2.837,5	3.069,0	8,2	886	1.105	24,7	2.512,9	3.390,8	34,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11,1	11,9	7,2	344	449	30,5	3,8	5,3	39,5
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
SUDESTE	9,7	19,1	96,9	893	914	2,3	8,7	17,5	101,1
MG	3,6	12,7	252,8	664	874	31,5	2,4	11,1	362,5
ES	4,3	4,6	7,0	1.042	972	(6,7)	4,5	4,5	-
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	282,8	(1,0)	1.590	1.791	12,6	454,5	506,4	11,4
PR	198,3	197,3	(0,5)	1.534	1.840	19,9	304,3	363,1	19,3
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	1.989	12,9	52,2	68,4	31,0
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.465	(13,5)	98,0	74,9	(23,6)
NORTE/NORDESTE	11,1	11,9	7,2	344	449	30,5	3,8	5,3	39,5
CENTRO-SUL	297,0	303,4	2,2	1.567	1.737	10,8	465,5	526,9	13,2
BRASIL	308,1	315,3	2,3	1.523	1.688	10,8	469,3	532,2	13,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	43,4	(9,6)	877	962	9,7	42,1	41,7	(1,0)
RO	20,8	21,5	3,4	856	971	13,4	17,8	20,9	17,4
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	700	7,5	5,1	4,3	(15,7)
TO	6,2	6,0	(3,2)	1.558	1.623	4,2	9,7	9,7	-
NORDESTE	372,2	393,6	5,7	372	693	86,3	138,5	272,9	97,0
CE	4,6	2,7	(41,3)	377	689	82,8	1,7	1,9	11,8
PB	24,0	28,5	18,8	177	534	201,7	4,2	15,2	261,9
PE	68,4	73,6	7,6	362	437	20,9	24,8	32,2	29,8
AL	23,3	29,8	27,9	236	530	124,6	5,5	15,8	187,3
SE	12,7	13,1	3,1	135	736	445,2	1,7	9,6	464,7
BA	239,2	245,9	2,8	420	806	91,7	100,6	198,2	97,0
CENTRO-OESTE	212,0	231,2	9,1	2.008	2.206	9,9	425,6	509,9	19,8
MT	60,4	74,3	23,0	1.712	1.971	15,2	103,4	146,5	41,7
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.153	35,1	22,8	30,8	35,1
SUDESTE	414,9	435,6	5,0	1.689	1.834	8,6	701,0	798,9	14,0
MG	330,3	321,5	(2,7)	1.566	1.643	4,9	517,1	528,2	2,1
ES	6,3	5,9	(6,3)	1.040	1.178	13,3	6,6	6,9	4,5
SP	78,3	108,2	38,2	2.264	2.439	7,7	177,3	263,8	48,8
SUL	235,2	287,0	22,0	1.591	1.810	13,8	374,2	519,4	38,8
PR	191,4	241,8	26,3	1.485	1.740	17,2	284,3	420,8	48,0
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	2.118	8,7	65,9	74,6	13,2
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	420,2	437,0	4,0	430	720	67,5	180,6	314,6	74,2
CENTRO-SUL	862,1	953,8	10,6	1.741	1.917	10,1	1.500,8	1.828,2	21,8
BRASIL	1.282,3	1.390,8	8,5	1.311	1.541	17,5	1.681,4	2.142,8	27,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	53,1	21,8	801	794	(0,8)	35,0	42,3	20,9
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	27,3	9,2	746	729	(2,3)	18,7	19,9	6,4
TO	15,9	21,4	34,6	900	910	1,1	14,3	19,5	36,4
NORDESTE	1.029,6	1.101,7	7,0	191	390	104,7	196,1	429,7	119,1
MA	77,1	87,8	13,9	510	659	29,2	39,3	57,8	47,1
PI	214,5	231,8	8,1	145	395	173,1	31,0	91,6	195,5
CE	371,2	397,3	7,0	153	347	127,2	56,7	137,9	143,2
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	65,7	7,5	131	321	145,0	8,0	21,1	163,8
PE	119,3	92,5	(22,5)	127	126	(0,5)	15,1	11,7	(22,5)
AL	7,0	10,3	47,1	386	400	3,6	2,7	4,1	51,9
BA	149,5	180,5	20,7	247	504	104,0	36,9	90,9	146,3
CENTRO-OESTE	173,3	193,8	11,8	756	1.220	61,4	130,9	236,4	80,6
MT	173,0	193,5	11,8	755	1.219	61,5	130,6	235,9	80,6
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
MG	0,6	14,3	2.283,3	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.154,8	7,6	215	409	89,8	231,1	472,0	104,2
CENTRO-SUL	173,9	208,1	19,7	756	1.172	55,0	131,4	243,8	85,5
BRASIL	1.247,1	1.362,9	9,3	291	525	80,6	362,5	715,8	97,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

A partir de meados de maio o mercado ficou bastante firme, com o preço do produto extranovo nota 9,5 atingindo, em média, a R\$ 350,00 a saca. Essa alta foi atribuída aos problemas climáticos ocorridos no Sul do país e em Minas Gerais (chuvas/veranicos), e pela necessidade de compras para honrar compromissos. A partir de terça-feira (dia 23) em razão da referida elevação dos preços e de uma maior oferta de mercadorias, as cotações seguiram uma expressiva trajetória de queda.

A mercadoria extra e especial que estava bastante escassa aumentou gradativamente, porém muitos lotes apresentaram elevado grau de umidade e grãos manchados, o que acabou prejudicando a negociação. O predomínio da oferta foi do tipo comercial, e a origem do produto recém-colhido sendo, na maior parte, proveniente do Sul do país e Minas Gerais.

No Paraná, em maio, verificou-se chuvas intensas e baixas temperaturas, prejudicando o potencial produtivo das plantas e a qualidade do produto. Com isso, devido ao elevado teor de umidade, boa parte do feijão teve que passar por secadores, sendo prejudicado na sua qualidade e preço (grãos enrugados, menores, etc.).

Contudo, no estado acima mencionado, o clima adverso afetou principalmente a qualidade do grão, vez que a redução no rendimento das lavouras, em com-

paração ao levantamento anterior, foi insignificante.

Segundo a Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná (Deral) 95% da produção oriunda da primeira safra e 30% da segunda safra já foram comercializadas pelos produtores. A segunda safra se encontra em plena evolução, devendo ser finalizada em junho

Com a concentração da colheita que ora se processa no Sul do país, a expectativa era de acentuada queda dos preços, todavia, mesmo com a expressiva entrada da mercadoria no mercado, os preços estão remuneradores, notadamente para mercadorias nota 8 para cima.

Minas Gerais, outro importante produtor, também está enfrentando problemas climáticos. Houve atraso no plantio em razão da falta de chuvas e, com a menor disponibilidade de água, muitos pivôs não foram acionados.

A expectativa é de preços remuneradores, vez que os baixos estoques de posse das indústrias de empacotamento e o volume de produção previsto para a segunda safra estão bem ajustados para atender à demanda até o mês de agosto, quando começa a ser colhida, com maior intensidade, a terceira safra. Até lá, as oscilações vão depender, exclusivamente, da necessidade de compras e da disposição de vendas por parte dos produtores.

Feijão comum preto

O produto segue valorizado em razão, basicamente, da desvalorização do real frente à moeda americana. Segundo agentes de mercado, não existe expectativa de forte elevação dos atuais preços praticados no mercado devido à boa quantidade de mercadoria disponível, e também porque em junho o Brasil começa a receber ofertas da safra Argentina. Os reajustes de preços servem de base para que os importadores brasileiros façam as contas do produto colocado nas principais praças de consumo no Brasil, já que o câmbio não está favorável.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento

dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira e segunda safras, apuradas no levantamento de campo realizado em maio de 2017, pela Conab, mais as previsões para a terceira safra, totalizarão 3,4 milhões de toneladas que, somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 150 mil toneladas, propiciarião um suprimento de 3,73 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 256,8 mil toneladas.



Tabela 32 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.390,8	150,0	3.726,8	3.350,0	120,0	256,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a lavoura do girassol está com predominância do estádio da cultura em floração. Na atual safra, registrou-se aumento aproximadamente de 24,2% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil. Até o momento, não há relatos de ocorrência de pragas e doenças fora de controle que possa comprometer a

produtividade. Assim, espera-se rendimento médio de 1.574 kg/ha, ante aos 1.390 kg/ha do período 2015/16. A produção é estimada em 50,1 mil toneladas, volume 40,7% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Em relação à comercialização, estima-se que 80% da produção da oleaginosa já esteja comprometida, por preço médio de R\$ 43,00 a saca de 60 quilos.

Figura 40 – Lavoura de girassol em floração em Campo Novo do Parecis-MT

Fonte: Conab.

Em Goiás, a cultura do girassol é uma boa alternativa para a rotação de cultura na safrinha, porém problemas com tratos culturais limitam a expansão da cultura. O girassol produzido no estado é extremamente dependente de contratos de compra antecipada por uma grande empresa produtora de óleos vegetais no município de Itumbiara. As áreas de girassol em Goiás foram cultivadas durante a segunda quinzena de março e foram beneficiadas pelas precipitações inesperadas durante maio, concentrando-se em alguns municípios da região leste e da região sul do estado. A fase é de emergência do capítulo floral, apresentou boa sanidade e a previsão de colheita é a partir do dia 10 de julho. Atualmente a cultura se encontra na fase

de enchimento de grãos. A cotação atual é em torno de R\$59,00 a saca de 60 quilos. Não há registros de ataques de pragas e doenças na cultura com danos econômicos significativos. A principal doença da cultura que pode ser problemático em Goiás é o mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*).

Em Minas Gerais estima-se um aumento de 32,9% na área de plantio de girassol no estado, que deve saltar de 7 mil hectares para 9,3 mil hectares. A expansão do cultivo ocorre, principalmente, nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo motivada pelos bons preços, pela formalização de contratos de comercialização entre a indústria e os produtores e



pela competitividade com o mercado da soja.

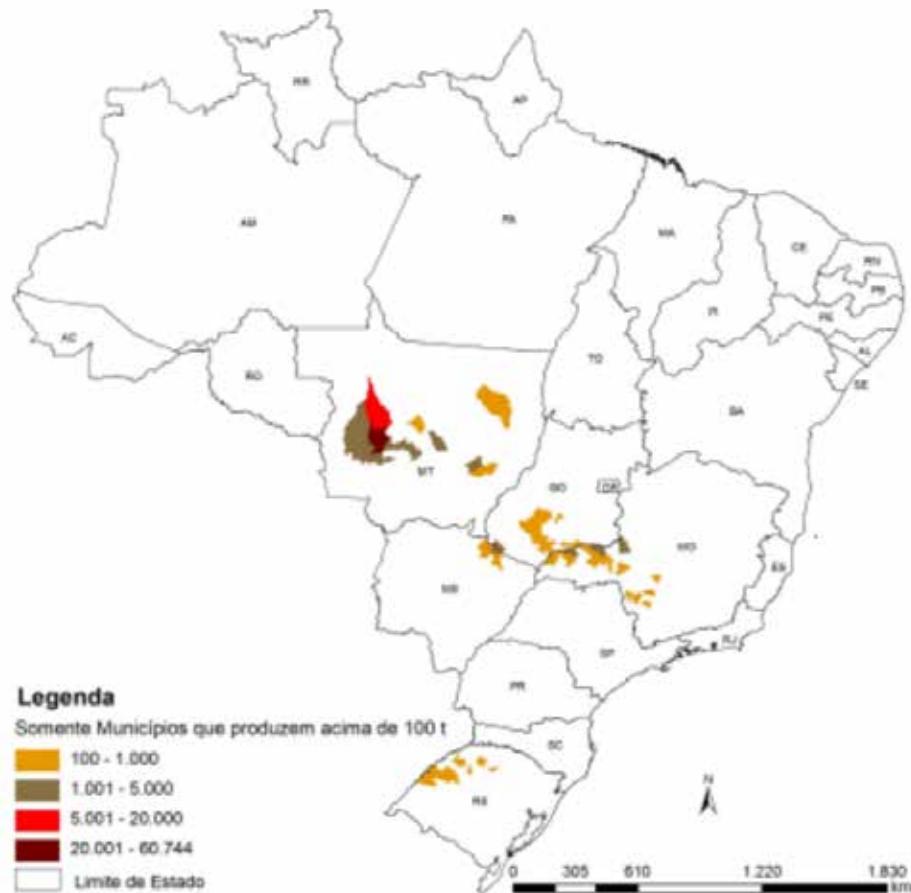
O plantio foi iniciado em março e concluído no início de maio. As lavouras se encontram, predominantemente, em fase de desenvolvimento vegetativo e floração, com colheita prevista para julho e agosto. A produtividade média está estimada em 1.400 kg/ha, 47,1% superior à safra passada, que, somado ao acréscimo de área, acarretará um aumento de 94,3% na produção em relação à safra anterior, a qual foi castigada por fortes estiagens.

Em Mato Grosso do Sul, o girassol somente é cultivado no município de Chapadão do Sul, com 0,7 mil hectares plantados e produtividade prevista de 1.500 kg/ha. A fase predominante é a de floração e as lavouras encontram-se em bom estado de desenvolvimento. Com relação a pragas e doenças até a presente data não foram registrados casos comprometedores. A redução da área plantada decorre de problemas com o fungo mofo branco, histórico de ataque de pássaro-

ros praga (apesar de pouco severo na safra passada), pouco incentivo fiscal em comparação com Goiás e dificuldade com o manejo por falta de herbicida seletivo e materiais transgênicos. A produção é destinada para o estado de São Paulo ou região Nordeste para a alimentação de pássaros ou esmagamento e consequente produção de óleo. Não há relatos de dificuldade de comercialização do produto.

A produção do Girassol no estado de fato está concentrada no município de Chapadão do Sul. A redução da área plantada decorre de problemas com o fungo mofo branco, histórico de ataque de pássaros praga (apesar de pouco severo na safra passada), pouco incentivo fiscal em comparação com o estado de Goiás e dificuldade com o manejo por falta de herbicida seletivo e materiais transgênicos. A produção é destinada para o estado de São Paulo ou região Nordeste para a alimentação de pássaros ou esmagamento e consequente produção de óleo. Não há relatos de dificuldade de comercialização do produto.

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 42 – Mapa da estimativa de produtividade - Girassol

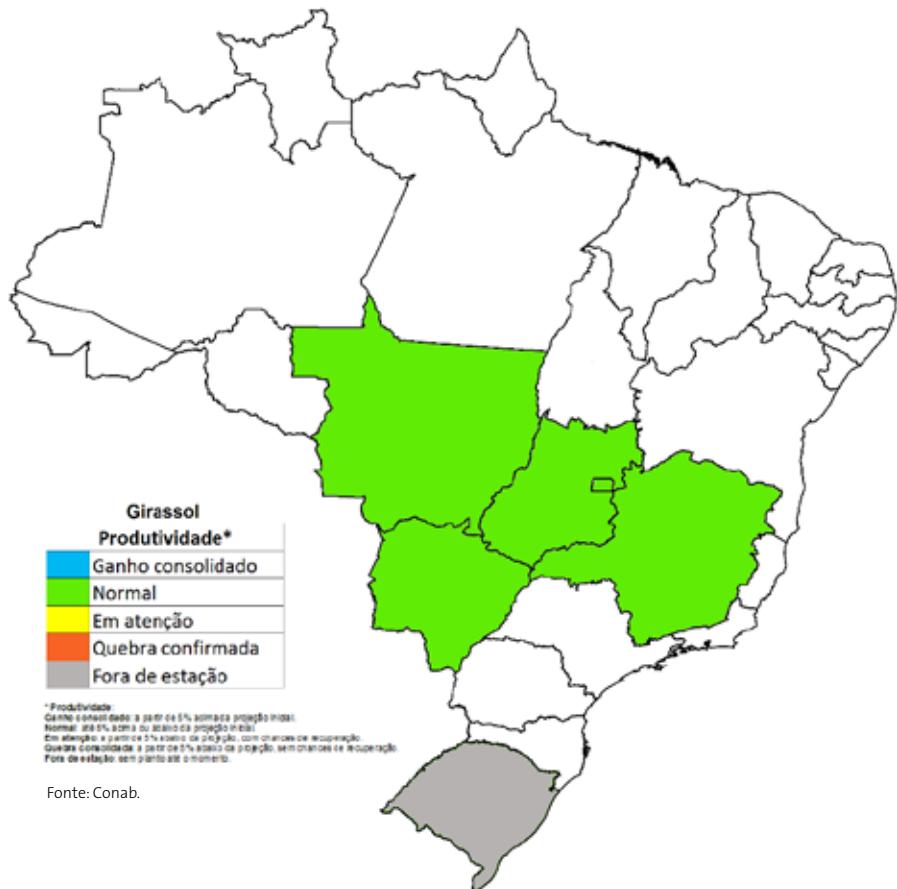


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	49,7	20,6	1.261	1.493	18,4	52,0	74,3	42,9
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.574	13,2	35,6	50,1	40,7
MS	1,3	0,7	(46,1)	1.236	1.500	21,4	1,6	1,1	(31,3)
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.302	30,2	14,0	21,6	54,3
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
MG	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.486	21,5	63,1	92,7	46,9
BRASIL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.486	21,5	63,1	92,7	46,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 é de recuo de área plantada, alcançando 29,3 mil hectares, que representa decréscimo de 7,9% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada, deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada. A produção é semelhante à safra anterior, estimada em 15 mil toneladas.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nessa safra 4 mil hectares são de plantas remanescentes da safra passada e 17,1 mil hecta-

res são de plantio novo. O início da colheita está previsto para junho e estima-se que sejam produzidas 10,4 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo 0,5% na área cultivada e redução de 18,8% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona. A maior parte das áreas de mamona está na fase de floração/frutificação mas, devido ao cultivo simultâneo com variedades diferentes, com períodos de plantios variados ou remanescentes de safras anteriores, é possível observar em campo plantas em desenvolvimento vegetativo, frutificação e floração.

Figura 43 – Lavoura de mamona em estágio de desenvolvimento vegetativo em Canarana-BA



Fonte: Conab.

Figura 44 – Lavoura de mamona em estágio de maturação em Canarana-BA



Fonte: Conab.

Na safra 2016/17 foram identificadas lavouras comerciais de mamona híbrida em Mato Grosso, localizadas nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. Assim, a estimativa de área to-

tal dos municípios é de 1,7 mil hectares. Em relação à produtividade, estima-se rendimento em torno de 1.200 kg/ha, com produção total esperada de 2 mil toneladas. O plantio foi realizado em março, estando



as lavouras em fase de frutificação, com previsão de colheita em julho. A produção esperada já está comercializada à indústria química, por meio de contratos

futuros firmados a um preço mínimo de R\$ 2,00 o quilo.

Figura 45 – Lavoura de mamona em estádio de frutificação em Campo Novo do Parecis-MT



Fonte: Conab.

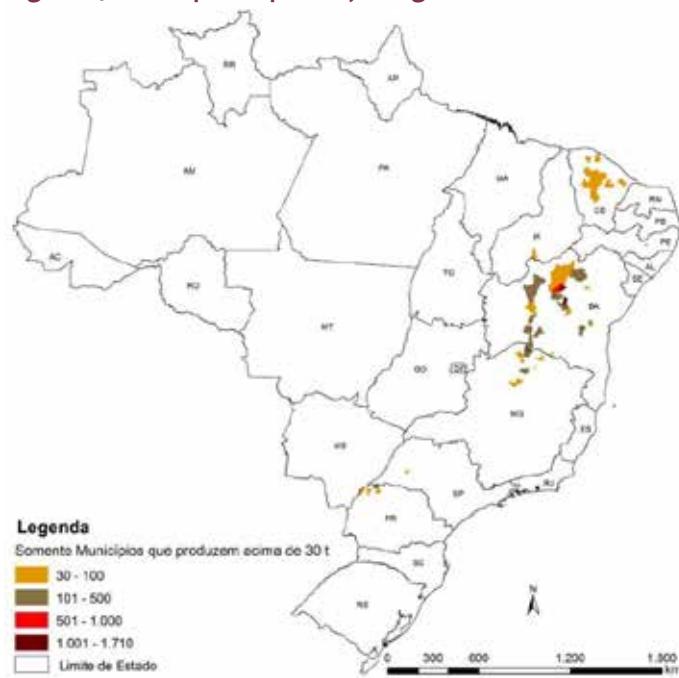
No Ceará, as áreas de plantio da mamona foram reduzidas na safra atual em relação à safra 2015/16 devido à diminuição do incentivo da Petrobras através do programa de biodiesel. Como exemplo, tem-se o município de Quixadá, que este ano não realizou o plantio. Cerca de 93,5% da área já está semeada. A cultura se encontra no estádio de frutificação.

Em Minas Gerais, desmotivados pelo fracasso do programa de biodiesel da Petrobras, poucos agricultores cultivam mamona em Minas Gerais, mais precisamente, na região norte do estado, visto que as áreas remanescentes têm sua produção destinada à indústria rícino química.

Diante das restrições relacionadas à cultura da mamona, apenas dois municípios relatam áreas plantadas, e as perdas calculadas, em um deles, é superior a 80%, pois as bagas que foram produzidas após as poucas chuvas de janeiro não vingaram diante da escassez de chuva no decorrer da safra.

Seguindo a tendência dos últimos anos, para a cultura da mamona no estado, estima-se queda de área, de produtividade e consequentemente de produção, em 33,3%, 51,3% e 70,5%, respectivamente. As poucas áreas que sobraram apresentam frutos em maturação. Aproximadamente 98% da área já foi colhida e o restante será finalizada na primeira semana de junho.

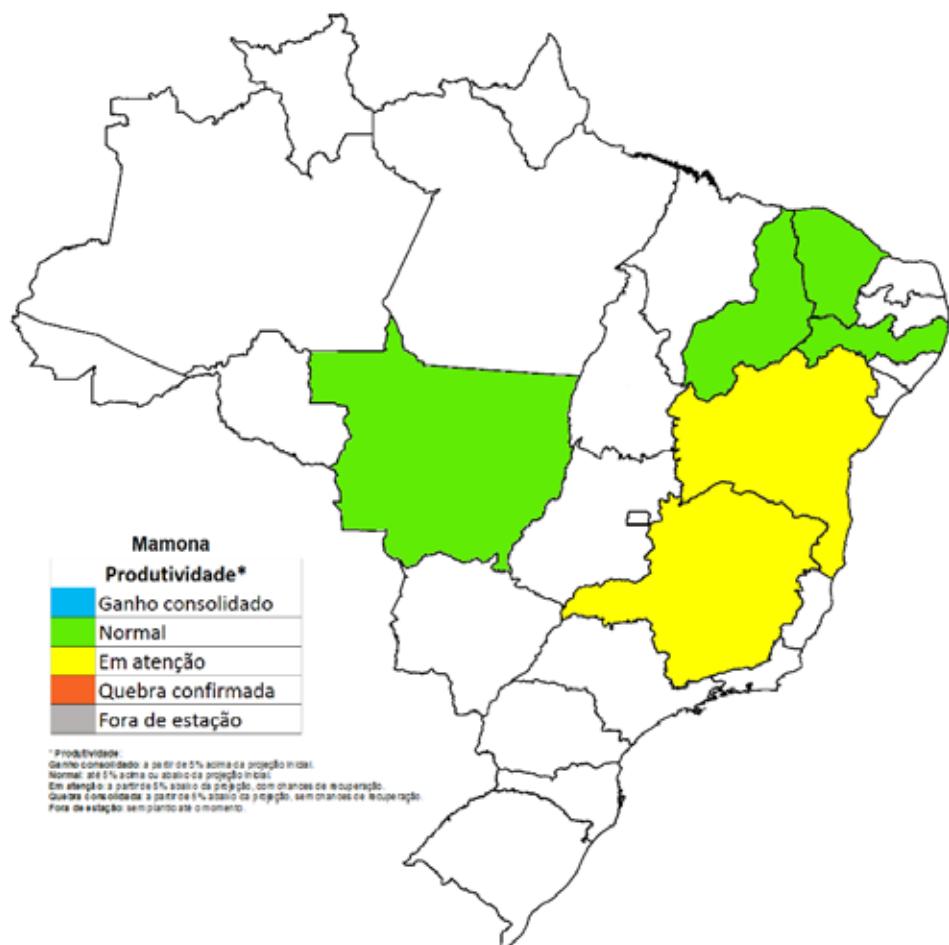
Figura 46 – Mapa da produção agrícola-Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 47 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	27,4	(13,0)	461	470	2,0	14,5	12,9	(11,0)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	5,2	(37,4)	122	434	255,7	1,0	2,3	130,0
PE	1,6	0,9	(43,8)	244	113	(53,7)	0,4	0,1	(75,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	494	(19,0)	12,8	10,4	(18,8)
CENTRO-OESTE	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
MT	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
NORTE/NORDESTE	31,5	27,4	(13,0)	461	470	2,0	14,5	12,9	(11,0)
CENTRO-SUL	0,3	1,9	533,3	909	1.120	23,2	0,3	2,1	600,0
BRASIL	31,8	29,3	(7,9)	465	512	10,2	14,8	15,0	1,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A área estimada, neste levantamento, apresentou incremento nacional de 3,1% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6% a área de plantio.

Na Região Centro-Oeste, a área de milho primeira safra foi estimada em 350 mil hectares, 9,3% superior aos registrados na safra passada. Em Mato Grosso, a colheita está finalizada. Em termos de produtividade, as boas condições climáticas permitiram rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha, no período anterior. O cultivo atingiu 33,4 mil hectares, número 7,3% superior aos 31,1 mil hectares registrados na safra passada. Assim, calcula-se produção de aproximadamente 256,4 mil toneladas do cereal, volume 28,6% superior às 199,4 mil toneladas da safra 2015/16. Além do consumo doméstico das fazendas de confinamento bovino, parte da produção foi destinada ao mercado disponível local, cujos preços remuneraram bem o produtor.

Em Goiás, a necessidade de cumprir contratos de entrega de milho durante a safrinha deste ano, frustrada pela quebra da segunda safra anterior, bem como uma melhor rentabilidade na produção de milho com os patamares de preços vivenciados na época de plantio, contribuíram para o aumento da área plantada nessa safra de verão, quebrando uma sequência de redução de área nas últimas safras. No entanto, a incerteza com relação aos preços praticados no futuro, a melhor racionalidade na utilização dos recursos dos estabelecimentos rurais produzindo soja no verão e milho durante a safrinha, bem como uma melhor liquidez da soja em relação ao milho, contribuiu para que poucos sojicultores trocassem a soja pelo milho nessa presente safra. Na região sudoeste, o milho verão se encontra praticamente colhido, e já existem relatos de baixa disponibilidade de espaços nos armazéns da região, sendo observado um aumento na utilização dos silos bolsa. Atualmente, na região leste do estado, a velocidade de colheita encontra-se bastante reduzida em decorrência dos baixos preços de mercado, à baixa disponibilidade de espaço nos armazéns e à destinação da maior parte da logística para a comercialização e escoamento da soja. A estimativa é de que foram colhidos 75% da área plantada.

Na Região Sul ocorreu incremento na área de 6,1% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul, a área de milho encontra-se praticamente colhida nas regiões norte e noroeste do estado, maiores produtoras estaduais, com um volume em torno de 95% da

área semeada. As regiões mais ao sul do estado encontram-se atrasadas, com cerca de 60% colhida na região de Pelotas e em torno de 40% na região de Bagé. Essas áreas, além de outras implantadas após a colheita do fumo, embora não sejam significativas no total da produção, estão sujeitas, a partir de agora, a sofrerem redução de produtividade em razão do excesso de chuvas registradas ou pela ocorrência de geadas antes da maturação. A produtividade foi mantida em 7.560 kg/ha, como no levantamento anterior.

Em Santa Catarina, a colheita do milho está praticamente concluída, restando em torno de 6% da área total, aguardando as condições climáticas se estabilizarem para que a etapa seja encerrada. Algumas áreas devem ter sua colheita estendida por mais algum tempo, cujo produto deve se destinar ao autoconsumo, na alimentação animal. A qualidade e rendimento do produto superaram as expectativas em todas as regiões, devendo este chegar a 8.152 kg/ha, um aumento de 11,2% em relação ao obtido na safra passada e 0,1% maior em relação ao último levantamento, haja vista que algumas lavouras que ainda não haviam sido colhidas apresentaram incremento em seus rendimentos projetados. A interação entre condições favoráveis de clima e tecnologia aplicada nas lavouras foram os principais fatores responsáveis pelo resultado obtido na safra atual. A comercialização do produto segue em ritmo lento, haja visto que os preços não mostraram reação nos últimos meses. Os produtores têm optado por manter o produto em depósito para negociação futura, comercializando apenas o necessário para pagamento de dívidas e quitação de contratos junto às empresas que financiaram parte da produção.

No Paraná, a colheita dos 500,2 mil hectares plantados nesta safra já está concluída. A produtividade obtida foi de 9.243 kg/ha, representando um aumento de 16,2% em relação à safra anterior. Esse ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais transgênicos de alta performance. A qualidade do produto está sendo considerada como muito boa, mas a comercialização está bastante lenta, com 60% da safra comercializada.

Na Região Sudeste, a cultura experimentou forte incremento na área plantada de 5,1% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio de milho na safra de verão somou 909,4 mil hectares, o que representa um aumento de área de 8,6% em comparação com a safra anterior. O rendimento foi incrementado em 4,5%, resultando



em uma produção de 5.796,5 mil toneladas. Em termos percentuais, teve um aumento de 13,5% na produção quando comparado à safra anterior. A colheita está, praticamente, finalizada e o preço médio está em torno de R\$24,00 a saca de 60 quilos.

Em Mato Grosso do Sul, o milho de primeira safra encontra-se com a colheita encerrada, em uma área de 28 mil hectares, superior em 75% à safra passada, e uma produtividade média de 8.880 kg/ha, índice alcançado em razão da regularidade das chuvas durante quase todo o ciclo da cultura, quando somente em novembro ocorreram precipitações abaixo da média. Quanto à comercialização, esta ocorreu basicamente no mercado local, tendo como destinação às granjas avícolas e às de suínos.

Na Região Norte-Nordeste, o levantamento apontou para uma redução na área plantada de 1,2% em relação ao ano passado, contrariando a expectativa de uma maior redução no início do plantio. Em Tocantins, a área cultivada este ano foi 36,3% menor, se comparada à safra passada. Isso ocorreu devido às anormalidades climáticas da safra passada, onde após diversos replantios de áreas de soja, e passado o prazo da janela ideal para realizar o plantio da oleaginosa, além da escassez de sementes destas, os produtores acabaram plantando milho nas áreas inicialmente destinadas à soja. Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nessa safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando a colheita ocorrer mais cedo e, consequentemente, um melhor preço no mercado interno. A colheita foi finalizada este mês. O rendimento médio das lavouras foi 38,7% maior nessa safra, reflexo significativo das melhores condições climáticas.

No Maranhão, os grandes e médios produtores anteciparam o plantio, buscando otimizar o aproveitamento do período chuvoso. Essa ação resultou em uma colheita mais rápida, sendo que ela já atingiu metade das lavouras no sul do estado. No cômputo geral das fases da lavoura, tem-se 1% em floração, 12% em enchimento, 57% em maturação de grãos e aproximadamente 30% colhido. A área cultivada equivale a 286,1 mil hectares, com uma produtividade média em torno de 4.154 kg/ha. No Piauí, a colheita do cereal já ocorreu em aproximadamente 12% da área plantada. De acordo com informações locais, a incidência de pragas no milho tem sido baixa, não apresentando dificuldades ao controle. A produtividade esperada do milho, média da agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.700 kg/ha, gerando um aumento de 81,2% em relação ao obtido na safra anterior, explicado pelas ótimas condições climáticas ocorridas no período,

gerando indicativos de produtividades ainda maiores, no encerramento da colheita.

Na Bahia, o cultivo do milho primeira safra ocupa a área de 381,9 mil hectares e estima-se a produção de cerca de 1.474,1 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 2,8% na área cultivada e aumento de 19,8% na produção de grãos. No entanto, as estiagens ocorridas por todo o estado no primeiro trimestre, inviabilizaram o plantio de cerca de 47 mil hectares, provocando redução de produtividade, inicialmente estimada em 4.882 kg/ha para 3.860 kg/ha. A situação é mais grave em cerca de 140 mil hectares cultivados pela agricultura familiar no agreste e semiárido, cuja produtividade em alguns municípios foi inferior a 180 kg/ha. Os campos de milho estão concentrados no centro-norte, centro-sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em manejos irrigado e de sequeiro, com plantio direto e convencional.

No centro-norte estima-se o cultivo de 32,7 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. As lavouras estão em ambiente de alta restrição hídrica e apresentam-se com a produtividade comprometida. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 54,8% em relação à passada. As primeiras expectativas nessa safra apontavam para o cultivo de cerca de 79 mil hectares, e com a estiagem em dezembro deixaram de ser plantadas cerca de 47 mil. A colheita foi finalizada e estima-se o rendimento de 272 kg/ha, com uma produção de 8.903 mil toneladas.

No centro-sul estima-se o cultivo de 61 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras são cultivadas em consórcio com culturas anuais e perenes, e sofreram com a intensidade da estiagem que castigou a região. A colheita está finalizada e estima-se a produtividade de 240 kg/ha e produção de 14,7 mil toneladas. Em algumas microrregiões a estiagem é tão severa que não houve condição para a lavoura completar o ciclo produtivo. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 51,2 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado. A colheita está finalizada e estima-se a produtividade de 558 kg/ha e produção de 28,6 mil toneladas. No extremo-oeste estima-se o cultivo de 237 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita das lavouras de sequeiro foi iniciada em maio, cobrindo 70% da área cultivada. Estima-se produtividade de 6.000 kg/ha e produção de 1.422 mil toneladas.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.521,8 mil hectares, contra 5.356,6 mil, observados no exercício anterior. A produção atinge o montante de 30.313,3 mil toneladas, representando incremento de 17,7% em relação à safra passada.



Figura 48 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

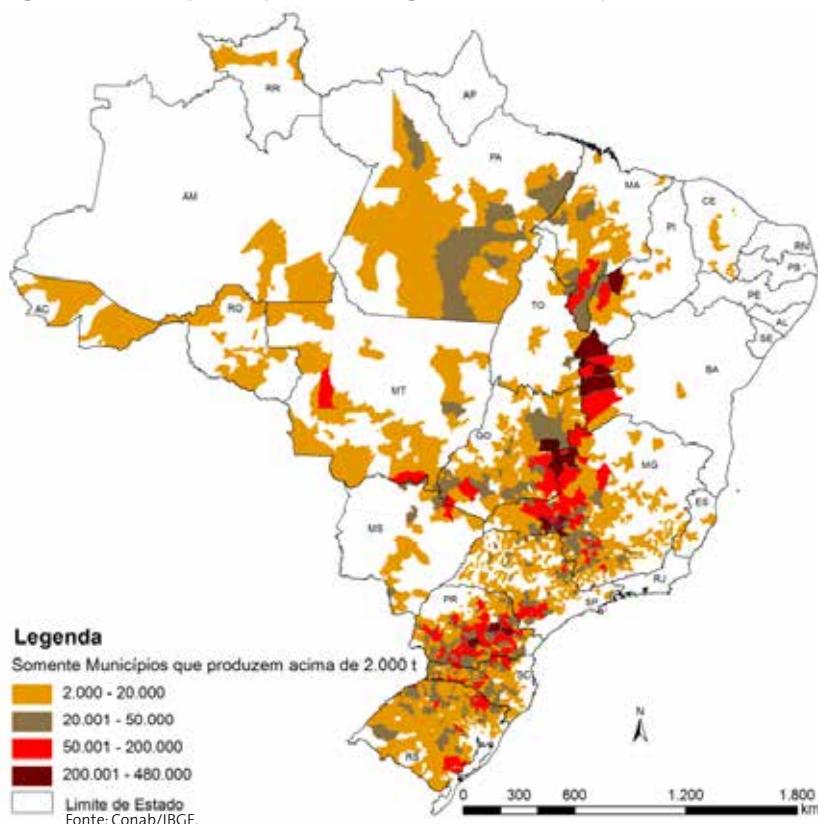
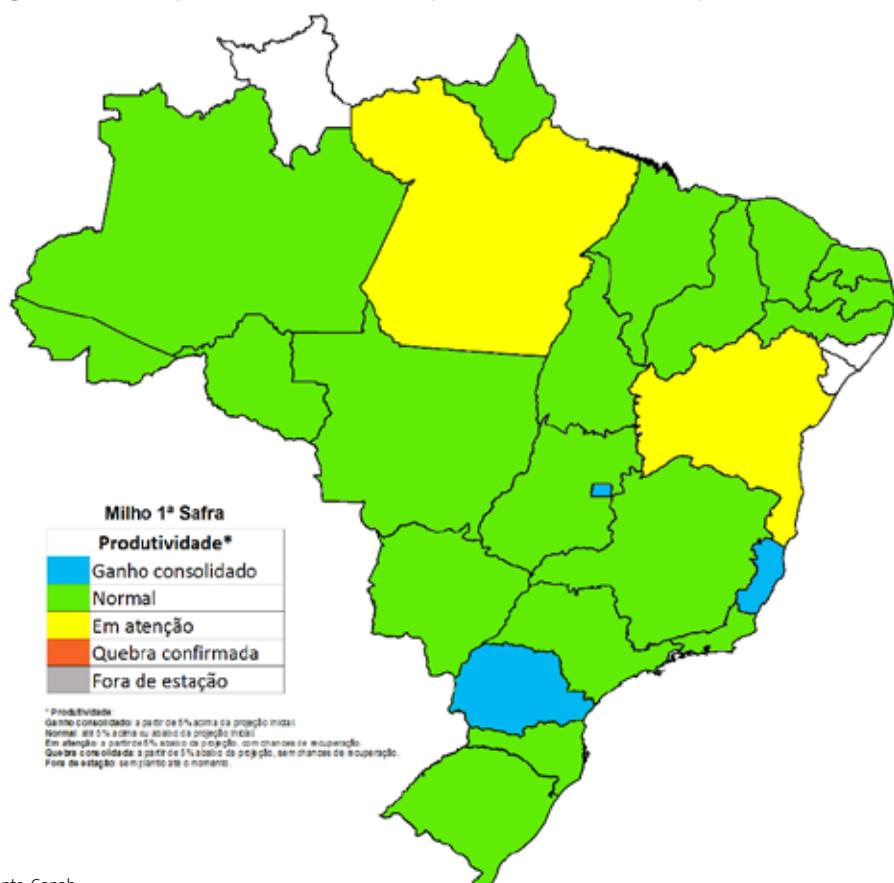


Figura 49 – Mapa da estimativa de produtividade milho primeira safra



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Pernambucano							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C		C				
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga		PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista		PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
SC	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	311,7	(4,7)	3.142	3.152	0,3	1.027,3	982,6	(4,4)
RO	38,6	40,2	4,1	2.657	2.661	0,2	102,6	107,0	4,3
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	169,6	179,9	6,1	3.334	3.057	(8,3)	565,4	550,0	(2,7)
TO	72,0	45,9	(36,3)	3.436	4.765	38,7	247,4	218,7	(11,6)
NORDESTE	1.865,2	1.854,8	(0,6)	1.537	2.365	53,9	2.866,9	4.386,5	53,0
MA	268,4	286,1	6,6	2.687	4.154	54,6	721,2	1.188,5	64,8
PI	471,0	418,2	(11,2)	1.490	2.700	81,2	701,8	1.129,1	60,9
CE	460,2	508,1	10,4	356	847	137,9	163,8	430,4	162,8
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	95,1	12,4	237	558	135,4	20,1	53,1	164,2
PE	184,6	136,2	(26,2)	120	693	477,5	22,2	94,4	325,2
BA	371,4	381,9	2,8	3.312	3.860	16,5	1.230,1	1.474,1	19,8
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.023	5,1	2.445,9	2.808,1	14,8
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.880	(1,3)	144,0	248,6	72,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.299,9	5,1	6.079	6.281	3,3	7.519,9	8.164,6	8,6
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.374	4,5	5.108,1	5.796,5	13,5
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	374,4	(2,5)	6.164	6.206	0,7	2.367,0	2.323,5	(1,8)
SUL	1.607,1	1.705,4	6,1	7.403	8.193	10,7	11.898,1	13.971,5	17,4
PR	414,1	500,2	20,8	7.953	9.243	16,2	3.293,3	4.623,3	40,4
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.192,2	2.166,5	(1,2)	1.776	2.478	39,5	3.894,2	5.369,1	37,9
CENTRO-SUL	3.164,4	3.355,3	6,0	6.909	7.434	7,6	21.863,9	24.944,2	14,1
BRASIL	5.356,6	5.521,8	3,1	4.809	5.490	14,2	25.758,1	30.313,3	17,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.504 mil hectares, representando um incremento de 11,2% em relação ao plantio passado. Em Mato Grosso, a colheita já começou, mas ainda é incipiente. Até o final de maio estima-se que 2% dos 4.455 mil hectares semeados tenham sido colhidos, nas regiões oeste e médio-norte. Por conta das chuvas, há relatos nas referidas regiões que o cereal advindo dos primeiros talhões tem chegado às unidades recebedoras apresentando avarias acima do tolerável devido ao excesso de umidade. Tal perda de qualidade do grão causa deságio no valor recebido pelo produtor rural. Contudo, a produtividade da lavoura é compatível com a estimativa de rendimento médio de 5.679 kg/ha, número 42% superior aos 3.999 kg/ha obtidos na safra 2015/16. Dessa maneira, espera-se produção recorde de 25.299,9 mil toneladas de milho segunda safra, volume 64% superior ao registrado no período anterior. A lavoura remanescente apresenta bom desenvolvimento fenológico, com predominância do estádio entre frutificação e maturação.

Assim, o maior volume de colheita será concentrado em junho e julho. A comercialização de milho avançou bastante na segunda quinzena de maio, como reflexo da alta do dólar, que favoreceu o fechamento de novos negócios. Estima-se que cerca de 52% da safra do cereal esteja comercializada no estado.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada é de 1,75 milhão de hectares, representando um incremento de 5,1% em relação à área da safra anterior, implantada no sistema de plantio direto na sua totalidade, com utilização de sementes transgênicas em especial de híbridos simples de ciclo precoce e superprecoce, utilizadas para o escape do período seco nas fases de floração e enchimento de grãos. A produtividade média esperada é de 5.140 kg/ha, com perspectivas de aumento em razão da variável climática, que se apresenta favorável ao desenvolvimento da cultura, ou seja, com bons volumes de chuva e de insolação, aliada a não ocorrência de geadas no período. Os estádios da cultura no momento estão variando de desenvolvimento vegetativo



(3,12%), floração (25,70%), frutificação (55,51%) e maturação (15,67%), o que é um fato importante, pois boa

parte da área cultivada deverá ser colhida a partir de junho, projetando bons índices produtivos.

Figura 50 – Milho em frutificação em Tacuru-MS



Fonte: Conab.

Figura 51 – Milho em frutificação em Sete Quedas-MS



Fonte: Conab.

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A área de 2.391,8 mil hectares, já apresenta registros de colheita em algumas regiões. Em relação ao ano anterior, esse número representa um acréscimo de 8,8%, reflexo da proibição do plantio da soja segunda safra no estado e desestímulo na época, com o plantio do trigo. As lavouras iniciaram em boas condições, mas a ocorrência das chuvas e a falta de luminosidade ideal em maio, prejudicaram a sua qualidade, que poderá refletir em aumento na quantidade de grãos ardidos e diminuição do peso. A produtividade está estimada em 5.560 kg/ha, 9,2% superior à safra passada. Importa considerar que na safra passada houve perdas devido à estiagem e geadas.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, apresentou forte incremento na área plantada. No Maranhão, o plantio ocorreu apenas nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de Balsas” e “região Tocantina”, cultivada por médios e grandes produtores tecnificados. O plantio

na região foi totalmente finalizado. Os estágios da lavoura apresentam-se com 2% em floração, 32% em enchimento de grãos e 66% na fase de maturação. A área cultivada equivale a 198,9 mil hectares, mostrando aumento em relação à safra anterior de 131,5%. A produtividade média encontra-se estimada em 4.200 kg/ha e a produção total em 835,4 mil toneladas, significando um aumento de 445,3% em relação à safra anterior.

Em Tocantins ocorreu um crescimento expressivo na área cultivada (57,6%) em relação à safra passada, visto que na safra passada esta área foi reduzida devido ao atraso do plantio da soja e à grande incerteza gerada pela escassez de chuvas. Em algumas regiões os produtores estão muito cautelosos devido principalmente ao preço negociado para exportação, optando pela redução do investimento para a cultura, como aquisição de sementes reclassificadas e aplicação de menores doses de adubo. O plantio já foi finalizado para as áreas de sequeiro, mas ainda pode acontecer o plantio da cultura em áreas irrigadas (pivôs) e em áreas com subirrigação. Estima-se um aumento de



130,5% no volume produzido caso se confirme a produtividade esperada no momento. A maior parte das lavouras apresenta bom desenvolvimento e encontram-se nos estádios de maturação, com previsão de início da colheita na primeira quinzena de junho.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra incremento de 2,4% em relação ao ocorrido na safra passada.

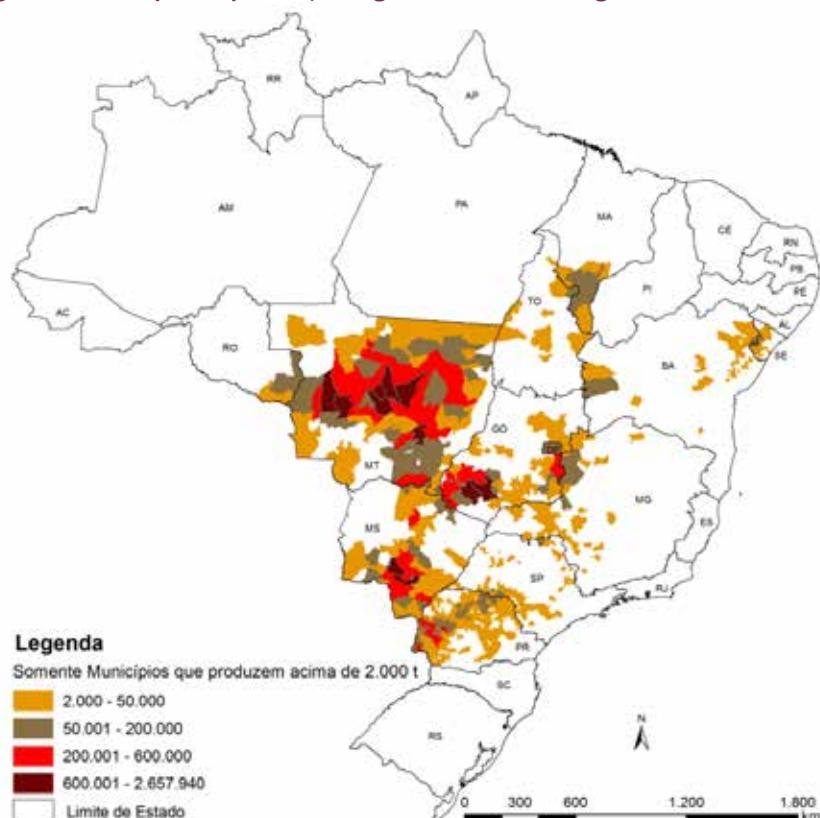
Em Minas Gerais, apesar da grande perda de rendimento na safrinha no ano anterior, estima-se um incremento de 2,2% na área de plantio na safrinha atual, a qual deve totalizar 379,1 mil hectares. A produtividade média está estimada em 5.265 mil kg/ha, representando um incremento de 140,3% em relação à safra anterior. Esse elevado percentual de aumento é justificado pelas elevadas perdas registradas na safra 2015/16 causada pela estiagem então verificada. A produção pode atingir 1.996 mil toneladas, ou 145,5% acima da safra passada. As lavouras já foram plantadas e o desenvolvimento, de modo geral, é bem satisfatório, viabilizado pelas condições climáticas favoráveis. Contudo, há relatos de presença de cigarrinha, que pode vir a comprometer um pouco o rendimento tanto pelos danos diretos quanto indiretos, provocados por essa praga. As regiões mais afetadas são o Noroeste e Triângulo Mineiro. A maior parte das lavouras

se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo e o restante na fase de floração e de enchimento de grãos.

Em São Paulo, o plantio da segunda safra era considerado, até alguns anos atrás, como uma atividade arriscada devido ao desenvolvimento das lavouras ocorrerem em períodos de baixas precipitações. Nos últimos anos, o risco tem apresentado compensações aos produtores em virtude das melhores condições de comercialização, que estimula o aporte de melhor nível de tecnologia. Nesse exercício, a área plantada apresentou incremento de 2,6% em relação ao ano anterior, e as boas condições climáticas previstas para as diversas fases da lavoura dão suporte à safra recorde neste ano, atingindo 2.000,7 mil toneladas, com um incremento de 36,9% em relação à safra 2015/16.

A posição consolidada da área de milho, reunindo a primeira e segunda safras, no exercício 2016/17, deverá atingir 17.346,5 mil hectares, representando um incremento de 8,9% se comparada com o plantio passado. A persistirem as boas condições climáticas nas principais regiões do país, é razoável admitir uma produção recorde, atingindo 93.835,7 mil toneladas, com um incremento percentual de 41% em relação à safra passada.

Figura 52 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Sul Maranhense - MA					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Nordeste Baiano - BA	C							PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
PR	Nordeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	382,8	55,5	3.816	4.193	9,9	939,5	1.605,0	70,8
RR	4,6	7,5	63,0	3.036	3.450	13,6	14,0	25,9	85,0
RO	119,5	145,4	21,7	4.613	4.385	(4,9)	551,3	637,6	15,7
PA	26,5	79,2	198,9	3.072	3.367	9,6	81,4	266,7	227,6
TO	95,6	150,7	57,6	3.063	4.478	46,2	292,8	674,8	130,5
NORDESTE	560,0	712,1	27,2	1.015	3.196	214,7	568,7	2.275,9	300,2
MA	85,9	198,9	131,5	1.784	4.200	135,4	153,2	835,4	445,3
PI	21,5	49,3	129,1	1.756	3.511	99,9	37,8	173,1	357,9
AL	28,3	37,1	31,0	674	630	(6,5)	19,1	23,4	22,5
SE	177,0	179,5	1,4	795	4.390	452,2	140,7	788,0	460,1
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.504,0	11,2	3.824	5.643	47,6	25.798,5	42.345,9	64,1
MT	3.769,0	4.455,0	18,2	3.999	5.679	42,0	15.072,2	25.299,9	67,9
MS	1.665,0	1.749,9	5,1	3.679	5.140	39,7	6.125,5	8.994,5	46,8
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.120	73,0	4.508,6	7.715,5	71,1
DF	38,4	38,4	-	2.400	8.750	264,6	92,2	336,0	264,4
SUDESTE	814,3	834,0	2,4	2.793	4.793	71,6	2.274,5	3.997,2	75,7
MG	371,0	379,2	2,2	2.191	5.265	140,3	812,9	1.996,5	145,6
SP	443,3	454,8	2,6	3.297	4.399	33,4	1.461,6	2.000,7	36,9
SUL	2.198,3	2.391,8	8,8	5.091	5.560	9,2	11.191,5	13.298,4	18,8
PR	2.198,3	2.391,8	8,8	5.091	5.560	9,2	11.191,5	13.298,4	18,8
NORTE/NORDESTE	806,2	1.094,9	35,8	1.871	3.544	89,5	1.508,2	3.880,8	157,3
CENTRO-SUL	9.759,7	10.729,8	9,9	4.023	5.558	38,2	39.264,5	59.641,5	51,9
BRASIL	10.565,9	11.824,7	11,9	3.859	5.372	39,2	40.772,7	63.522,3	55,8

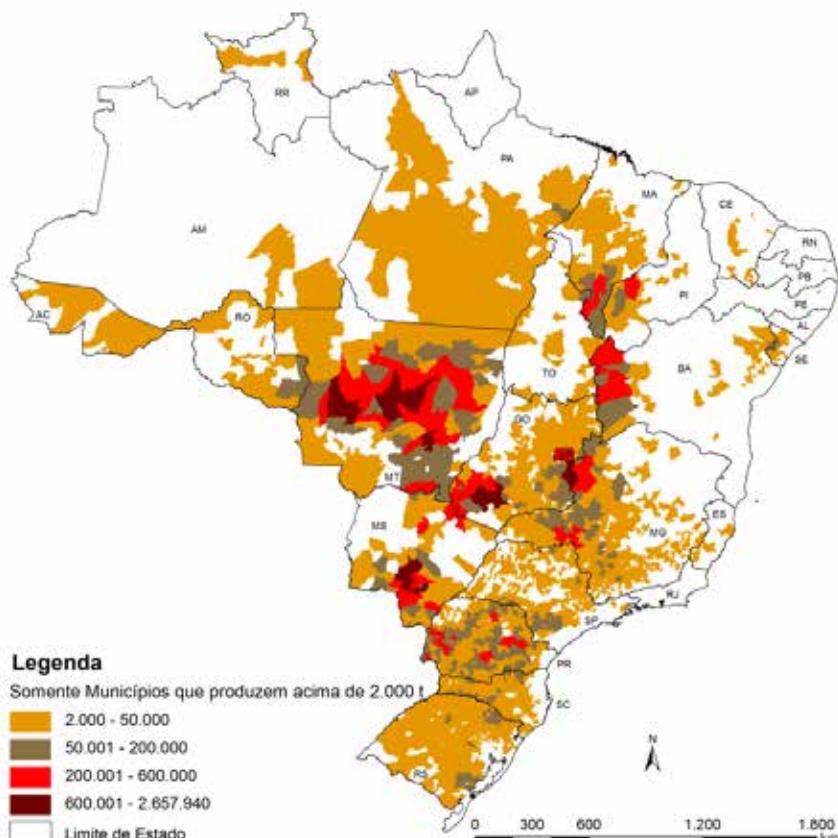
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 53 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	694,5	21,2	3.431	3.726	8,6	1.966,8	2.587,5	31,6
RR	4,6	7,5	63,0	3.036	3.450	13,6	14,0	25,9	85,0
RO	158,1	185,6	17,4	4.135	4.012	(3,0)	653,8	744,6	13,9
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	259,1	32,1	3.299	3.152	(4,5)	646,9	816,6	26,2
TO	167,6	196,6	17,3	3.223	4.545	41,0	540,2	893,5	65,4
NORDESTE	2.425,2	2.566,9	5,8	1.417	2.595	83,2	3.435,4	6.662,4	93,9
MA	354,3	485,0	36,9	2.468	4.173	69,1	874,4	2.023,8	131,5
PI	492,5	467,5	(5,1)	1.502	2.786	85,5	739,5	1.302,2	76,1
CE	460,2	508,1	10,4	356	847	137,9	163,8	430,4	162,8
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	95,1	12,4	237	558	135,4	20,1	53,1	164,2
PE	184,6	136,2	(26,2)	120	693	477,5	22,2	94,4	325,2
AL	28,3	37,1	31,1	674	630	(6,5)	19,1	23,4	22,5
SE	177,0	179,5	1,4	795	4.390	452,2	140,7	788,0	460,1
BA	618,7	629,2	1,7	2.340	3.068	31,1	1.447,9	1.930,2	33,3
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.854,0	11,1	3.996	5.749	43,9	28.244,4	45.154,0	59,9
MT	3.800,1	4.488,4	18,1	4.019	5.694	41,7	15.271,6	25.556,3	67,3
MS	1.681,0	1.777,9	5,8	3.730	5.199	39,4	6.269,5	9.243,1	47,4
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.441	52,4	6.430,5	9.795,5	52,3
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.344	99,4	272,8	559,1	104,9
SUDESTE	2.051,3	2.133,9	4,0	4.775	5.699	19,4	9.794,3	12.161,8	24,2
MG	1.208,4	1.288,6	6,6	4.900	6.048	23,4	5.921,0	7.793,0	31,6
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	829,2	0,2	4.628	5.215	12,7	3.828,5	4.324,2	12,9
SUL	3.805,4	4.097,2	7,7	6.068	6.656	9,7	23.089,7	27.270,0	18,1
PR	2.612,4	2.892,0	10,7	5.545	6.197	11,8	14.484,9	17.921,8	23,7
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.261,4	8,8	1.802	2.836	57,4	5.402,2	9.249,9	71,2
CENTRO-SUL	12.924,1	14.085,1	9,0	4.730	6.005	27,0	61.128,4	84.585,8	38,4
BRASIL	15.922,5	17.346,5	8,9	4.178	5.409	29,5	66.530,6	93.835,7	41,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 38 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	93.835,7	500,0	102.334,7	56.100,0	26.000,0	20.234,7

Fonte: Conab.

Com o início da colheita, no final de maio, tem-se observado que a produtividade média de milho tende a se confirmar acima do esperado inicialmente, vez que as condições das lavouras de segunda safra foram e

continuam sendo bem favoráveis, principalmente em Mato Grosso e Paraná.

Neste sentido, a produção inicial de 93,8 milhões de



toneladas ajudam a gerar estoques de passagem de milho em 20,2 milhões de toneladas.

Em relação às exportações, que estão estimadas em 26 milhões de toneladas, ainda não se observa suporte do mercado para um novo incremento desse número, visto que as negociações de milho no mercado interno, inclusive as negociações antecipadas, seguem travadas.

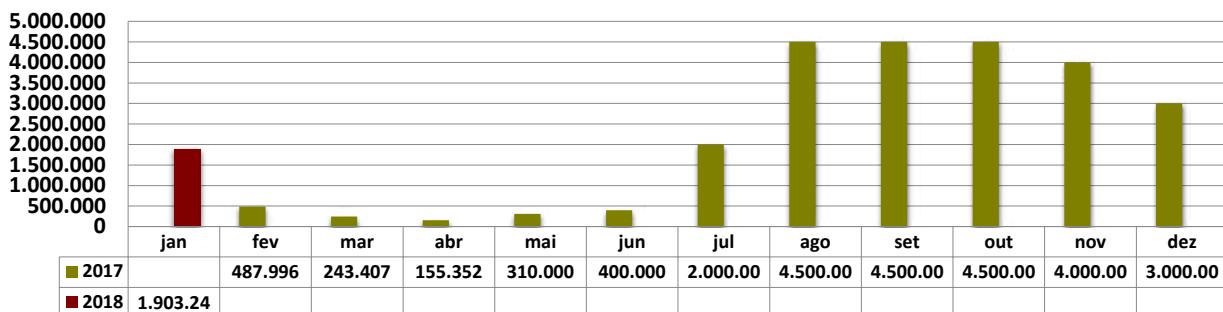
A paridade de exportação não está favorável à realização de vendas substanciais, mesmo com um leve incremento do dólar, que até chegou a se aproximar do valor de R\$ 3,40, mas não se sustentou e permanece abaixo dos R\$ 3,20.

As cotações em Chicago tiveram uma leve alta no final de maio, superando os US\$ 3,70/bushel (US\$ 145,65/t),

porém os prêmios nos portos de Santos e Paranaguá não superam US\$ 0,20/bushel (US\$ 7,87/t), tendo, portanto, a paridade abaixo dos R\$ 30,00/60kg nos portos e, de acordo com os fretes atuais, dada a movimentação nos portos para o escoamento da soja, os preços no interior do país, principalmente no Centro-Oeste, se já não estão abaixo do preço mínimo, estão se aproximando.

De acordo com a Secex, as exportações de fevereiro a maio de 2017 totalizaram um volume de 1,2 milhão de toneladas, restando 24,8 milhões de toneladas para serem embarcadas até janeiro de 2018, para fechar a previsão, ou seja, considerando de julho a outubro, como pico de exportação no Brasil, o volume de milho tende a se comportar conforme o Gráfico 47:

Gráfico 47 - Previsão de exportação mensal de milho de fevereiro/17 a janeiro/18 (mil t)



Fonte: Secex, Conab.

Nota: Estimativa de junho a janeiro

Os preços do cereal seguem em queda, tanto no mercado spot quanto no futuro. No Rio Grande do Sul e Paraná já há milho a R\$ 24,00 e 25,00/60Kg no disponível e R\$ 20,00 a 23,00/60Kg no balcão.

No oeste Baiano o preço é encontrado por volta de R\$ 22,60/60kg. Em Mato Grosso, o mercado futuro (agos-

to/setembro) continuou ofertando negócios que variam entre R\$ 12,00 e 13,00/60Kg, na região do norte mato-grossense e de R\$ 15,00 a 16,00/60kg na região sul, com poucos negócios realizados e, quando aconteceu algo fora desses parâmetros, foram situações bem pontuais.



9.1.8. Soja

O nono levantamento consolida a performance recorde da safra brasileira de soja, apresentando um crescimento na área plantada de 1,9% e uma produção de 113.930,1 mil toneladas, comparado com o observado na safra anterior. O excelente desenvolvimento da oleaginosa foi ajudado pelo comportamento do clima em praticamente todas as regiões do país.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,1% em relação ao exercício passado. Em Mato Grosso, após o período da colheita da soja, o balanço geral da safra 2016/17 está sendo considerado como bastante positivo. As condições climáticas contribuíram para a produtividade média alcançada de 3.273 kg/ha, rendimento 14,9% superior à safra anterior, que foi de 2.848 kg/ha. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou incremento de 2% na lavoura estadual de soja, saindo de 9.140 mil hectares na safra 2015/16 para 9.322,8 mil hectares na atual.

Em Mato Grosso do Sul a colheita já foi realizada e aproximadamente 53% da safra 2016/17 foi comercializada. Nos últimos trinta dias houve um aumento nos níveis de comercialização em razão da necessidade de entrega do produto para o cumprimento de contratos e parcelas de financiamentos bancários ou de outros agentes de custeio. Os produtores comercializaram parte da produção de forma antecipada para custear a produção e a outra deverá ser estocada para venda no mercado disponível. Os agricultores mais capitalizados estão à espera de melhores preços para a venda do produto no decorrer do ano. A produtividade média da cultura atingiu 3.400 kg/ha, sendo a maior registrada no estado. Essa produtividade recorde decorreu das condições climáticas ideais a partir de dezembro de 2016 e do investimento em manejo do solo e insumos. A produtividade histórica, atrelada ao aumento da área plantada nessa safra, proporcionou uma produção histórica de 8,6 milhões de toneladas, volume 19% superior ao da safra anterior.

Em Goiás a colheita foi finalizada. Na região leste do estado a colheita da soja teve seu início logo após o segundo decêndio de janeiro em áreas semeadas sob pivô central e se intensificou em áreas de sequeiro após a segunda quinzena de fevereiro e finalizada durante a primeira quinzena de abril. Na região sudoeste do estado as primeiras áreas foram semeadas durante os primeiros dias de outubro, com o início da colheita durante a segunda quinzena de janeiro. As precipitações regulares contribuíram para o estabelecimento de umidade adequada no solo durante as fases críticas da cultura. O período de diminuição das chuvas, vivenciado logo após a segunda quinzena de fevereiro, contribuiu para a maior velocidade

de colheita nessa presente safra, ao contrário do que foi vivenciado no Mato Grosso, por exemplo. Outros fatores que contribuíram enormemente para o aumento da velocidade da colheita em relação à safra passada foi o aumento do índice de plantio com variedades precoces em detrimento de variedades de ciclo tardio e a maior eficiência logística dos sojicultores em decorrência da aquisição de novas e modernas colhedoras e demais equipamentos utilizados no processo. Essa maior velocidade de colheita propicia uma melhor janela de plantio para o milho safrinha, diminuindo o risco climático para essa cultura.

A baixa incidência de pragas ao longo do ciclo da cultura, a boa distribuição de chuvas na maior parte das fases fenológicas das plantas, o maior investimento em tecnologias principalmente na aquisição de máquinas agrícolas, implementos e colhedoras modernas, foram responsáveis pelos excelentes patamares de produtividade vivenciada pelos sojicultores nessa presente safra. Porém, a comercialização encontra-se bastante lenta em relação à safra passada, estimando-se que ainda não foram fixadas 70% da soja colhida. Os atuais patamares de preços de mercado da soja comprometem a rentabilidade do negócio, obrigando os sojicultores a armazenarem seu produto por um maior tempo, na expectativa de encontrar preços recompensadores. Em decorrência desse quadro, um grande volume de soja encontra-se em unidades armazeadoras e em silos do tipo bolsa, ocupando a maior parte das estruturas do estado.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução da área plantada em relação ao ocorrido no ano anterior, atingindo 11.461,9 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. Foram boas as produtividades alcançadas devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras. No Rio Grande do Sul o percentual da área de soja colhida já chega a 97% do total, restando apenas algumas lavouras plantadas fora do período recomendado. Na região sul, Bagé é a única que ainda não finalizou a colheita. A ocorrência de chuvas (145 mm) tem prejudicado o andamento das operações, que devem ser concluídas nas próximas semanas. Na região nordeste a colheita já foi encerrada e na região noroeste restam algumas poucas lavouras plantadas após o milho primeira safra, e caso sigam as intensas chuvas na região, devem ser abandonadas. A produtividade média do estado foi ajustada para 3.360 kg/ha, uma vez que as lavouras do sul do estado mantiveram condições adequadas e não interferiram negativamente para reduzir a média geral. No norte do estado, microrregiões inteiras apresentaram rendimentos superiores aos 3.600 kg/ha,



chegando a ultrapassar os 4.000 kg/ha em regiões de abrangência de algumas cooperativas agrícolas. Por outro lado, a região sul ainda tem muito a evoluir com relação à produtividade, visto que o cultivo da soja ainda é incipiente e devem ser aprimoradas a fertilidade do solo, o manejo da lavoura e a adaptação das cultivares às condições climáticas e de solo. Além disso, existe a expectativa de aumento da soja em substituição ao arroz.

Em Santa Catarina, as lavouras de soja encontram-se com 96% das áreas colhidas, não sendo maior o percentual devido às condições climáticas desfavoráveis, que atuaram sobre todas as regiões nos últimos dez dias de maio, provocando uma desaceleração das operações. O rendimento da maioria das lavouras manteve-se inalterado em relação ao último levantamento. Contudo, em alguns poucos municípios onde o plantio ocorreu mais tarde, em sucessão ao milho primeira safra, que teve seu ciclo prolongado, a oleaginosa apresentou recuo no potencial produtivo devido ao encurtamento dos dias a partir do início do outono, resultando no menor porte das plantas e menor número de vagens por pé. Apesar disso, a produtividade deve se manter no mesmo índice do último levantamento, ao redor de 3.570 kg/ha, já que algumas lavouras apresentaram melhorias no seu potencial. Como ocorre com o milho, a comercialização segue em ritmo lento, efetuando-se apenas para quitação de dívidas e contratos de entrega futura.

No Paraná a área plantada com a oleaginosa, totalizando 5.251,9 mil hectares, encontra-se totalmente colhida, apresentando rendimentos de 3.721 kg/ha. As condições climáticas e o uso de tecnologias são os responsáveis por esta excelente produtividade. Apesar da safra recorde, com produção total 18% acima da safra passada, a comercialização está muito lenta, uma vez que os produtores estão postergando a venda, aguardando a reação dos preços. Até o momento foi comercializado somente 44% da produção total. Como consequência, o atraso na comercialização mantém os armazéns cheios, ocupando boa parte da capacidade estatística estadual.

Na Região Sudeste, alterou-se ao longo da temporada a expectativa de redução da área plantada com a oleaginosa, para um crescimento de 1,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior, decorrente, basicamente, de ajustes realizados na área plantada em Minas Gerais.

Nesse estado as lavouras já foram totalmente colhidas, de forma que a produtividade média ficou estimada em 3.466 kg/ha, 7,6% maior em relação à safra anterior. A área cultivada sofreu uma tímida redução, inferior a 1%, que não chegou a impactar na produção,

que foi de 5.046,8 mil toneladas, 6,7% maior que a safra anterior. O preço médio oscila em entre de R\$55,00 a R\$61,00 a saca de 60 quilos no estado.

Em São Paulo, a safra apresentou importante incremento na área plantada em relação à safra passada, obtendo também resultados importantes nas produtividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura. As maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições propícias para o seu desenvolvimento, ao contrário das regiões situadas no norte e noroeste do estado, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos, face ao avanço da cana. Os preços de mercado estão sendo considerados remuneradores pelo segmento e, dessa forma essa leguminosa sinaliza com um crescimento futuro, tanto de área quanto na busca por melhores produtividades.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país, 9,7%. Em Tocantins a cultura teve sua colheita encerrada neste mês, registrando uma produtividade 52,5% superior à constatada na safra passada. As lavouras se desenvolveram bem na maior parte das regiões produtoras, com a produtividade se mantendo dentro da média esperada. Apesar de não ser áreas representativas, observou-se leve redução nos índices de produtividade em razão do fato das variedades mais precoces terem sofrido com o veranico entre final de dezembro e início de janeiro, quando tais lavouras se encontravam em plena fase de formação e enchimento de grãos. No final do ciclo foi registrado aumento significativo na população e ataques de mosca branca às lavouras em diversas regiões do estado, ocasionando uma perda branda em algumas lavouras. Alguns produtores relataram média dificuldade de combate à praga. Ainda não há estimativa de aumento/redução de área para a soja destinada à semente. Essa área de soja, que foi cultivada no ano passado, já havia sofrido redução em relação a 2015/16 devido ao baixo volume hídrico dos reservatórios. Para este ano há um projeto para fiscalização do uso da água na irrigação dos tabuleiros cultivados, o que aumenta a incerteza da área a ser semeada. Espera-se, pelo menos, a manutenção da área em relação à safra passada. O prazo para o plantio de todas as culturas nas áreas subirrigadas é até o final de maio. No caso da soja semente, os produtores terão o mesmo prazo para realizar o plantio e até o dia 20 de junho para realizar o cadastro da produção estadual. Portanto, ainda é cedo para definirmos o tamanho da área de plantio, uma vez que há possibilidade de alteração até meados de junho.

Na Bahia os campos de soja estão localizados nas re-



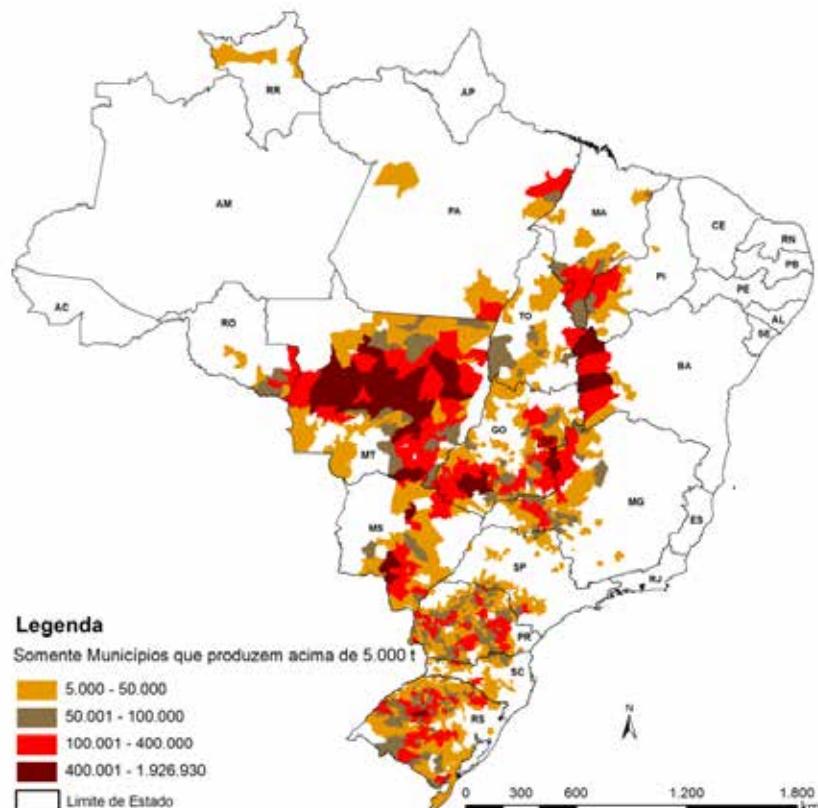
giões centro sul, no vale do São Francisco e no extremo oeste, em manejos irrigados e de sequeiro, com plantio direto e convencional, em rotação de culturas com o algodão, milho, sorgo, milheto e/ou pastagem. No centro sul estima-se o cultivo de 500 hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em dezembro e sofreram muito com a estiagem, havendo forte frustração. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 2,5 mil hectares em manejo irrigado com pivô central e em alternância com a cultura do algodão. Os plantios foram realizados em outubro e a colheita em janeiro e fevereiro. Foram colhidas 9,9 mil toneladas de grãos, com o rendimento de 4.050 kg/ha. No extremo oeste estima-se o cultivo de 1.577,5 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita está finalizada, estimando-se uma produtividade de 3.242 kg/ha e produção de 5.123,3 mil toneladas de grãos.

No Maranhão ocorreu alteração positiva de 4,5% na área plantada em relação à safra anterior, com produtividade estimada de 3.040 kg/ha e produção total de

2.498 mil toneladas. A colheita nas regiões de Balsas e Tocantina está praticamente finalizada, estimando-se que a nível estadual já tenha atingido 91% do total das lavouras. Foram observadas alterações pouco significativas em relação ao levantamento anterior, ocorrendo acréscimo de 0,3% na área e redução de 1,2% na produtividade, acarretando uma queda na produção de 0,9%. No Piauí a lavoura de soja encontra-se totalmente colhida, com grãos de boa qualidade. Nas regiões de Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Baixa Grande do Ribeiro a cultura atingiu a produtividade esperada pelos produtores. Já na região de Bom Jesus, Currais, Palmeira do Piauí e em algumas fazendas, a expectativa de produtividade não foi atingida devido a problemas com variedades, clima e pragas.

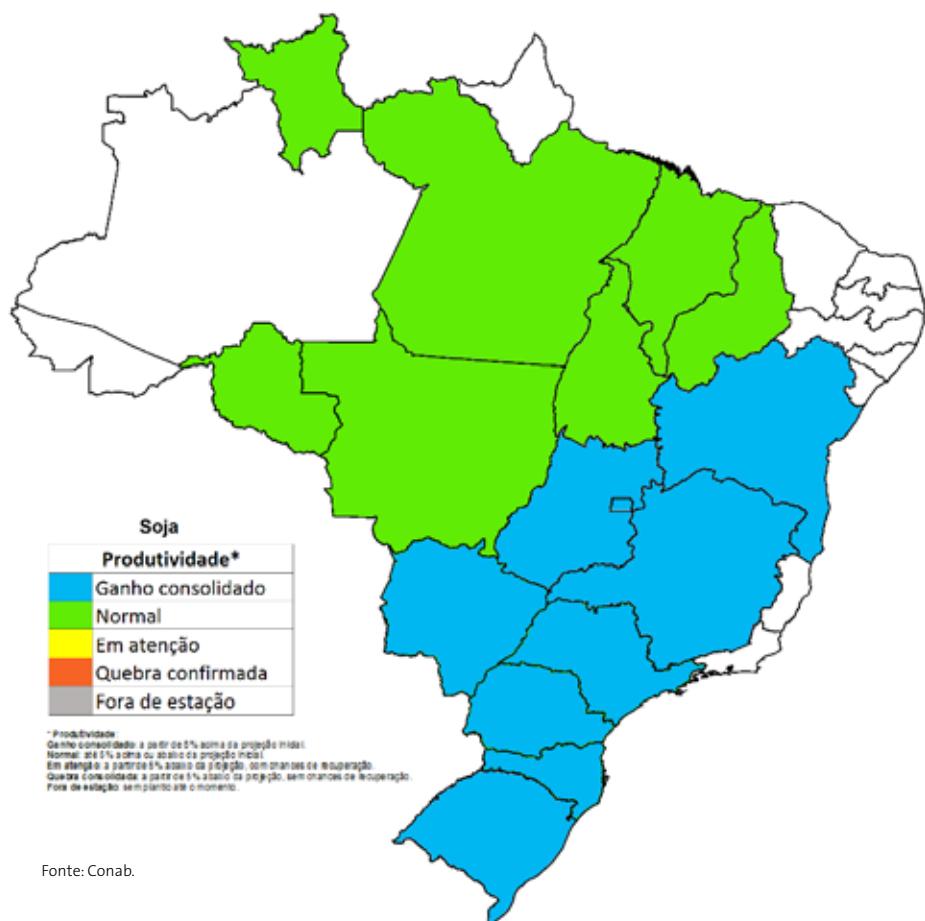
O desempenho observado nas diversas regiões produtoras nesta temporada indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,9% em relação à safra passada, totalizando 33.889,9 mil hectares, com uma expectativa de produção de 113.923,1 mil toneladas.

Figura 54 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 55– Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.789,5	13,5	2.423	3.042	25,6	3.818,9	5.443,3	42,5
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.300	-	79,2	99,0	25,0
RO	252,6	289,0	14,4	3.028	3.143	3,8	765,0	908,3	18,7
PA	428,9	509,1	18,7	3.003	3.135	4,4	1.288,0	1.596,0	23,9
TO	870,8	961,4	10,4	1.937	2.954	52,5	1.686,7	2.840,0	68,4
NORDESTE	2.878,2	3.095,8	7,6	1.774	3.123	76,0	5.107,1	9.669,4	89,3
MA	786,3	821,7	4,5	1.590	3.040	91,2	1.250,2	2.498,0	99,8
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	2.952	158,3	645,8	2.048,1	217,1
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.242	54,2	3.211,1	5.123,3	59,5
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.301	12,6	43.752,6	50.149,9	14,6
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.400	14,1	7.241,4	8.575,8	18,4
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.450	4,5	231,0	241,5	4,5
SUDESTE	2.326,9	2.351,4	1,1	3.255	3.456	6,2	7.574,9	8.126,6	7,3
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.466	7,6	4.731,1	5.046,8	6,7
SP	857,6	895,3	4,4	3.316	3.440	3,7	2.843,8	3.079,8	8,3
SUL	11.545,4	11.459,6	(0,7)	3.047	3.537	16,1	35.181,1	40.533,9	15,2
PR	5.451,3	5.249,6	(3,7)	3.090	3.721	20,4	16.844,5	19.533,8	16,0
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.570	6,9	2.135,2	2.286,2	7,1
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.360	13,1	16.201,4	18.713,9	15,5
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.885,3	9,7	2.004	3.094	54,4	8.926,0	15.112,7	69,3
CENTRO-SUL	28.797,4	29.004,6	0,7	3.004	3.407	13,4	86.508,6	98.810,4	14,2
BRASIL	33.251,9	33.889,9	1,9	2.870	3.362	17,1	95.434,6	113.923,1	19,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Oferta e demanda mundial

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no dia 10 de maio de 2017, o quadro

com a primeira estimativa de produção mundial para a safra 2017/18

a) Produção mundial

Estados Unidos, Brasil e Argentina continuam a ser os maiores produtores de soja do mundo, com aproximadamente 81,18% da produção mundial.

Para os Estados Unidos, em que pese um aumento de área um pouco acima dos 7%, a produtividade média para a safra 2017/18 deverá ser menor que a safra 2016/17, assim, a produção estimada pelo Usda poderá ser de apenas 115,8 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 1,2% em relação à safra em vigor.

Para o Brasil, a produção estimada pelo Usda, para a safra 2017/18, provavelmente fique em torno de 107

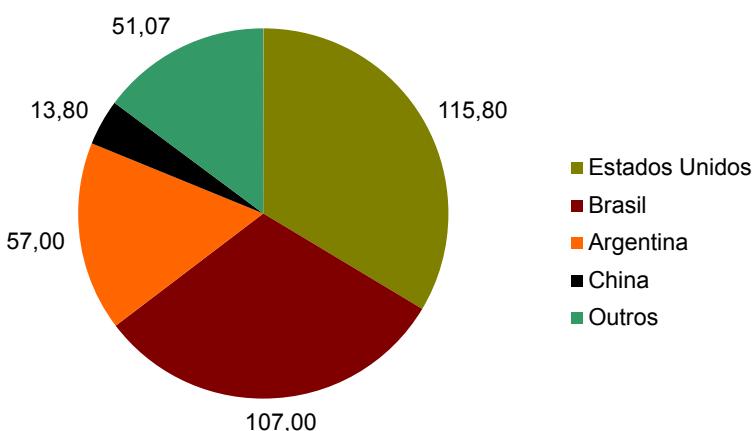
milhões de toneladas.

Como nos Estados Unidos, a área brasileira possivelmente terá um incremento de 2%, contudo, a produtividade talvez seja menor que à da safra 2016/17, portanto, a estimativa de redução de produção ficará aproximadamente 4,12%.

Não houve alteração de produção estimada para a Argentina e China -, o Usda estimou um pequeno aumento de produção de aproximadamente 7%.



Gráfico 48 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas



Fonte: Usda/maio 2016.

Nota: Estados Unidos, Brasil e Argentina são responsáveis por 81,18% da produção mundial.

Tabela 40 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra		Diferença %
	2016/17	2017/18	
Estados Unidos	117,21	115,80	-1,20%
Brasil	111,60	107,00	-4,12%
Argentina	57,00	57,00	0,00%
China	12,90	13,80	6,98%
Outros	49,33	51,07	3,54%
Total	348,04	344,68	-0,97%

Fonte: Usda/maio 2016

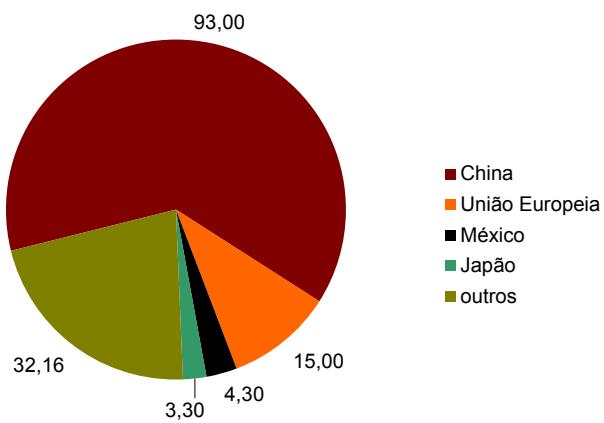
Nota: Estados Unidos, Brasil e Argentina são responsáveis por 81,18% da produção mundial.

b) Importação mundial

Para as importações mundiais de soja, o Usda estima um aumento de 4,5% nas importações de soja da Chi-

na, passando de 89 milhões de toneladas para 93 milhões de toneladas.

Gráfico 49 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas



Fonte: Usda/maio 2016.

Nota: A China e a União Européia são responsáveis por 73,08% das importações mundiais.



Tabela 41 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra		Diferença %
	2016/17	2017/18	
China	89,00	93,00	4,49%
União Europeia	14,60	15,00	2,74%
Mexico	4,20	4,30	2,38%
Japão	3,20	3,30	3,12%
outros	29,90	32,16	7,56%
Total	140,90	147,76	4,87%

Fonte: Usda/maio 2016

*Nota: A China e a União Européia são responsáveis por 73,08% das importações mundiais.

A China é responsável por 63,9% das importações mundiais, sendo importante salientar que esse aumento das importações chinesas ficam um pouco

aquém do percentual que vinha sendo observado nos últimos anos, portanto, há grandes chances de que a China venha a aumentar essas exportações.

c) Exportações mundiais

Segundo as estimativas do Usda, o Brasil continua a ser, na safra 2017/18, o maior exportador de soja em grãos do mundo, com aproximadamente 42,5% de tudo que é exportado mundialmente, todavia, para a próxima safra, tais exportações poderão chegar apenas em 63,5 milhões de toneladas.

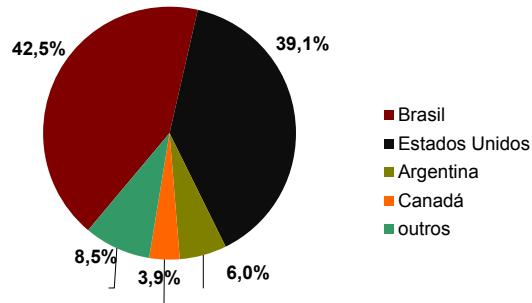
É difícil prever, neste momento, o valor real das exportações brasileiras de soja para a safra 2017/18, no entanto, o valor estimado pelo Usda é o mesmo estimado pela Conab para a safra atual e, apesar de maior

que o da safra 2016/17, estimada pelo Usda em 61,9 milhões, ainda é um número bastante conservador.

Para os Estados Unidos, o USDA estima um aumento de exportação em 5%, passando de 55,79 milhões de tonelada para 58,51 milhões de toneladas.

Apesar do aumento absoluto de apenas 1,6 milhão de toneladas, esse aumento percentual fica dentro da média praticada nos últimos anos por esse país.

Gráfico 50 - Exportações mundial de soja em grãos



Fonte: Usda/maio 2016

Nota: Brasil, Estados Unidos e Argentina são responsáveis por 87,60% das exportações mundiais.

Tabela 42 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra		Diferença %
	2016/17	2017/18	
Brasil	61,90	63,50	2,58%
Estados Unidos	55,79	58,51	4,88%
Argentina	9,00	9,00	0,00%
Canadá	4,40	5,80	31,82%
Outros	13,50	12,75	-5,59%
Total	144,60	149,56	3,43%

Fonte: Usda/maio 2016

Nota: Brasil, Estados Unidos e Argentina são responsáveis por 87,60% das exportações mundiais.

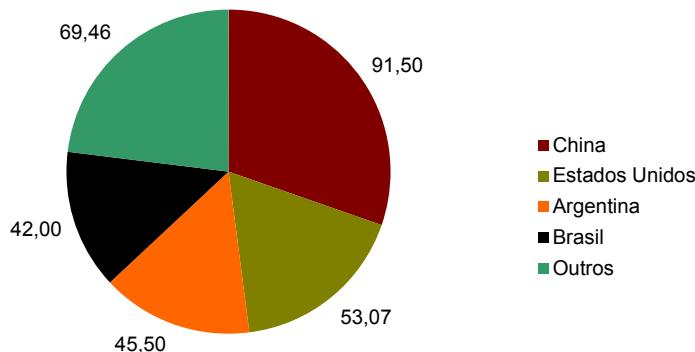


d) Esmagamentos mundiais

Os chineses continuam a ser os maiores esmagadores de soja do mundo, seguidos dos Estados Unidos, Ar-

gentina e Brasil que, juntos, são responsáveis por 77% dos esmagamentos mundiais.

Gráfico 51 - Esmagamento mundial de soja em grãos



Fonte: Usda/maio 2016

Nota: China, Estados Unidos e Brasil são responsáveis por 76,96% dos esmagamentos mundiais..

Tabela 43 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra		Diferença %
	2016/17	2017/18	
China	86,50	91,50	5,78%
Estados Unidos	52,39	53,07	1,30%
Argentina	44,80	45,50	1,56%
Brasil	41,50	42,00	1,20%
União Europeia	15,20	15,60	2,63%
Outros	50,29	53,86	7,10
Total	290,68	301,53	3,73%

Fonte: Usda/maio 2016

Nota: China, Estados Unidos e Brasil são responsáveis por 76,96% dos esmagamentos mundiais..

A China deve aumentar seus esmagamentos, na safra 2017/18, em 5,8% e, assim como as importações, esse valor estimado é um pouco abaixo da média dos últimos anos.

Por esse motivo há a possibilidade que, tanto os esmagamentos quanto as importações chinesas, venham a aumentar para safra 2017/18.

e) Estoque de passagem mundial

O principal valor a ser observado nos estoques de passagem é o dos Estados Unidos. Com uma produção de 115,8 milhões de toneladas, um esmagamento de 53,07 milhões de toneladas e exportações de 58,51 milhões de toneladas, os estoques de passagem ameri-

Para os Estados Unidos, o Usda prevê um aumento de apenas 1,3% nos esmagamentos para a safra 2017/18 e, assim como as exportações, esse valor fica dentro da média dos últimos anos.

Para a Argentina e o Brasil, aquele departamento americano prevê um pequeno aumento nos esmagamentos de 1,56% e 1,2%, respectivamente

cano, que já eram recordes para a safra 2016/17, para a próxima safra deverão ser ainda maiores, portanto, a relação estoque e consumo americano é o maior dos últimos 11 anos.



f) Preços internacionais

Os preços primeira entrega, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), que desde abril de 2017 vêm encontrando suporte no valor de US\$ 9,40/bu, fecharam o mês de maio de 2017 cotados a US\$ 9,16/bu, com o valor médio de US\$ 951,82/bu.

Apesar de fechar o mês num valor inferior ao suporte, o preço médio praticado em maio de 2017 foi um pouco melhor que o de abril de 2017, o fato mais relevante para essa alta foi o excesso de umidade nos principais estados produtores americanos, que trouxe preocupação para o mercado devido ao atraso inicial do plantio desse país.

Com plantio norte-americano voltando à normalidade e com a previsão de um aumento de área de soja advinda dos problemas das áreas plantadas de milho

que, em face do excesso de chuva citado, tende a ser substituída pelo plantio de soja. Os preços internacionais fecharam o mês em baixa.

Para o mês de junho, os preços internacionais continuaram sob influência do clima norte-americano e, a curto prazo, não existe nenhum fator relevante para que os preços voltem a subir.

Resta, então, especular qual será o novo preço de suporte na Bolsa de Chicago e até onde os preços podem baixar, lembrando que, devido aos mesmos fundamentos de mercado, de excesso de oferta no início de 2016, os preços internacionais chegaram a ser cotados a US\$ 8,50/bu e só subiram com a especulação climática na época de plantio da safra 2016/17 norte-américa.

g) Mercado nacional

Segundo a Conab, no seu nono levantamento de safras, a produção nacional de soja em grãos para a safra 2016/17 será de 113,92 milhões de toneladas.

A Secretaria de Comercio Exterior (Secex) estimou que as exportações de soja em maio de 2017 fecharam em 10,96 milhões de toneladas, assim, a soma das exportações dos cinco primeiros meses de 2017 é de 34,6 milhões de toneladas.

Esse valor é superior em mais de 3,8 milhões de toneladas ao mesmo período de 2016, porém, ainda abaixo do esperado para que as exportações do segundo semestre de 2017 não sejam afetadas pelas exportações de soja dos Estados Unidos. Portanto, assim como em 2015, onde as exportações brasileiras no segundo semestre foram altas, as exportações americanas

podem vir a ser menores devido aos baixos preços internacionais, em que pese estes valores também prejudicarem a rentabilidade dos agricultores brasileiros.

Não houve nenhuma mudança nos valores de consumo total em junho da safra brasileira com relação ao estimado anteriormente e, finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 5,42 milhões de toneladas, o maior valor dos últimos dez anos. Apesar disso, esse valor equivale a um pouco mais de um mês e dez dias de consumo interno, por isto, ainda dentro da normalidade, apesar de também ser o maior percentual de estoque consumo dos últimos 11 anos.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 632,1 mil hectares e uma produtividade de 2.937 kg/ha, com produção de 1,86 milhão de toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio e só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Goiás estão previstas diminuições de área plantada com sorgo em relação ao levantamento passado em virtude do aumento das áreas de milho segunda safra. Muitos agricultores alegam notar uma diminuição da produtividade da soja em safra com rotação

com sorgo na safrinha, como também dificuldades para o armazenamento e comercialização após a colheita do grão. Historicamente, o sorgo é plantado em rotação com a soja em áreas com solos de textura mais arenosas e em áreas onde foram plantadas lavouras de soja com ciclo médio e tardio. Na região leste de Goiás, as lavouras foram plantadas logo no início de março em áreas recém-colhidas com soja de ciclo médio, não sendo afetadas pela estiagem ocorrida em abril naquela região, e seu período reprodutivo e de enchimento de grãos foram beneficiados pelas precipitações inesperadas em maio. As plantas se encontram em plena fase de enchimento de grãos, apresentando-se vigorosas e com boa expectativa de produtividade.



Figura 56 – Lavoura de sorgo em Santa Helena de Goiás-GO



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais a cultura tem sido implantada no período de safrinha, para aproveitamento do solo, normalmente em sequência à colheita da soja precoce. O sorgo apresentou aumento de área de 12,5% em comparação com a safra passada. Alguns dos motivos para esse aumento foram: o fechamento da janela para o plantio do milho safrinha, o aumento nos preços dos tratos animais, melhor adaptabilidade ao clima quente em algumas regiões e o menor custo de produção.

Semelhante ao que aconteceu com o milho safrinha, o sorgo apresentou aumento acentuado de produtividade e produção em relação à safra anterior, de 72,4% e 94%, respectivamente. Em contrapartida, na região norte do estado houve redução de área e rendimento em relação à safra passada. Os fatores que acarretaram a redução de área foi a escassez de mão de obra para a colheita e debulha do produto assim como à substituição do sorgo granífero pelo forrageiro. Nessa região o sorgo já foi colhido. Nas demais regiões as lavouras se encontram em fase de enchimento e, na maior parte, maturação de grãos.

Em Mato Grosso do Sul o sorgo é cultivado somente na região norte/nordeste do estado. Predomina a fase de frutificação em Chapadão do Sul e Costa Rica e floração em São Gabriel do Oeste. A área total cultivada no estado é de 7,3 mil hectares, com produtividade esperada de 3.500 kg/ha. Até o momento não foi constatado casos de doenças ou pragas relevantes.

Na Bahia o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5

mil hectares e espera-se a produção de 105,2 mil toneladas. A colheita foi iniciada estimando-se o rendimento de 1.068 kg/ha. Os números da safra atual representam aumento de 11,4% na área cultivada e aumento de 18,2% na produção de grãos em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo-Oeste, em manejos irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional, e com rotação de cultura com o algodão, milho e soja.

No Centro-Norte estima-se o cultivo de 1.056 hectares em manejo de sequeiro com plantio convencional. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 57% em relação à safra passada, pois faltou chuva em algumas regiões no momento do cultivo. A colheita está finalizada e estima-se 370 toneladas, com o rendimento de 350 kg/ha. No Centro-Sul estima-se o cultivo de 24,8 mil hectares em manejo de sequeiro. A colheita está finalizada e estima-se a produção de 8,9 mil toneladas, com o rendimento médio de 360 kg/ha. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 34,2 mil hectares em manejo de sequeiro. A colheita está finalizada e estima-se a produção de 22,8 mil toneladas, com o rendimento médio de 666 kg/ha. No Extremo-Oeste estima-se o cultivo de 38,5 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado, com pivô central. A colheita foi iniciada em maio e atinge 30% da área cultivada. Estima-se a produção de 73,1 mil toneladas, com o rendimento médio de 1.900 kg/ha.



Figura 57 – Lavoura de sorgo em estágio de maturação em Barreiras-BA



Fonte: Agência Negra Comunicação.

Figura 58 – Lavoura de sorgo cultivada em torno de pivôs cultivados com milho em Barreiras-BA



Fonte: Agência Negra Comunicação.

Em Mato Grosso as chuvas têm contribuído para o bom desenvolvimento da gramínea e as condições da lavoura de sorgo são consideradas boas. A predominância do estádio da cultura encontra-se entre floração e frutificação. A estimativa para a safra 2016/17 é de área de 37,6 mil hectares, decréscimo de 23,3% em relação aos 49 mil hectares semeados na safra passa-

da. Tal recuo no espaço dedicado ao sorgo, deve-se, em grande parte, à concorrência por espaço com o milho, que nessa safra registrou incremento significativo de área. A produtividade esperada é de 2.312 kg/ha, aumento de 20,7% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior. Assim, a produção está estimada em 86,9 mil toneladas, ante às 93,8 mil da safra anterior. .



Figura 59 – Lavoura de sorgo em estádio de frutificação em Brasnorte-MT



Fonte: Conab.

Em Tocantins, nesse levantamento, verificou-se um decréscimo na intenção de cultivo do grão de 18,4% ante à safra passada. Essa redução se deve ao fato de que, na safra passada, o sorgo ocupou lugar que seria do milho, por precaução dos produtores, dada às pés-simas condições pluviométricas registradas. Apesar da redução na área ocupada, a cultura apresenta um ganho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado e espera-se uma produtividade de 13,8% maior em relação à safra passada.

Na Paraíba, o produtor tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito à exploração do sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem e feno, para o consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 0,3 mil hectares de sorgo granífero, destinado à formação de sementes. Essa cultura teve o plantio encerrado nessa safra, com

uma área de 1,3 mil hectares e produtividade estimada em 1.600 kg/ha. Toda cultura está na fase de maturação, apresentando condições regulares. Do total plantado, 70% foi realizado por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado, mas em razão das restrições pluviométricas e falta de água para irrigação, a cultura aponta para redução de produtividade.

Em São Paulo a grande vantagem econômica do sorgo é o preço menor do que o do milho, o que normalmente não é desfrutada por seus produtores, mas sim, pelos processadores, que conseguem insumos mais baratos para produção de ração (em torno de 20%) e com qualidades nutricionais semelhantes às do milho. Outro ponto positivo é o financeiro, uma vez que o país pode consumir mais sorgo na composição das rações de aves, suínos, bovinos, entre outros, liberando o excedente do milho produzido internamente para ser vendido para o mercado externo.

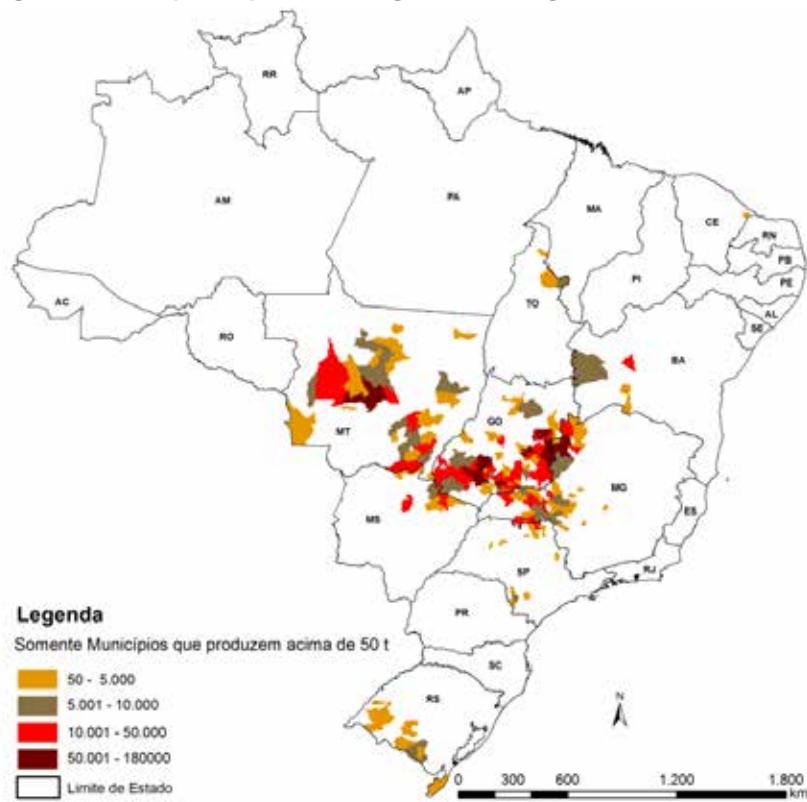
Figura 60 – Sorgo em fase de maturação em Guaíra-SP



Fonte: Conab.

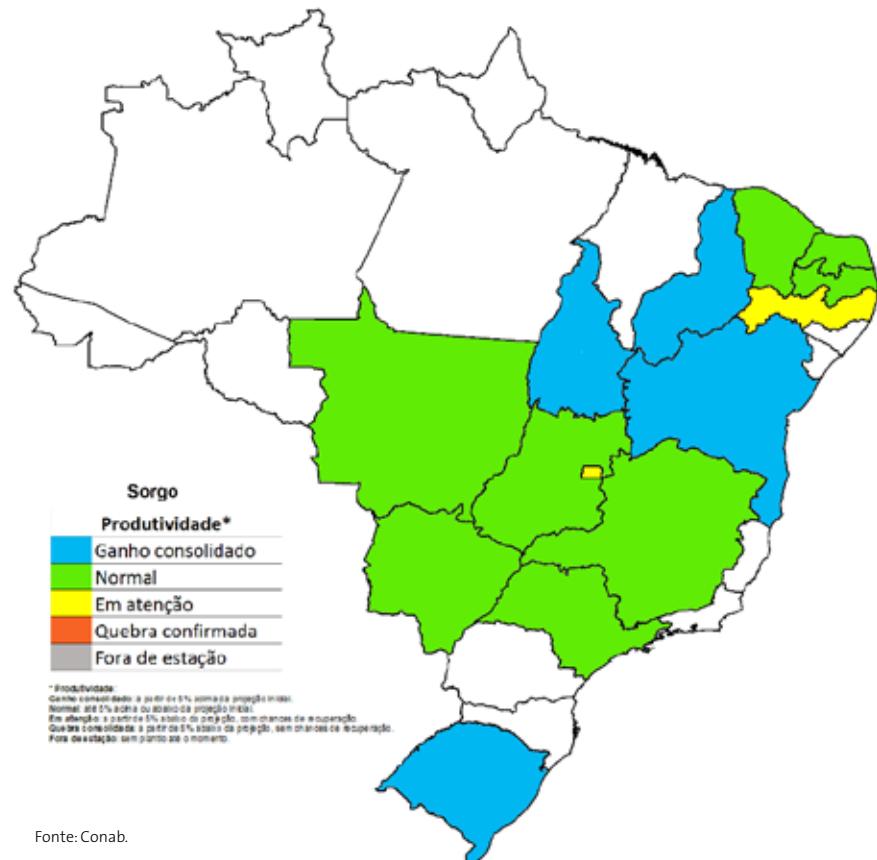


Figura 61 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 62 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

[Yellow Box] Baixa restrição - falta de chuvas [Green Box] Favorável [Orange Box] Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção-Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	20,5	(18,3)	1.687	1.920	13,8	42,3	39,4	(6,9)
TO	25,1	20,5	(18,4)	1.687	1.920	13,8	42,3	39,4	(6,9)
NORDESTE	97,1	118,3	21,8	942	1.166	23,8	91,4	137,9	50,9
PI	2,8	11,4	307,3	45	2.350	5.122,2	0,1	26,8	26.700,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	1,3	225,0	1.224	1.344	9,8	0,5	1,7	240,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.600	100,0	0,2	2,1	950,0
PE	4,5	5,1	13,3	167	155	(7,2)	0,8	0,8	-
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.068	6,2	88,9	105,2	18,3
CENTRO-OESTE	262,8	279,8	6,5	1.836	3.364	83,2	482,6	941,2	95,0
MT	49,0	37,6	(23,3)	1.915	2.312	20,7	93,8	86,9	(7,4)
MS	9,5	7,3	(23,2)	3.390	3.500	3,2	32,2	25,6	(20,5)
GO	201,0	229,9	14,4	1.700	3.500	105,9	341,7	804,7	135,5
DF	3,3	5,0	51,5	4.500	4.800	6,7	14,9	24,0	61,1
SUDESTE	185,0	204,5	10,5	2.102	3.476	65,4	388,8	710,8	82,8
MG	172,6	194,2	12,5	2.018	3.480	72,4	348,3	675,8	94,0
SP	12,4	10,3	(16,9)	3.266	3.402	4,2	40,5	35,0	(13,6)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	138,8	13,6	1.095	1.277	16,6	133,7	177,3	32,6
CENTRO-SUL	456,8	493,3	8,0	1.965	3.404	73,2	897,8	1.679,0	87,0
BRASIL	579,0	632,1	9,2	1.782	2.937	64,8	1.031,5	1.856,3	80,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.2 CULTURAS DE INVERNO

A intenção total de semeadura das culturas de inverno pelos produtores ainda não está completamente definida, havendo pouca procura por sementes e/ou linhas de crédito para o custeio. No Rio Grande do Sul a semeadura tem evoluído pouco, visto que nas últimas semanas o excesso de chuvas tem sido um empecilho, tendo sido plantado em torno de 10-20% da área de aveia, mais da metade de canola e muito pouco de

trigo e cevada. No Paraná, as chuvas atrapalharam o plantio e geraram perdas pontuais relacionadas à erosão e alagamentos, mas de forma geral, ajudaram o trigo já implantado. Somente após cessar a chuva é que se terá a real noção da área a ser cultivada com cada cultura. Por fim, muitas áreas anteriormente destinadas aos cereais de inverno podem ser destinadas à formação de pastagens para o gado.

9.2.1. AVEIA

No Rio Grande do Sul, apesar de ser uma cultura de menor risco que o trigo, as dificuldades na comercialização impedem avanço na área da aveia uma vez que

o produto possui baixa liquidez no mercado. A estimativa é que a área seja semelhante à safra anterior.

Figura 63 – Lavoura de aveia branca em fase de desenvolvimento vegetativo em Panambi-RS



Fonte: Conab.

No Paraná, o plantio já atinge 52% de uma área estimada de 64 mil hectares. O aumento de 10,3% na área em relação ao ano anterior se deve ao desestímulo dos produtores com a cultura do trigo. As chuvas bem distribuídas beneficiam as lavouras cuja produtividade esperada é de 2.439 kg/ha.

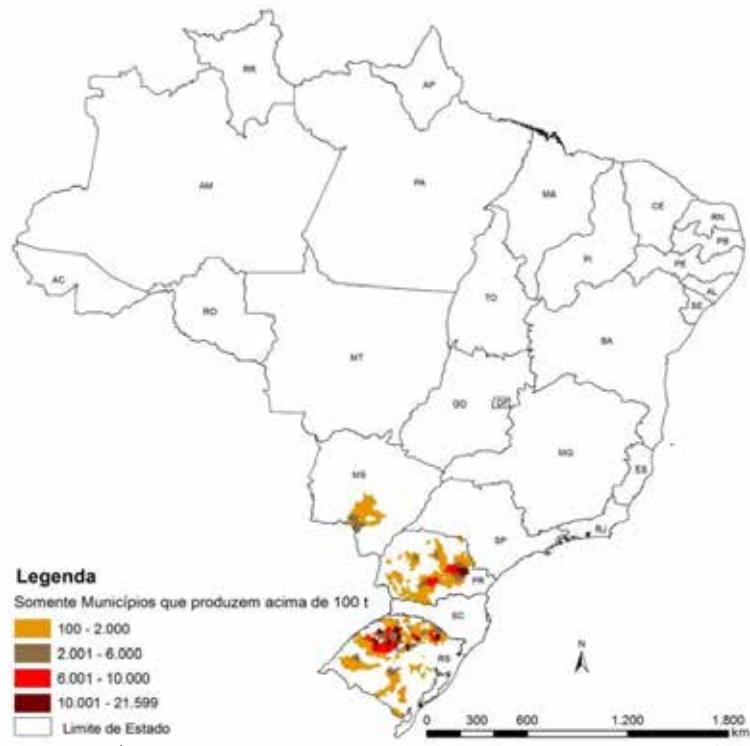
Em Mato Grosso do Sul está praticamente concretizada a semeadura da aveia e é uma das culturas de inverno no estado que vem se expandindo, tanto comercialmente quanto para outros fins como cobertura de solo e ração animal. Atualmente, por conta de o cereal atrair poucas doenças e pragas e pelas condi-

ções climáticas favoráveis à cultura, muitos produtores relatam sobre a maior rentabilidade da aveia em relação a outras culturas de inverno, além do custo de produção ser inferior.

As culturas de inverno, nas regiões sul do estado, são praticamente consorciadas entre os cultivos do trigo, aveia e nabo forrageiro, vista que muitas dessas áreas de aveia estão sendo trabalhadas com propósitos maiores de comercialização e também enfatizando a suma importância que essas culturas apresentam tanto para rotação de culturas como cobertura de solo.



Figura 64 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – aveia (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas FAVORÁVEL Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	19,0	26,7	1.500	1.500	-	22,5	28,5	26,7
MS	15,0	19,0	26,7	1.500	1.500	-	22,5	28,5	26,7
SUL	276,5	282,5	2,2	2.912	2.397	(17,7)	805,3	677,2	(15,9)
PR	58,2	64,2	10,3	2.508	2.255	(10,1)	146,0	144,8	(0,8)
RS	218,3	218,3	-	3.020	2.439	(19,2)	659,3	532,4	(19,2)
CENTRO-SUL	291,5	301,5	3,4	2.840	2.341	(17,6)	827,8	705,7	(14,7)
BRASIL	291,5	301,5	3,4	2.840	2.341	(17,6)	827,8	705,7	(14,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.2.2. CANOLA

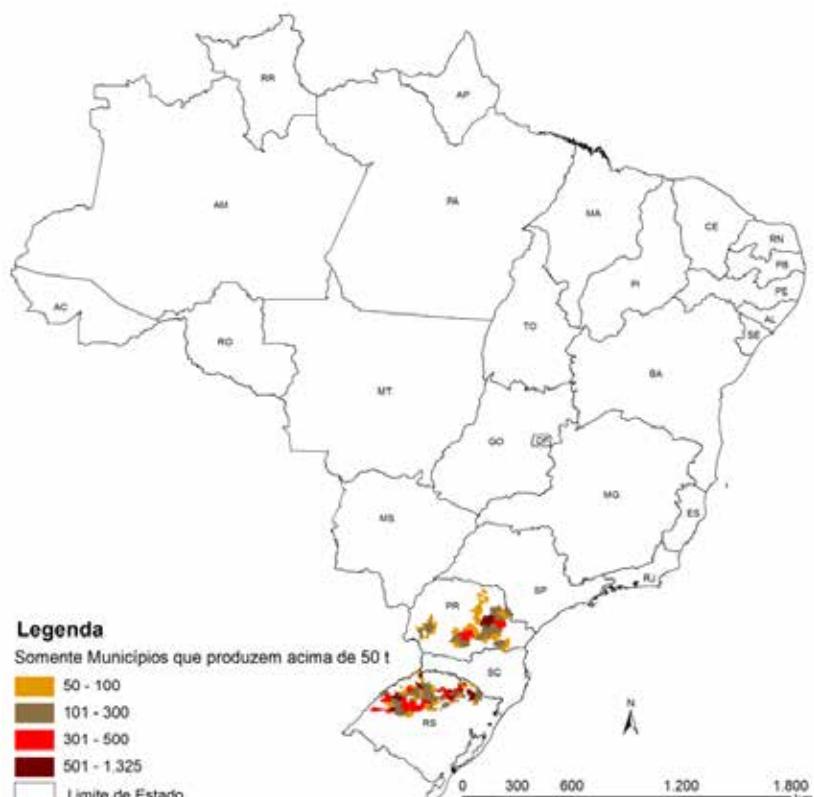
A canola deve ter leve aumento de área no Rio Grande do Sul, mas é muito dependente de contratos de comercialização com a indústria.

No Paraná o plantio teve início em abril, tendo em vista que 71% da área estimada estão semeadas. Quando comparado à safra anterior houve redução de área de 65% porque são poucos os produtores que se dedicam à cultura e quando um produtor deixa de plantar a

área é significativamente reduzida.

Espera-se uma produtividade de 1.669 kg/ha, o que representa 10,5% superior à safra anterior, porém, cabe destacar que na safra passada várias floradas da canola foram danificadas pela geada. As lavouras já existentes se encontram em germinação e suas condições são consideradas boas.

Figura 65 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	48,0	1,1	1.514	1.569	3,6	71,9	75,3	4,7
PR	6,3	4,7	(26,0)	1.479	1.669	12,8	9,3	7,8	(16,1)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.558	2,5	62,6	67,5	7,8
CENTRO-SUL	47,5	48,0	1,1	1.514	1.569	3,6	71,9	75,3	4,7
BRASIL	47,5	48,0	1,1	1.514	1.569	3,6	71,9	75,3	4,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.

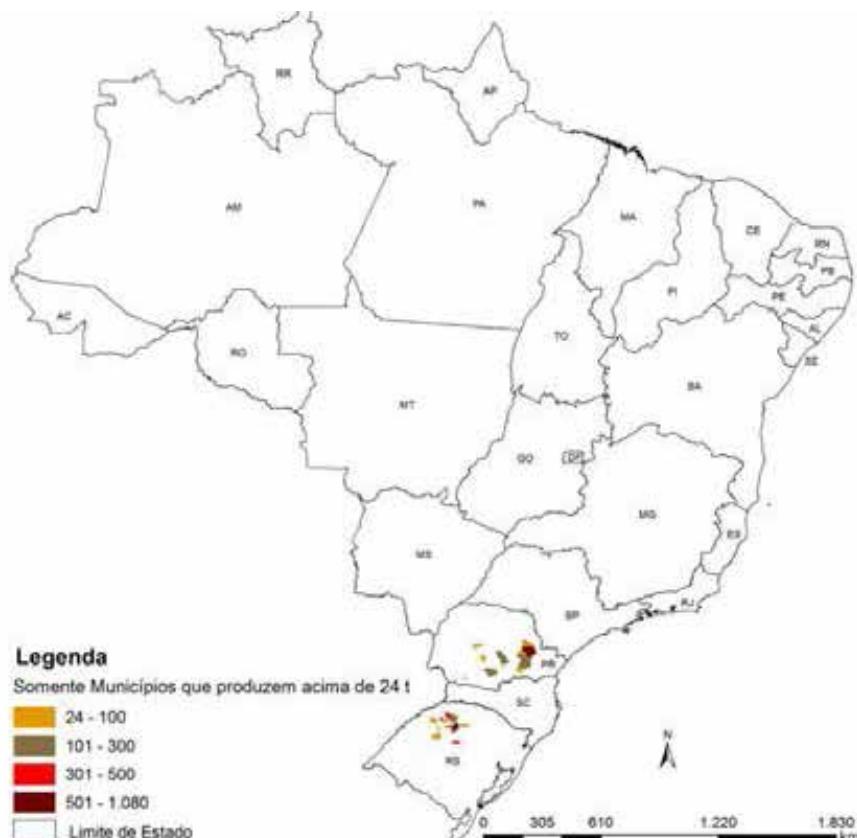


9.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. A previsão de área é de 1,5 mil hectares,

visto que 30% já está semeado. Houve um incremento de 50% na área plantada, quando comparada à safra anterior, porque no ano passado houve falta de sementes.

Figura 66 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.700	(34,6)	6,5	5,1	(21,5)
PR	1,0	1,5	50,0	2.402	2.018	(16,0)	2,4	3,0	25,0
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.367	(49,4)	4,1	2,1	(48,8)
CENTRO-SUL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.700	(34,6)	6,5	5,1	(21,5)
BRASIL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.700	(34,6)	6,5	5,1	(21,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul a cevada, cuja indústria cervejeira detém o monopsônio, deve apresentar leve aumento de área.

No Paraná o plantio do cereal é tipicamente realizado com fomento das maltarias que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. A semeadura ainda não se iniciou, e a previsão da área a ser plantada é de 53,9 mil hectares, ou seja, 26,8% superior em relação à safra anterior. Esse aumento ocorre devido aos baixos preços do trigo, fomento das maltarias e pelo ótimo desempenho da cultura na safra passada.

Figura 67 - Mapa da produção agrícola - Cevada

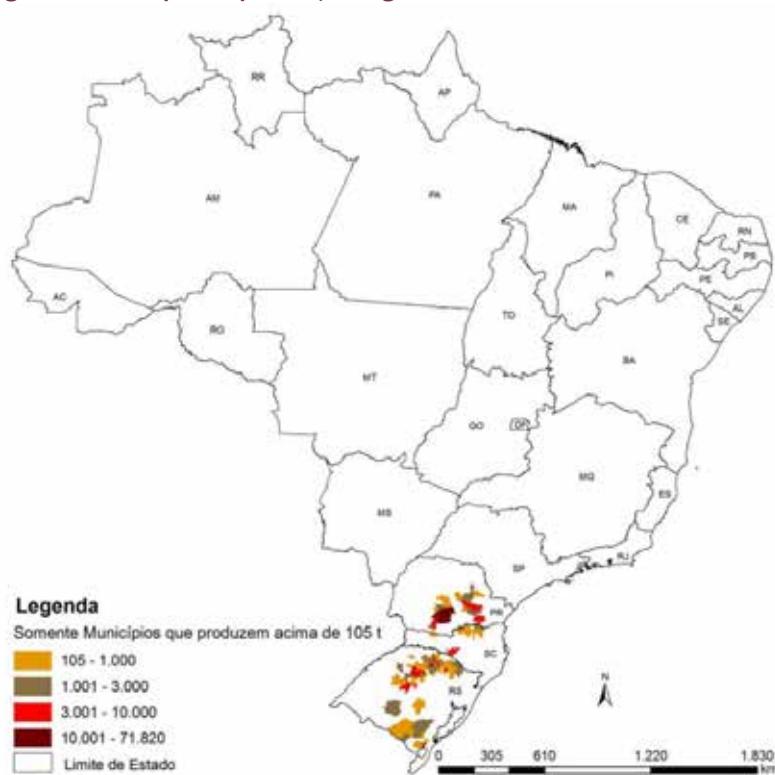


Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	112,2	17,4	3.921	3.040	(22,5)	374,8	341,1	(9,0)
PR	42,5	53,9	26,8	4.682	3.824	(18,3)	199,0	206,1	3,6
SC	1,3	1,3	-	4.800	3.175	(33,9)	6,2	4,1	(33,9)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.297	(29,8)	169,6	130,9	(22,8)
CENTRO-SUL	95,6	112,2	17,4	3.921	3.040	(22,5)	374,8	341,1	(9,0)
BRASIL	95,6	112,2	17,4	3.921	3.040	(22,5)	374,8	341,1	(9,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



9.2.5. TRIGO

No Paraná a área plantada já atinge 65% e está estimada em 991,9 mil hectares, 8,7% menor quando comparada à safra anterior. Essa redução ocorreu devido aos baixos preços vigentes do cereal. As lavouras estão boas em decorrência do clima favorável. As

chuvas ocorridas em maio atrapalharam o plantio e geraram perdas pontuais relacionadas à erosão e alagamentos, mas de forma geral, ajudaram o trigo já implantado. A estimativa de produtividade é de 2.855 kg/ha.

Figura 68 - Lavoura de trigo em desenvolvimento vegetativo em Marialva-PR



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul o trigo apresenta tendência de redução de cerca de 10% na área do estado, já sinalizada no levantamento anterior, muito em razão do baixo preço recebido pelo produto na safra passada. Em algumas regiões, porém, essa redução pode chegar a 30-40%, principalmente naquelas em que há prevalência de grandes produtores. Em regiões com presença maior de pequenos e médios produtores a tendência é de menor redução ou mesmo a manutenção da área, já que esses produtores têm a necessidade de manter alguma fonte de renda no inverno e, mesmo que a produtividade seja baixa e apenas cubra o custo de produção, haverá benefícios à cultura seguinte, nesse caso a soja. Além disso, produtores familiares têm a possibilidade de acesso ao bônus da PGPAF, o que se torna atrativo caso haja redução do preço no momento da colheita.

Em Santa Catarina a cultura ainda não teve sua semeadura iniciada, a qual deve começar a ocorrer em meados de junho, início do período recomendado pelo Zoneamento Agroclimático, estendendo-se até às primeiras semanas de agosto na região Serrana. De acordo com as informações levantadas, há intenção por parte dos produtores em antecipar o plantio do trigo em algumas regiões, aumentando em junho - dependendo das condições edafoclimáticas -, para evitar que a colheita do cereal interfira no início do plantio da próxima safra de soja. Ainda assim, a maior parte

do trigo deve ser semeada em julho (56%). A semente utilizada deve ser, em sua maior parte, adquirida junto às empresas locais, principalmente por aqueles agricultores que farão uso do crédito de custeio, buscado junto às instituições financeiras oficiais.

Apesar das informações iniciais ainda serem inconclusivas, já que muitos produtores acabaram há pouco tempo a colheita da safra de verão, os primeiros resultados mostram um recuo na intenção de plantio da próxima safra na ordem de 5%, passando de 58,1 para 55,2 mil hectares. Essa tendência evidencia o resultado insatisfatório apresentado pelo produto na última safra que, apesar dos altos rendimentos, teve seus preços deprimidos no momento da comercialização, reduzindo a rentabilidade do produtor.

Em Minas Gerais estima-se uma área cultivada de 85,8 mil hectares, da qual 13% refere-se ao irrigado e 87% à área de sequeiro. Vê-se que houve uma movimentação de área de irrigado para sequeiro em relação à intenção manifestada no levantamento anterior, quando a proporção de irrigado e sequeiro era de 20% e 80%, respectivamente. Os custos da energia elétrica, bem como a restrição de uso de recursos hídricos, motivaram essa decisão.

As expectativas são boas quando se trata de clima, visto que as chuvas de maio, somadas às baixas tem-



peraturas, contribuíram para o bom desenvolvimento da cultura. Por outro lado há uma preocupação, especialmente no Triângulo Mineiro, com a presença de Brusone.

A princípio não foram estimadas grandes perdas por causa da referida doença, entretanto, não se pode subestimá-la, visto o poder devastador desta. De forma que se admite a possibilidade de redução no rendimento e na qualidade dos grãos. Fatos que serão verificados nos próximos levantamentos, conforme o desenvolvimento da lavoura, à disseminação do patógeno e à interação entre os dois. No momento, o que se pode afirmar é que houve elevação dos custos de manejo da cultura.

O rendimento médio do sequeiro e do irrigado está

estimado em 4,85 mil kg/ha e 2,5 kg/ha, respectivamente, resultando em produtividade média estatal dual de 2,8 mil kg/ha, 7,7% maior em relação à safra 2015/2016. A produção está estimada em 240,2 mil toneladas. A área apresentou um pequeno aumento de 1,8%, resultante de expansão em alguns municípios e declínio em outros. O plantio já foi praticamente concluído. Corretores da região do Triângulo, assim como do Sul relatam escassez de semente de trigo para venda, fato que pode comprometer a finalização do plantio.

Em São Paulo, na maior parte da região ao Sudoeste do estado, como o Vale do Paranapanema, o trigo plantado em março-maio sofre os riscos dos efeitos negativos das estiagens no início do ciclo e de geadas no seu final.

Figura 69 – Lavoura de trigo em desenvolvimento vegetativo em Avaré-SP



Fonte: Conab.

A deficiência hídrica, ainda nos períodos de plantio e de espigamento, torna-se um fator de maior risco aos produtores e, consequentemente um limitante a uma maior produção desse cereal naquela região. Os produtores estão bastante desmotivados com essa cultura em face dos baixos preços de mercado. Alguns produtores migraram as áreas para o cultivo de milho safrinha.

Em Mato Grosso do Sul, com praticamente toda a área de trigo já semeada, hoje a cultura se encontra em pleno desenvolvimento vegetativo (perfilhamento) e como o clima se encontra ideal, até o momento, produtores seguem com os manejos e monitoramento constante. A única preocupação dos produtores seria uma mudança repentina nas condições climáticas, principalmente em fases de embrorrachamento e florescimento, fases mais sensíveis a mudanças climáticas. No entanto, a planta ainda se encontra pratica-

mente toda em desenvolvimento e o cereal se mostra tolerante a intempéries nesse estágio.

O levantamento presente indicou um acréscimo de área do cereal, estimada em 20 mil hectares, 12,2% em relação à safra passada, e uma perspectiva de produtividade em torno de 2.400 kg/ha. Alguns produtores tradicionais expandiram suas áreas com recursos próprios e menores investimentos.

No Distrito Federal a área cultivada com trigo será de 0,8 mil hectares, com produtividade média estimada em 6.000 kg/há, configurando, portanto, uma produção estimada de 4,8 mil toneladas. O plantio está praticamente finalizado, ocorrendo dentro do calendário previsto (20% em fevereiro e 80% em março), ultrapassando o bom estádio de desenvolvimento vegetativo. A colheita está prevista para meados de julho.



O triticultor da região central do Brasil tem como vantagem que o trigo do Cerrado é primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado, favorece também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

Na Bahia o cultivo de inverno do trigo foi iniciado em meados de maio em manejo irrigado. A expectativa de plantio é de 5 mil hectares, esperando-se o rendimento de 6.000 kg/ha (100 sc/ha) e a produção de 30 toneladas.

Figura 70 – Lavoura de trigo no estágio inicial do desenvolvimento vegetativo em Barreiras-BA



Fonte: Conab.

As plantas estão na fase inicial de crescimento vegetativo, apresentando bom desenvolvimento e boas condições de sanidade. A colheita deverá ocorrer em agosto. Os plantios se concentram no Extremo-Oes-

te em manejo irrigado com pivô central, com plantio direto e convencional. As variedades mais cultivadas são Coendetec 108 e 150 e a BRS 264 da Embrapa.

Figura 71 – Lavoura de trigo no estágio inicial de desenvolvimento vegetativo em Barreiras-BA



Fonte: Conab.



Figura 72 - Mapa da produção agrícola - Trigo

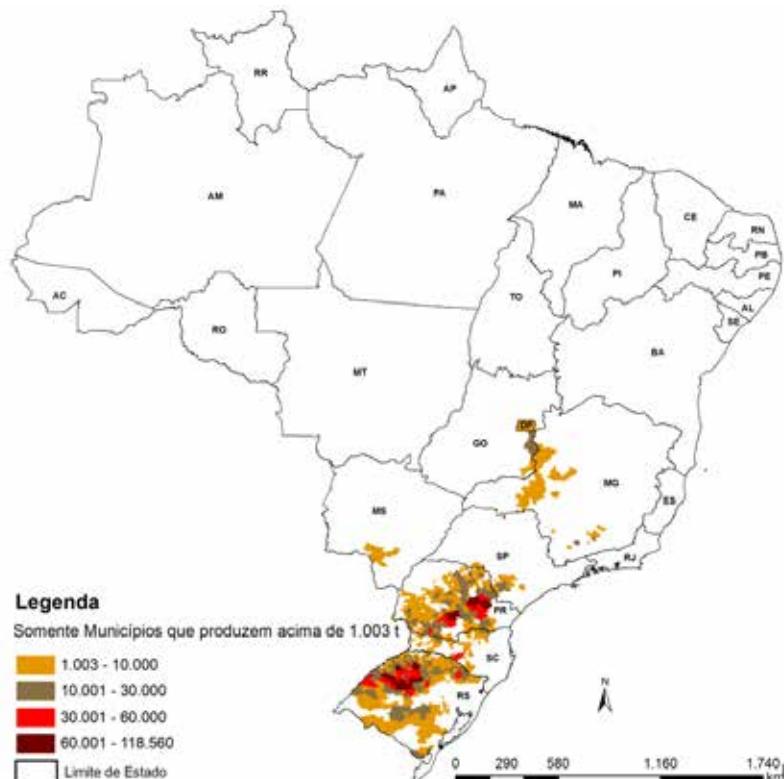


Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,8	(3,3)	3.657	3.503	(4,2)	120,3	111,4	(7,4)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.400	3,1	41,4	48,0	15,9
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	148,0	(8,1)	2.852	2.940	3,1	459,4	435,1	(5,3)
MG	84,3	85,8	1,8	2.599	2.800	7,7	219,1	240,2	9,6
SP	76,8	62,2	(19,0)	3.129	3.133	0,1	240,3	194,9	(18,9)
SUL	1.921,4	1.746,3	(9,1)	3.190	2.651	(16,9)	6.129,1	4.629,1	(24,5)
PR	1.086,4	991,9	(8,7)	3.140	2.855	(9,1)	3.411,3	2.831,9	(17,0)
SC	58,1	55,2	(5,0)	3.800	2.957	(22,2)	220,8	163,2	(26,1)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.337	(27,3)	2.497,0	1.634,0	(34,6)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.926,1	(8,9)	3.171	2.687	(15,3)	6.708,8	5.175,6	(22,9)
BRASIL	2.118,4	1.931,1	(8,8)	3.175	2.696	(15,1)	6.726,8	5.205,6	(22,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.



Quadro 12 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Catarinense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Serrana					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva  Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

9.2.5.1. OFERTA E DEMANDA

Uma vez que o ano safra no Brasil se inicia em agosto e seu término se dá em julho do ano seguinte, o fechamento do quadro de oferta e demanda nacional de trigo para a safra 2016/17 ainda não foi finalizado, pois ainda requer atualizações quanto aos volumes de importação, exportação e consumo interno do produto no período. Dessa forma, tais valores influenciam diretamente na estimativa do estoque de passagem para a safra 2017/18 e, por esse motivo, são mensalmente revisados conforme a disponibilização de dados mais atualizados.

Diante dos números divulgados acerca das importações realizadas até o momento, os valores para essa variável foram revistos em 6,92 milhões de toneladas, elevando o suprimento nacional para 14,46 milhões de toneladas na safra 2016/17. De forma análoga, estima-se uma moagem industrial de 11 milhões de toneladas e um estoque de passagem para a safra 2017/18 na ordem de 2,44 milhões de toneladas.

Em relação à safra 2017/18, cujo plantio se encontra bastante avançado no Paraná, líder na produção nacional, e em fase inicial no Rio Grande do Sul, segundo maior produtor, a expectativa é de que sejam produzidas 5,21 milhões de toneladas em todo país, o que representa uma redução de 23% em relação à safra atual. Com estoques iniciais estimados em 2,44 milhões de toneladas, será necessário importar 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Por outro lado, espera-se que o país exporte o equivalente a 800 mil toneladas de trigo, valor próximo do esperado para a safra 2016/17.

Projetando um cenário de recuperação econômica, espera-se uma moagem industrial na ordem de 11 milhões de toneladas para a safra 2017/18. Com isso, a previsão é que o consumo interno gire em torno de 11,29 milhões de toneladas, impulsionado pela ampla oferta de trigo no Brasil e no resto do mundo.



Tabela 50 - Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - Em mil toneladas - Período: Agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES(1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽¹⁾	809,3	6.726,8	6.920,0	14.456,1	700,0	11.000,0	317,7	11.317,7	2.438,4
2017/18 ⁽²⁾	2.438,4	5.205,6	7.000,0	14.644,0	800,0	11.000,0	289,7	11.289,7	2.554,3

Legenda: (1) Estimativa (2) Previsão.

Fonte: Conab.

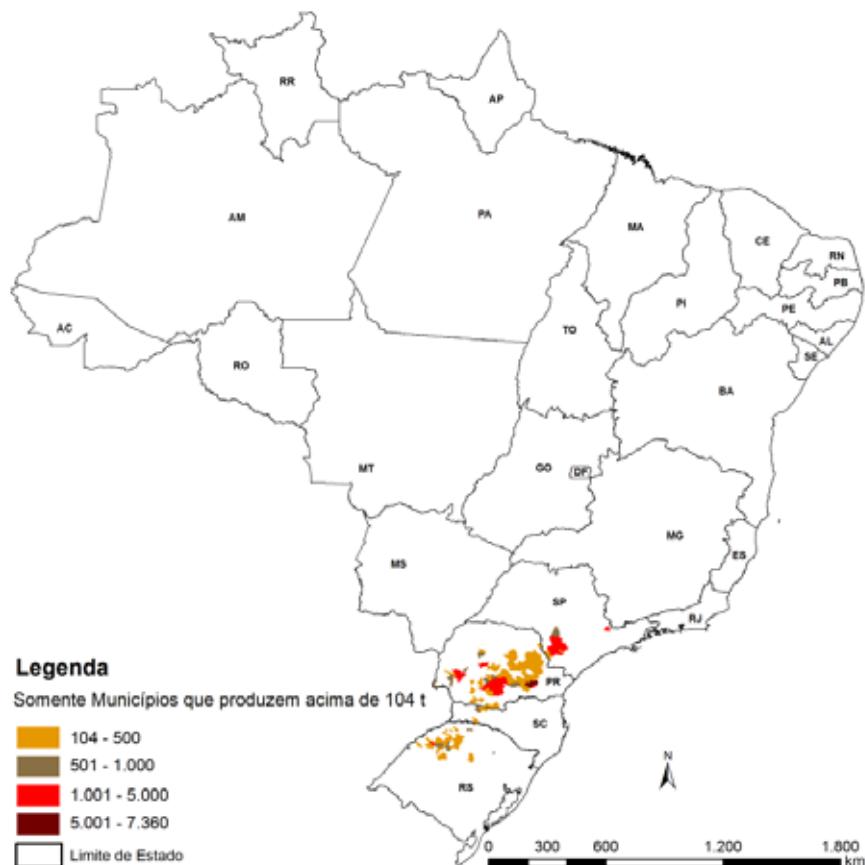
9.2.6. TRITICALE

No Paraná, da área estimada de 8,1 mil hectares a ser plantada nesta safra, 32% já se encontra concluída. Quando comparada à safra anterior, haverá redução de área de 15,7%, devido, além da pequena expressão econômica do cereal, à pouca disponibilidade de sementes. Porém, essa área ainda poderá sofrer ajustes até o final do plantio.

Em São Paulo os grãos de triticale são utilizados prin-

cipalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana. Todavia, devido ao baixo interesse na triticultura nacional e consequente queda dos preços do trigo em grão, o triticale passou a ser demandado para ração animal, em substituição ao milho devido ao menor custo de produção. Além do uso na ração animal, que varia em face das oscilações do preço do milho, há também a demanda por alimentação humana, onde é misturado ao trigo.

Figura 73 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.893	1,4	21,4	21,7	1,4
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.889	1,2	21,4	21,7	1,4
SUL	16,0	13,9	(13,1)	2.919	2.532	(13,3)	46,7	35,2	(24,6)
PR	9,7	8,2	(15,7)	3.097	2.857	(7,7)	30,0	23,4	(22,0)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.067	(23,4)	15,4	11,8	(23,4)
CENTRO-SUL	23,5	21,4	(8,9)	2.898	2.659	(8,2)	68,1	56,9	(16,4)
BRASIL	23,5	21,4	(8,9)	2.898	2.659	(8,2)	68,1	56,9	(16,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2017.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2016/17, estimada com base nos dados de produção do nono levantamento da safra de grãos 2016/17 e nos preços recebidos pelos produtores em maio de 2017, totalizou R\$ 168,26 bilhões. Esse número é 10,3% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 187,59 bilhões.

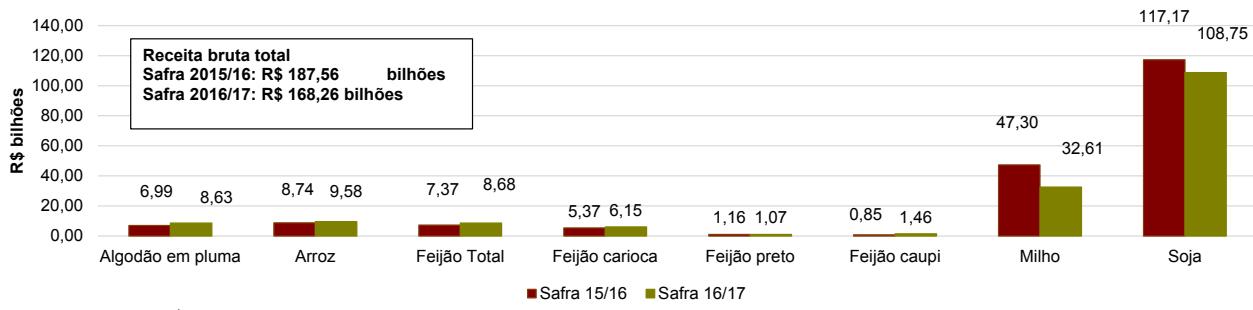
Tabela 52 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)			
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	05/2016	05/2017	Variação	05/2016	05/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,49	15,4%	15	81,37	86,96	6,9%	6,99	8,63	23,4%
Arroz	10,60	12,13	14,4%	60	49,49	47,39	-4,2%	8,74	9,58	9,5%
Feijão Total	2,51	3,39	35,1%	60	176,04	153,45	-12,8%	7,37	8,68	17,7%
Feijão carioca	1,68	2,15	27,6%	60	191,62	172,12	-10,2%	5,37	6,15	14,6%
Feijão preto	0,47	0,53	13,4%	60	147,91	120,55	-18,5%	1,16	1,07	-7,6%
Feijão caupi	0,36	0,72	97,7%	60	140,20	122,02	-13,0%	0,85	1,46	72,1%
Milho	66,53	93,26	40,2%	60	42,66	20,98	-50,8%	47,30	32,61	-31,1%
Soja	95,43	113,92	19,4%	60	73,67	57,28	-22,2%	117,17	108,75	-7,2%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	187,59	168,26	-10,3%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em junho/2017 e preços de maio de 2016 e 2017.

Gráfico 52 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

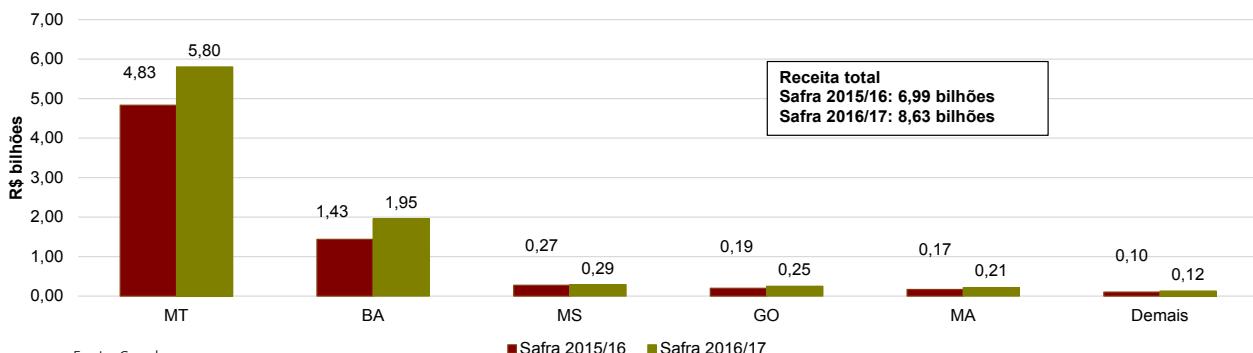
Apresentaremos, a seguir, o detalhamento dos cálculos de cada produto.

10.1. ALGODÃO

Em Mato Grosso, maior produto brasileiro da fibra (66,8% do total da safra), a produção aumentou de 880,5 para 997,7 mil (13,3%), e os preços médios recebidos evoluíram de R\$ 82,26 para R\$ 87,24/arroba (6,1%) entre maio de 2016 e 2017. Com esses dados, a estimativa da receita passará de R\$ 4,8 em 2015/16 para R\$ 5,8 bilhões 2016/17, variação de 20,2%.

Na Bahia, segundo maior produtor (21,4% do total da safra), a produção aumentou 28,8%, de 247,3 para 319,3 mil toneladas, e os preços, 5,3%, de R\$ 86,99 para R\$ 91,63/arroba. Em consequência desse comportamento, a receita bruta do algodão baiano apresenta crescimento de 36%, saltando de R\$ 1,43 para R\$ 1,95 bilhão.

Gráfico 53 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



Fonte: Conab.

Nos outros doze estados em que se produz algodão, a safra evoluiu de 161,4 para 171,2 mil toneladas, os preços aumentaram, em média, 7,2% e, consequentemente, o valor da produção dessas Unidades da Federação atingiram, na safra atual, o montante de R\$ 0,73 para R\$ 0,87 bilhão.

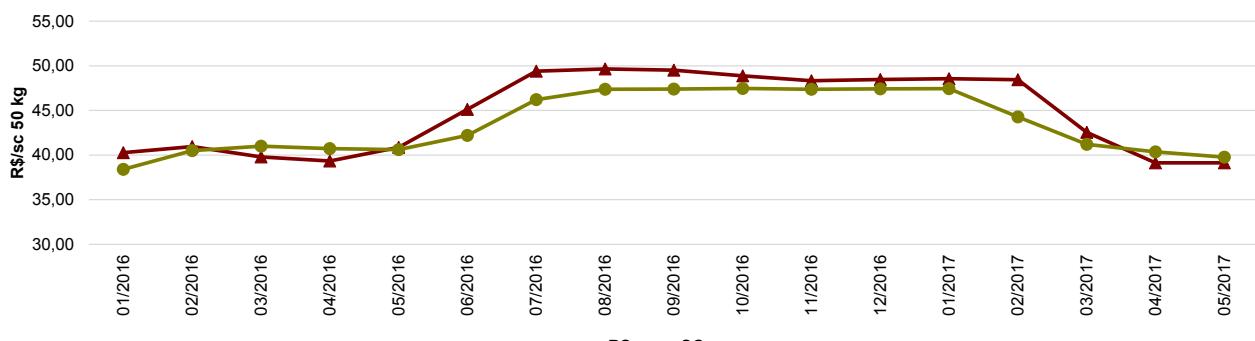
10.2. ARROZ

Este é outro produto que apresenta elevada concentração de produção (80,06%) no Rio Grande do Sul (71,01%) e em Santa Catarina (9,06%), razão pela qual

Consolidando todos os dados anteriores, conclui-se que o valor da receita bruta do algodão no Brasil deverá ser de R\$ 8,63 bilhões nesta temporada, 23,37% acima do observado na safra anterior, R\$ 6,99 bilhões.

o resultado final da receita é fortemente influenciado pelo comportamento da safra e dos preços nessas localidades.

Gráfico 54 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

Como a produção gaúcha de arroz deve aumentar 17,02%, passando de 7,36 para 8,61 milhões de toneladas e os preços médios caíram de R\$ 40,85 para R\$ 39,13 a saca de 50 quilos entre maio de 2016 e maio de 2017, a receita esperada para a safra 2016/17 no Rio Grande do Sul é de R\$ 6,74 bilhões, R\$ 0,73 bilhão ou 12,15% superior à observada na temporada passada.

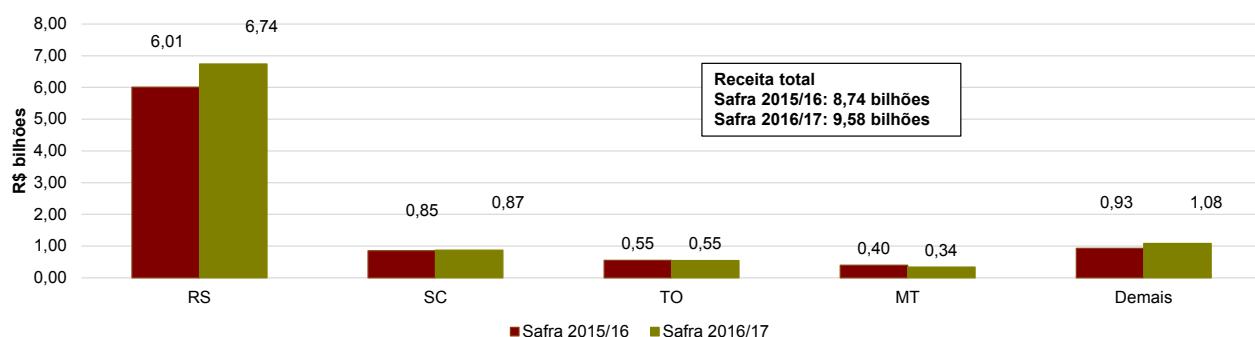
Em Santa Catarina as variações foram de menor magnitude, mas de mesmo sentido. Ou seja, a produção deve aumentar 4,4%, evoluindo de 1,05 para 1,10 milhão de toneladas e os preços médios tiveram discreta redução, saindo de R\$ 40,62 para R\$ 39,76/50 kg entre maio/2016 e maio/2017. Dessa forma, a receita catari-

nense da safra 2016/17 soma R\$ 873,4 milhões, 2,17% superior aos R\$ 854,9 milhões obtidos em 2015/16.

Nos demais estados, a produção aumenta 10,23% nessa safra, passando de 2,19 para 2,42 milhões de toneladas. Como os preços médios também cresceram 2,84%, em média, a receita bruta sobe de R\$ 1,88 bilhão para R\$ 1,97 bilhão, R\$ 86 milhões a mais do que a obtida em 2015/16.

A receita bruta estimada de arroz para o Brasil é de R\$ 9,58 bilhões na safra atual, apresentando crescimento de 9,55% sobre a cifra de R\$ 8,74 bilhões da temporada passada (Gráfico 55).

Gráfico 55 – Receita bruta da produção agrícola – Arroz em casca – safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



Fonte: Conab.

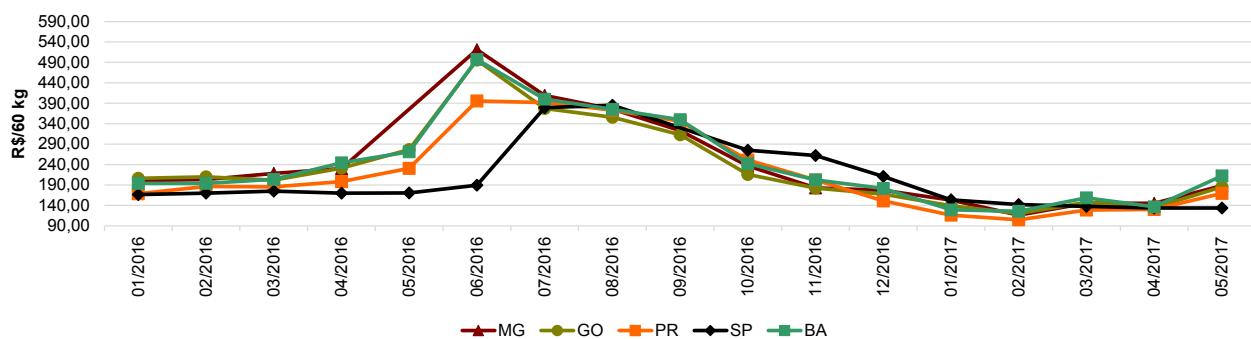


10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO CARIOSA

Encerrada a colheita da primeira safra, observa-se agora o comportamento da segunda safra que, assim como a primeira, transcorre, até o momento, dentro de normalidade climática, sem relatos de ataques de pragas e doenças que afetem significativamente a lavoura. Porém, temperaturas mais amenas ou frias podem alterar essa situação.

Gráfico 56 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017

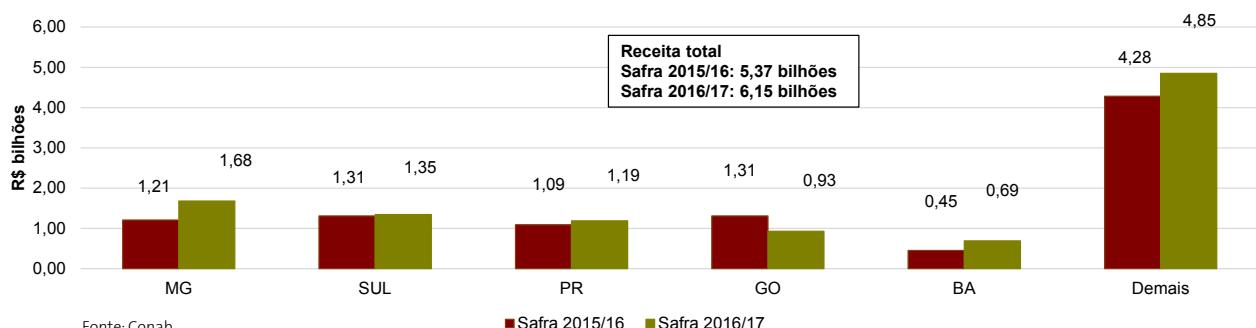


Fonte: Conab.

A redução dos preços não superou o aumento médio de 27,6% da produção e, consequentemente, a recei-

ta bruta estimada para a safra 2016/17 somou R\$ 6,15 bilhões, 14,6% superior aos R\$ 5,37 bilhões de 2015/16.

Gráfico 57 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão carioca – safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



10.3.2. FEIJÃO-PRETO

A situação do feijão-preto é semelhante à do carioca: a primeira safra foi muito boa, beneficiada pelo clima e por temperaturas favoráveis e com a segunda safra quase toda plantada. As lavouras estão nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos; porém, temperaturas mais amenas ou frias podem alterar essa situação.

O cenário de preços do feijão-preto também está parecido com o do feijão-carioca: os preços de maio

deste ano apresentam alguma queda quando comparados a abril, e abaixo das cotações de maio do ano passado.

A produção aumentou de 469,3 em 2015/16 para 532,2 mil toneladas em 2016/17, apresentando variação de 13,4%. Os preços apresentaram redução média na ordem de 18,5%, superior, portanto, ao crescimento da produção.



Gráfico 58 – Feijão preto – Preços nominais recebidos pelos produtores

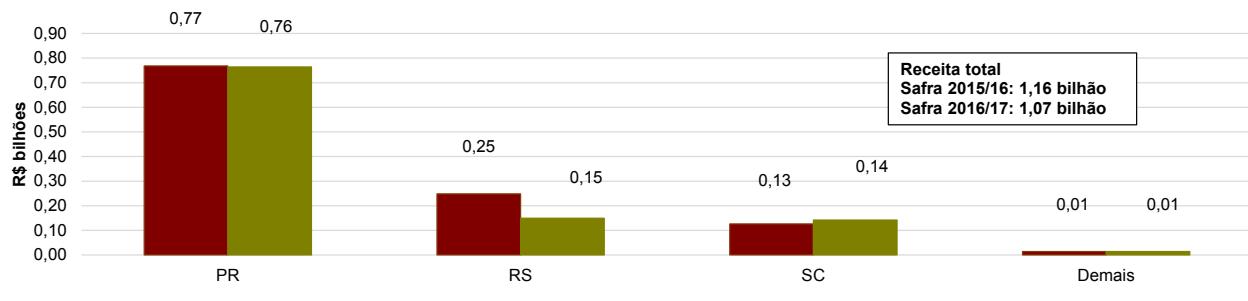


Fonte: Conab.

A receita bruta de feijão-preto na temporada atual somou R\$ 1,07 bilhão, contra R\$ 1,15 bilhão para a safra

2015/16, apresentando decréscimo de 7,6%.

Gráfico 59 – Receita bruta da produção agrícola – feijão preto – safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



Fonte: Conab.

10.3.3. FEIJÃO-CAUPI

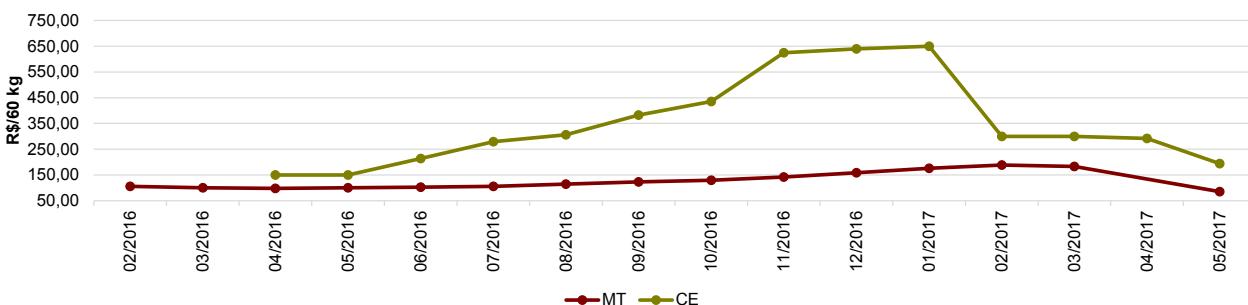
A produção de feijão-caupi será de 716,8 mil toneladas na safra 2016/17, 97,7% superior às 362,5 mil toneladas da safra passada.

Os principais estados produtores são Mato Grosso e Ceará, que têm participação de 36,03% e 15,64%, res-

pectivamente, no total.

O preço médio Brasil foi de R\$ 140,20 a saca de 60 quilos em 2016 e de R\$ 122,02 a saca de 60 quilos em 2017, apresentando queda de 13%.

Gráfico 60 – Feijão-caupi – Preços nominais recebidos pelos produtores



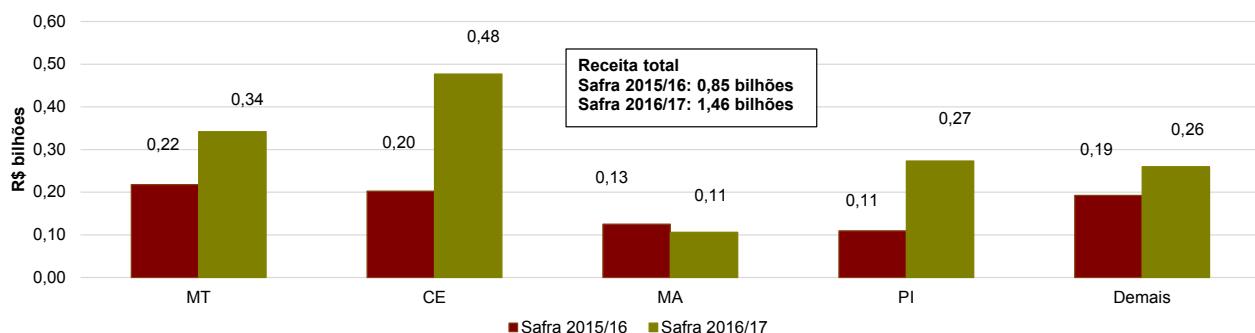
Fonte: Conab.

A receita bruta total do feijão-caupi foi estimada em R\$ 847,01 milhões na safra 2015/16 e em R\$ 1,46 bilhão

em 2016/17, com crescimento de 72,11%.



Gráfico 61 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão-caupi –safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017

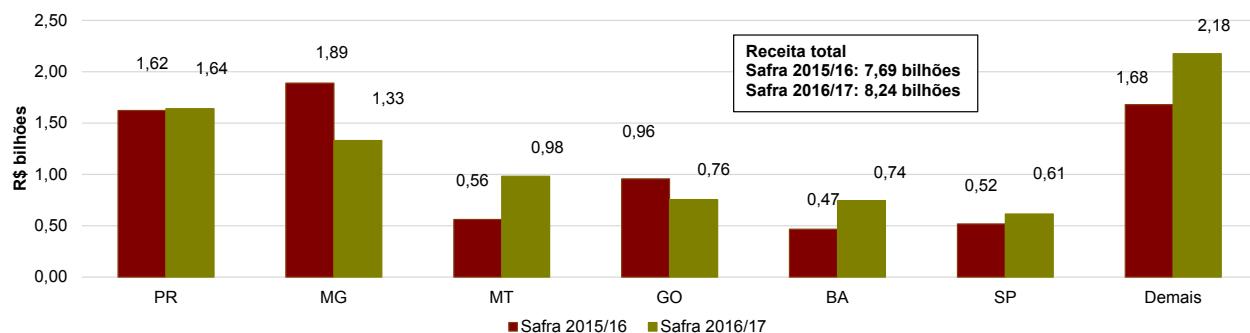


10.3.4. FEIJÃO TOTAL (CARIOCA, PRETO E CAUPI)

Agregando os valores do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a receita bruta no total de feijão de

R\$ 7,37 bilhões na temporada 2015/16 e R\$ 8,68 bilhões em 2016/17 (Gráfico 62).

Gráfico 62 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2015/16 e 2016/17 - Preços de abril/2016 a abril/2017



10.4. MILHO

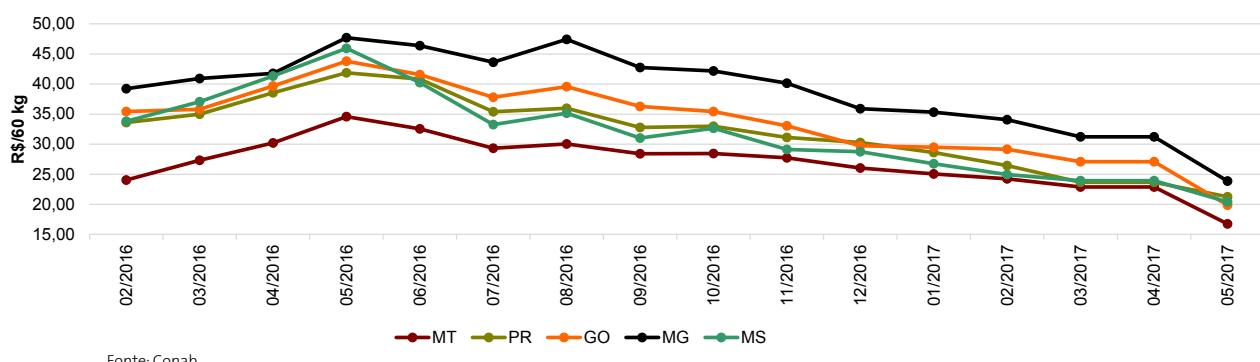
De maneira geral, a situação climática foi extremamente favorável em todos os estágios de desenvolvimento das lavouras da primeira safra, proporcionando ganhos de produtividade e aumento na produção. O quadro climático continua muito favorável para o cultivo da segunda safra e caso permaneça assim nos próximos meses, conforme previsões de institutos meteorológicos, repetem-se as possibilidades de aumento da produtividade e de produção para essas lavouras e, por consequência, para a produção total de milho.

Os dados apurados no nono levantamento de grãos indicam que a produção total de milho (primeira e segunda safras) na safra 2016/17 será de 93,26 milhões de toneladas, 40,17% superior ao de 2015/16 - 66,53 milhões de toneladas.

Os preços do produto nos principais estados produtores continuam em processo de queda e, como pode ser observado no gráfico a seguir, os dados de maio de 2017 se encontram fortemente abaixo dos valores do mesmo mês do ano anterior.



Gráfico 63 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

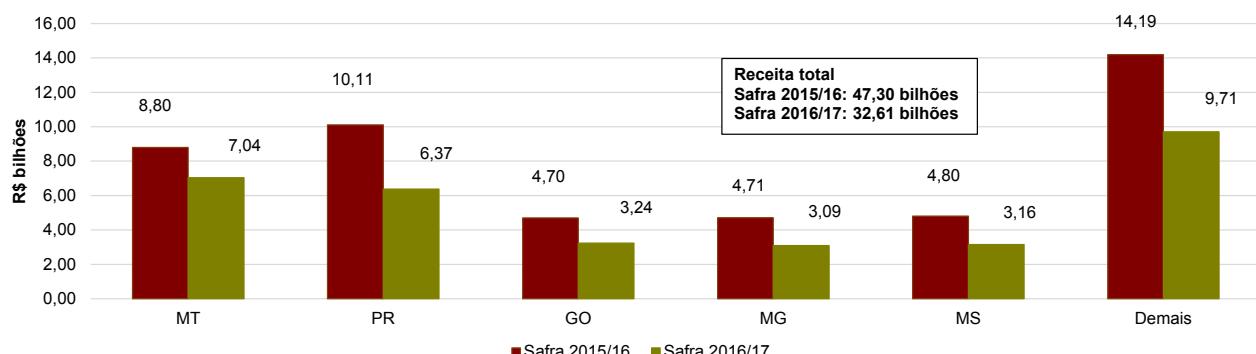


Fonte: Conab.

A despeito da queda média de 50,82% nos preços no Brasil, a receita para este ano-safra está estimada em

R\$ 32,61 bilhões, 31,06% inferior aos R\$ 47,30 bilhões de 2015/16.

Gráfico 64 – Receita bruta da produção agrícola – Milho – safras 2015/16 a 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



Fonte: Conab.

10.5. SOJA

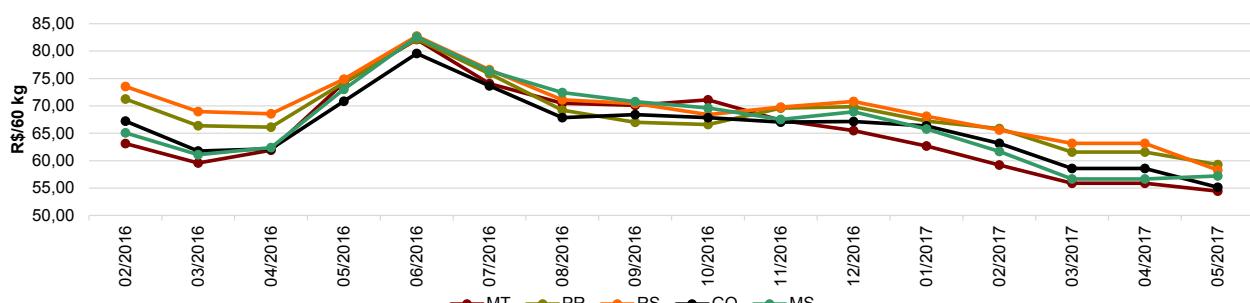
A cada levantamento de campo a estimativa de produção da oleaginosa supera a anterior. Nessa pesquisa, a previsão de colheita foi elevada para 113,92 milhões de toneladas, 1 milhão de tonelada superior ao oitavo levantamento, 19,4% acima da safra anterior e 17,44% maior do que o recorde anterior, de 96,23 milhões de toneladas verificadas na safra 2014/15.

Cabe destacar o aumento de 84,13% na produção da região do Matopiba, que evoluiu de 6,79 para 12,51 mi-

lhões de toneladas e do Mato Grosso, que passou de 26,03 para 30,51 milhões de toneladas, ampliando a safra em 4,48 milhões de toneladas entre as temporadas. Nessas duas áreas, o crescimento total foi de 10,2 milhões de toneladas.

Por outro lado, os preços recebidos pelos produtores continuaram sua trajetória de redução, influenciada, basicamente, pelo avanço da colheita nos estados.

Gráfico 65 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



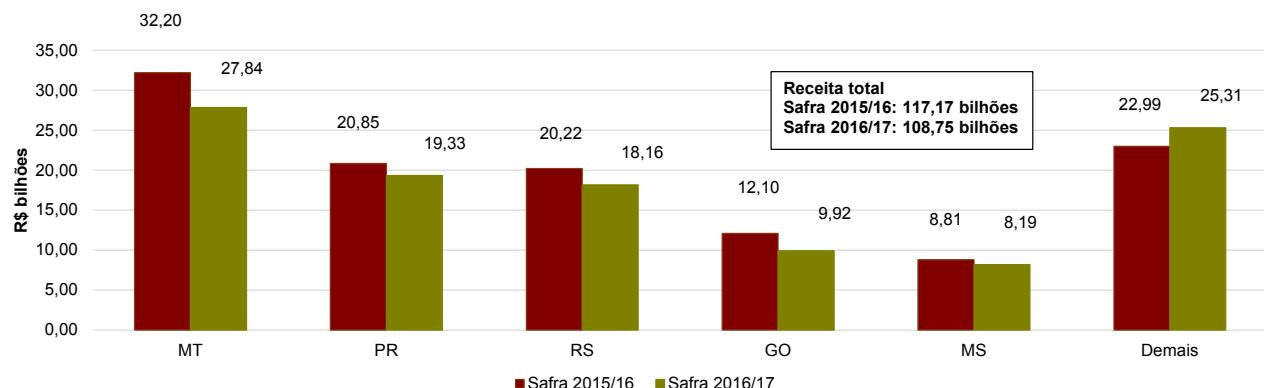
Fonte: Conab.



Em termos mundiais, a receita bruta da soja dessa safra foi orçada em R\$ 108,75 bilhões, 7,2% inferior à da

safra 2015/16, que foi de R\$ 117,17 bilhões.

Gráfico 66 – Receita bruta da produção agrícola – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17 - a preços de maio/2016 a maio/2017



Fonte: Conab.





10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

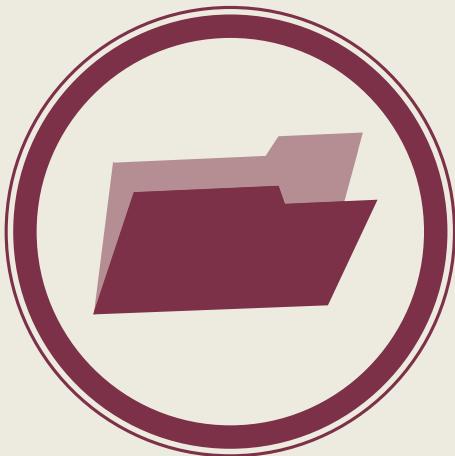
Tabela 53 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.488,0	55,0	1.744,3	700,0	630,0	414,3
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.129,9	1.000,0	13.560,7	11.500,0	1.000,0	1.060,7
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.390,8	150,0	3.726,8	3.350,0	120,0	256,8
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	93.835,7	500,0	102.334,7	56.100,0	26.000,0	20.234,7
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	113.923,1	300,0	115.699,3	47.281,0	63.000,0	5.418,3
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.443,8	1.846,3
	2016/17	1.846,3	33.110,0	1,0	34.957,3	17.000,0	15.900,0	2.057,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	66,1	8.203,8	6.380,0	1.254,2	569,6
	2016/17	569,6	8.385,0	40,0	8.994,6	6.800,0	1.550,0	644,6
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	6.920,0	14.456,1	11.317,7	700,0	2.438,4
	2017	2.438,4	5.205,6	7.000,0	14.644,0	11.289,7	800,0	2.554,3

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em junho 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





11. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

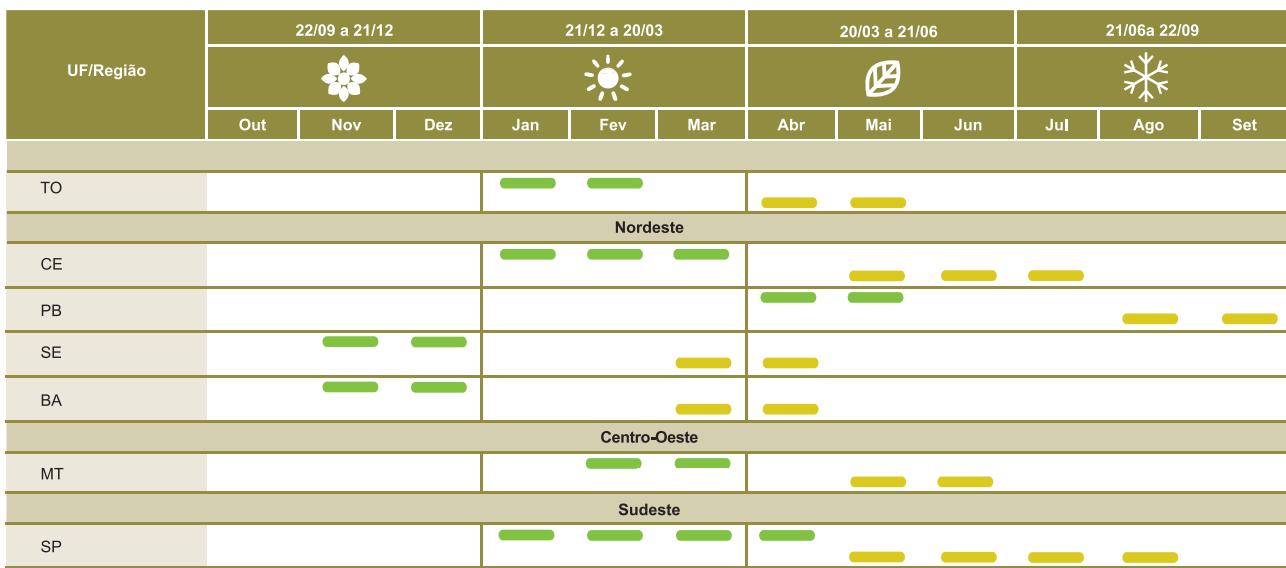
Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

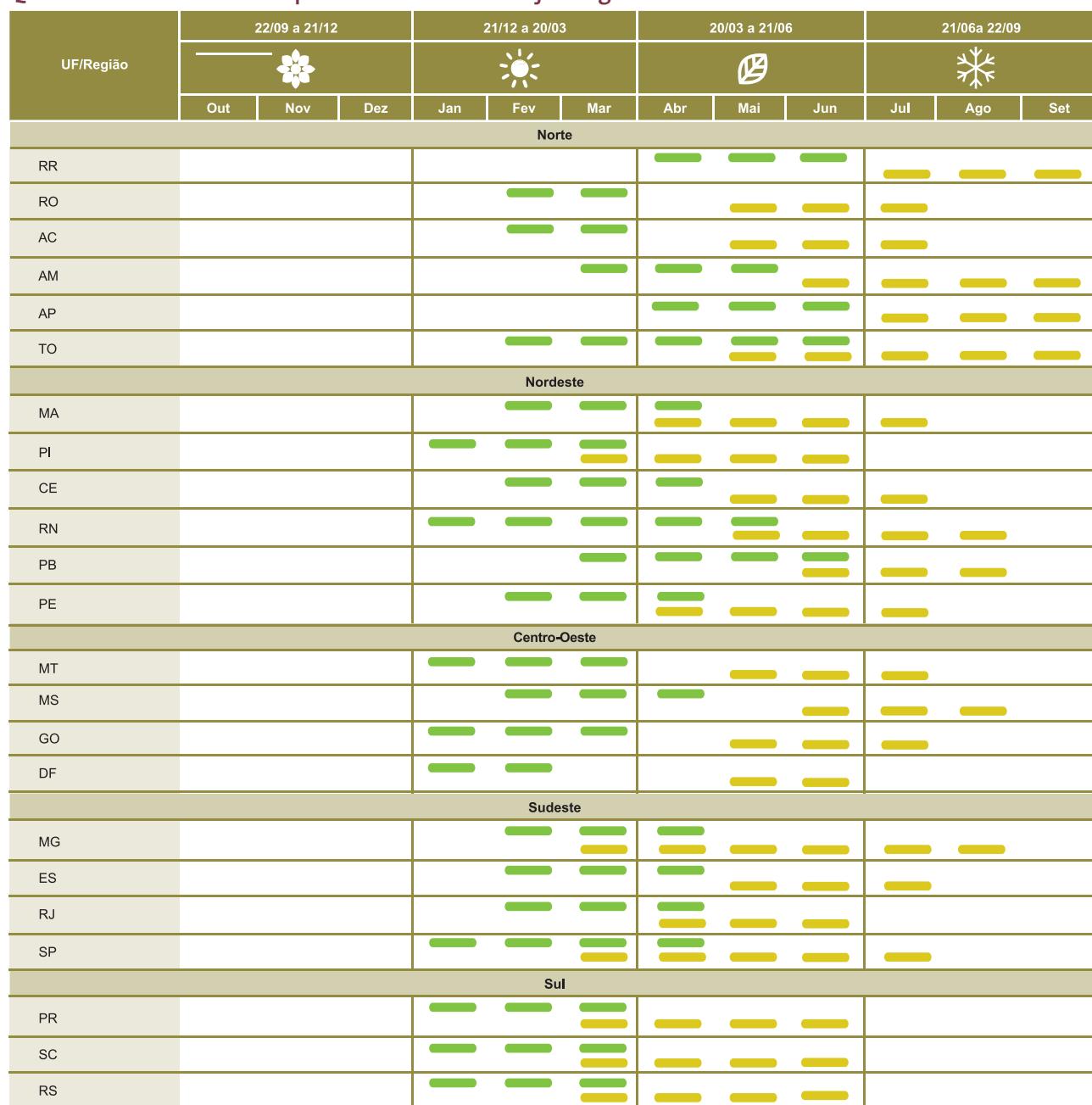
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

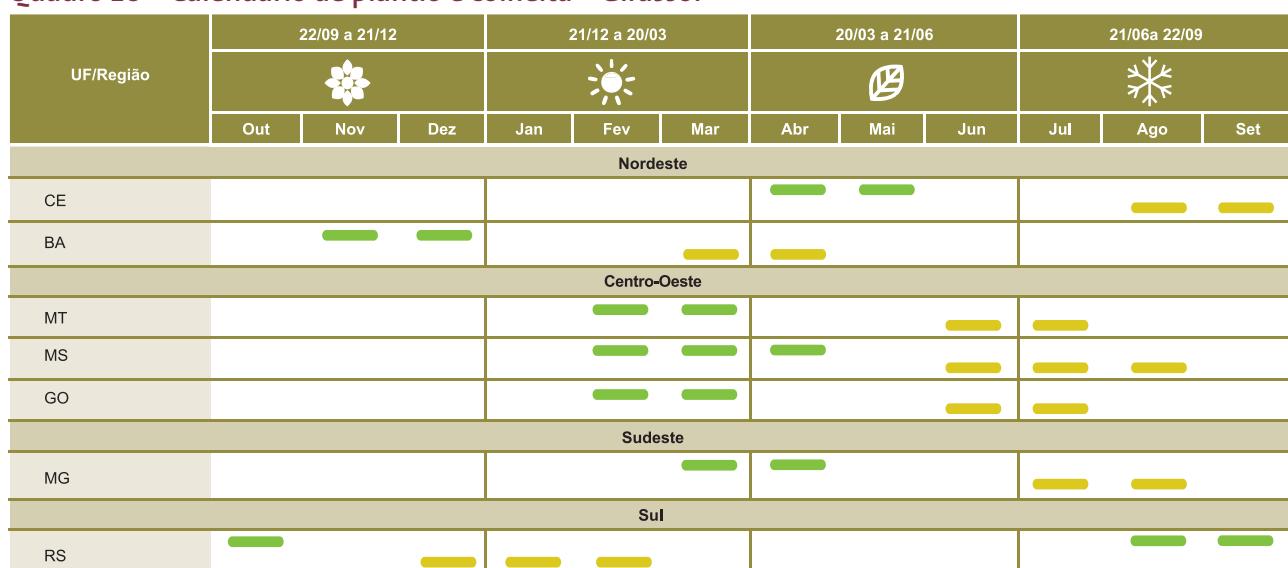
Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

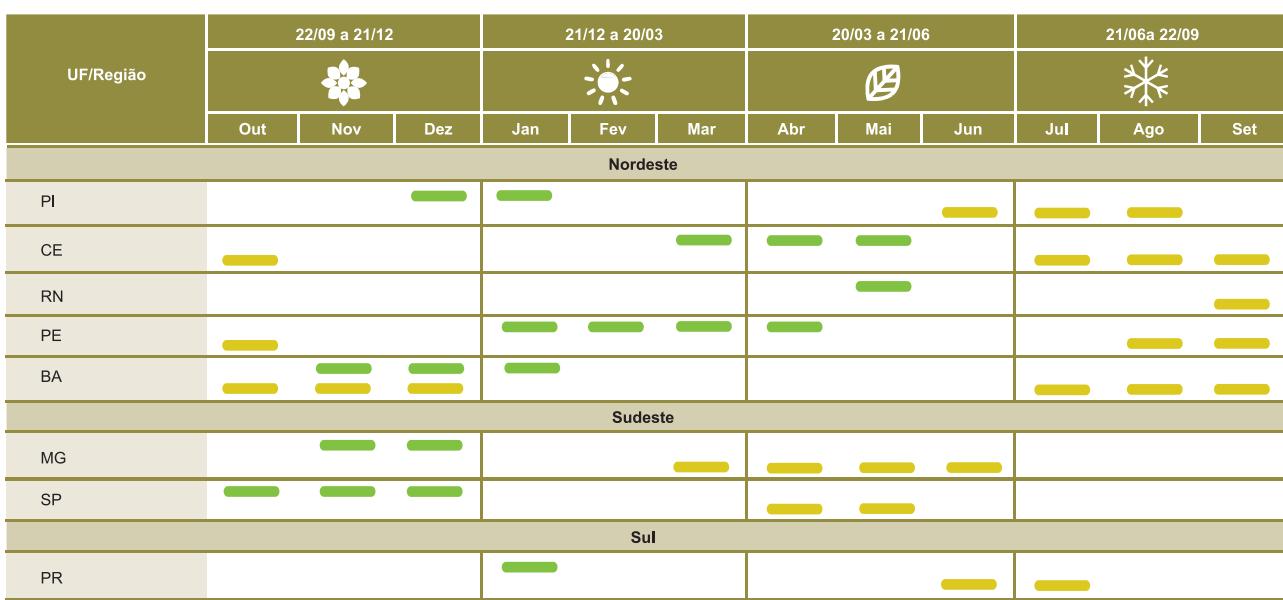


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Mamona



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



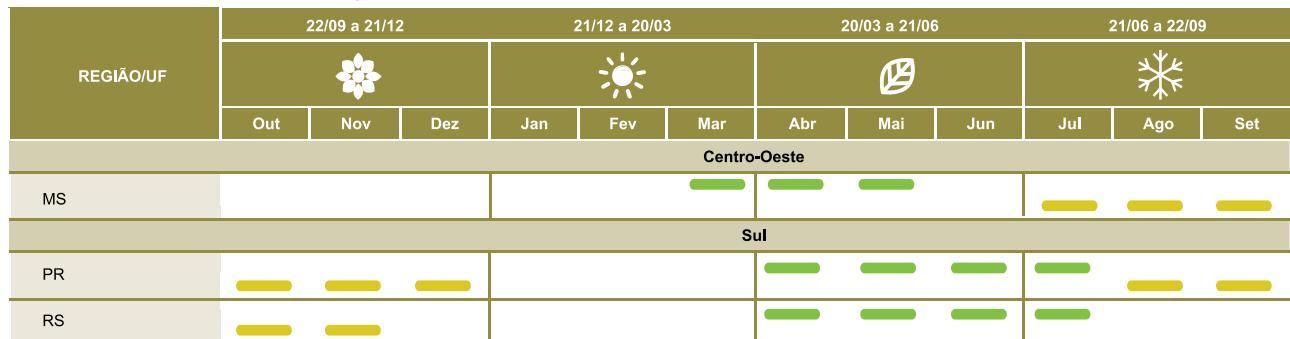
Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 30 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							 			 		
GO							  	 			 	
DF							  			 		
Sudeste												
MG					 		  			 		
SP							 			 		
Sul												
PR	  						  		 		 	
SC	  						  		 		 	
RS	  						 					

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 31 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP							  			 		
Sul												
PR	  						  					
SC	  						  		 			
RS	  						  		 			

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

